



Aldizio Francisco Lira

**TRABALHO EM OBRAS
DE MILTON HATOUM:
uma tipologia amazônica**



Temática
Editora & Cursos



rata-se de uma interpretação da obra de Milton Hatoum, renomado escritor amazonense, cujo projeto literário realiza um percurso histórico da Amazônia a partir de Manaus. O presente texto, derivado de uma dissertação de mestrado, analisa uma das características formadoras da região, o trabalho, mediante leitura atenta e um levantamento sério de tópicos comuns às quatro maiores obras de Hatoum, resultando num texto de leitura fácil, mas com densidade, podendo ser observados fatos atuais, em diálogo permanente entre o passado e o futuro da região e do País.



ISBN 978-65-5273-098-5



9 786552 730985

PUBLICAÇÃO DIGITAL



Aldízio Francisco Lira realizou mestrado no Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal de Rondônia – UNIR (2021), com bolsa da CAPES, e é licenciado em Letras pela UNIR (2009). No mestrado trabalhou sob a orientação do Prof. Dr. Júlio César Barreto Rocha. Aldízio atuou como docente na Escola Toufia Tanous Bouchabki (2009-2018), em Guajará-Mirim-RO, na Escola Daniel Berg (2024), em Cacoal-RO, e foi professor substituto no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de Rondônia – IFRO (2023-2025). Atualmente é professor de Língua Portuguesa e Produção Textual no Colégio Conceitos, em Porto Velho-RO.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2511464976580808>

Aldizio Francisco Lira

**TRABALHO EM OBRAS DE MILTON HATOUM:
UMA TIPOLOGIA AMAZÔNICA**

Temática Editora e Cursos
Porto Velho – Rondônia, 2025

Copyright © by Aldizio Francisco Lira e Temática Editora e Cursos



Temática Editora e Cursos - CNPJ 43.725.908/0001-75
Rua José de Alencar, 2868, Centro, CEP 76.801-064, Porto Velho-RO
(69) 99249-5018 | 98408-9410 (WhatsApp)
www.tematicaeditora.com.br / info@tematicaeditora.com.br

Chefe editorial

Eva da Silva Alves – Doutora em Educação – TEC – RO/Norte

Preparação de originais e revisão

Renato Fernandes Caetano

Revisão ortográfica e gramatical

José Maiko Farias Amim

Design editorial de capa

Rogério Mota

Preparação de textos

Wesllen da Silva Xavier

Conselho editorial

Renato F. Caetano – Presidente – Doutor em Antropologia Social – TEC – RO/Norte
José Flávio da Paz – Doutor em Estudos Literários – UNIR – RO/Norte
Raimundo Nonato Pereira da Silva – Doutor em Ciência Política – UFAM – AM/Norte
João Paulo Silva Martins – Mestre em Filosofia – UFAC – AC/Norte
Valéria Silva Ferreira – Doutora em Educação – UNIVALI – SC/Sul
Ivenise T. G. Santinon – Doutora em Ciências da Religião – PUC Campinas – SP/Sudeste
Juliano Xavier da Silva Costa – Doutor em Educação – La Salle – MT/Centro-Oeste
Aila Luzia Pinheiro de Andrade – Doutora em Teologia – UNICAP – PE/Nordeste
Juan Carlos Crespo Avaroma – Doutor Honoris Causa em Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural – Universidad Autónoma Del Beni – Bolívia
Maria Del Pilar Gamarra Téllez – Doutora Honoris Causa em História da Amazônia – Universidad Mayor de San Andres – Bolívia

Conselho científico de área: Linguística e Literatura

José Flávio da Paz – Doutor em Estudos Literários – URCA – CE/Nordeste
Auxiliadora dos Santos Pinto – Doutora em Letras – UNIR – RO/Norte
Roziane da Silva Jordão – Doutora em Antropologia – IFRO – RO/Norte
Miguel Nenevê – Doutor em inglês: Estudos Linguísticos e Literários – UNIR – RO/Norte
Rogério Mota – Mestre em Estudos Literários – TEC – RJ/Sudeste
José Maiko Farias Amim – Mestre em Estudos Literários – RO/Norte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L768t Lira, Aldizio Francisco

Trabalho em obras de Milton Hatum [recurso eletrônico] / Aldizio Francisco ; orientado pelo Prof. Dr. Júlio César Barreto Rocha. – Porto Velho, RO : Temática Editora e Cursos, 2025.

250 p.; PDF; 5794 MB.

Dissertação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal de Rondônia (PPGML/UNIR).

ISBN: 978-65-5273-098-5 (Ebook)

1. Literatura. 2. Milton Hatum. 3. Trabalho. 4. Amazônia. 5. Crítica literária. 6. Desigualdade social. I. Rocha, Júlio César Barreto. II. Título.

2025-3405

CDD 800

CDU 8

Elaborado por Wagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura 800
2. Literatura 8

Fomento



O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia - PROCAD/Amazônia da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES/Brasil. Rede UNIR/UFGA/UNEMAT - Projeto: "Diásporas Amazônicas: Língua, Cultura e Educação sob o Signo da Diversidade", Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia, Edital: PROCAD Amazônia - Linha 1 - n. 88887.200508/2018, vinculado ao Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal de Rondônia.

Responsabilidade de autoria

O autor assume a responsabilidade pelo conteúdo desta obra, garantindo sua veracidade, autenticidade e conformidade com as normas éticas da pesquisa científica. Além disso, assegura que todos os direitos de terceiros foram devidamente respeitados e que as permissões necessárias foram obtidas para o uso de materiais protegidos por direitos autorais. A Temática Editora e Cursos e seu Conselho Editorial não se responsabilizam por eventuais erros ou omissões nos dados apresentados, nem endossam necessariamente as opiniões expressas pelo autor.

Versão digital da obra

DOI: <https://doi.org/10.5935/978-65-5273-098-5.B0001>

A versão digital desta obra poderá ser acessada gratuitamente no DOI acima ou na página institucional da Temática Editora e Cursos: <https://www.tematicaeditora.com.br>

APRESENTAÇÃO DA COLETÂNEA PROCAD AMAZÔNIA

PALAVRA QUE NASCE DA FLORESTA

No coração pulsante da Amazônia, onde rios traçam caminhos de sabedoria milenar e as árvores sussurram línguas antigas ao vento, germinam palavras. Palavras que não apenas dizem – mas resistem, representam, reexistem. Foi nesse solo fecundo, entre águas, matas e vozes, que o *Projeto PROCAD Amazônia - Diversidade Linguístico-Cultural na Amazônia* fincou suas raízes, unindo três universidades irmãs – Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT) – em torno de um mesmo propósito: ouvir, registrar, compreender e valorizar a riqueza múltipla dos saberes que habitam este vasto território.

Esta coletânea de dissertações e uma tese, agora convertidas em livros digitais, representa um dos produtos mais significativos deste projeto interinstitucional. Cada obra aqui publicada é resultado de uma caminhada de pesquisa profundamente comprometida com as realidades culturais, linguísticas e educativas da Amazônia. São livros que revelam resultados de pesquisas que emergem da escuta atenta, do rigor acadêmico e da sensibilidade diante das múltiplas vozes que compõem a Amazônia Brasileira.

Neste cenário, destacamos que essas publicações só se tornaram possíveis graças ao apoio da CAPES, por meio do Edital n. 21/2018, que viabilizou recursos financeiros fundamentais para o desenvolvimento do PROCAD Amazônia. Ao financiar a cooperação técnica, o intercâmbio acadêmico e a mobilidade docente-discente entre as instituições participantes, a CAPES fortaleceu a pesquisa na Amazônia, permitindo não apenas a produção, mas também a divulgação

qualificada dos conhecimentos aqui reunidos no formato de livros digitais para distribuições gratuitas.

Nossos olhares se voltaram para as línguas vivas – indígenas, amazônicas, de fronteira, de sinais – que moldam identidades e revelam mundos. Para a literatura que pulsa nas margens, feita de resistência, ancestralidade e invenção. Para os saberes tradicionais dos povos ribeirinhos, quilombolas, surdos e tantos outros sujeitos históricos que compõem o caleidoscópio cultural da região. E para os desafios e esperanças da educação em contextos amazônicos, onde ensinar e aprender são também formas de cuidar.

Neste gesto coletivo, cada universidade contribuiu com o seu brilho. A UNIR, com a firmeza de quem caminha com a floresta. A UFPA, com a profundidade de quem ouve o murmúrio dos rios. A UNEMAT, com a sensibilidade de quem traduz Amazônia em palavra. Juntas, deram forma a esta coleção que ora entregamos à comunidade acadêmica e à sociedade brasileira.

Que cada leitor e leitora, ao abrir estas páginas, se deixe atravessar pelas narrativas aqui presentes. Que reconheça nelas o valor da pesquisa comprometida com o território, com as pessoas e com o tempo em que vivemos. E que, assim como nós, sinta que a universidade pública, ao ecoar as vozes da Amazônia, também aprende a dizer o mundo de outras maneiras.

Agradecemos, por fim, à CAPES, pelo incentivo contínuo à ciência e à educação no Brasil, e reafirmamos nosso compromisso com a pesquisa interinstitucional e transformadora, que se ancora nos saberes da Amazônia para pensar o presente e semear futuros possíveis.

Prof. Dr. João Carlos Gomes
Coordenador Geral do Projeto PROCAD Amazônia

SUMÁRIO

Introdução	8
Explicações conceituais	11
A caracterização ideológica dos modos de trabalho.....	12
A esfera analítica dos direitos humanos.....	32
A definição de cultura das épocas e das frações sociais da região	38
As modalidades de trabalho como critério de leitura preferencial	48
Modos e formas de trabalhar	50
A literatura de Milton Hatoum	53
Percurso biobibliográfico de Milton Hatoum	63
<i>Relato de um Certo Oriente</i>	68
<i>Dois Irmãos</i>	72
<i>Cinzas do Norte</i>	84
<i>Órfãos do Eldorado</i>	87
Modos de produção de comunidades na/ da Amazônia	93
Uma questão de tipologia.....	94
Trabalho infantil e trabalho adulto	105
Trabalho indígena e trabalho ribeirinho	118
Trabalhos setoriais.....	123
Trabalho urbano e trabalho rural.....	125
Relações de trabalho e legislações.....	136
Normas de relacionamento trabalhista nas obras de Milton Hatoum	137

Distinções culturais e trabalho.....	147
As diferentes relações de trabalho.....	153
Funcionamento trabalhista nas obras de Hatoum	157
Descrições literárias e normas vigentes	162
Uma sociedade de classes.....	171
O colonizador e o colonizado.....	171
O migrante e os nativos	181
Inconsistências legais do trabalho produtivo literário	194
A sociedade amazônica hodierna	197
As contradições evidenciadas nas obras.....	200
Considerações finais	207
Referências	210

INTRODUÇÃO

*O trabalho é a condição
básica e fundamental de toda
a vida humana.*

Friedrich Engels

Nesta obra, são abordadas questões relativas ao trabalho na Amazônia, a partir da perspectiva do escritor amazonense Milton Hatoum, em quatro de suas obras principais. Está dividida em cinco seções, nas quais se apresentam os temas na seguinte ordem:

A primeira seção, intitulada “Explicações Conceituais”, apresenta conceitos explicativos que fundamentam a compreensão do discurso de Hatoum, centrando-se no tema do Trabalho (tema principal) e em seus modos de funcionamento. Assim, é possível entender como o autor percebe o funcionamento dos espaços laborais na Amazônia, considerando o interesse na defesa dos Direitos Humanos. A compreensão da cultura local também é de extrema importância para a discursividade dos contextos trabalhados.

Na segunda seção, intitulada “Vida e Obra de Milton Hatoum”, realizou-se um levantamento biográfico do autor, considerando alguns fatos relevantes da sua vida para a compreensão de sua obra, além de apresentar a sequência de suas principais obras. Entre as obras importantes para o nosso levantamento de dados, destacam-se *Relato de um Certo Oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005) e *Órfãos do Eldorado* (2008).

Na terceira seção, denominada “Modos de Produção e Comunidades da/na Amazônia”, mediante uma tipologia contrastiva, a partir dos próprios textos do autor, observam-se

os métodos de produção na Amazônia, tal como dispostos na vivência das personagens ao longo das obras. As definições acerca de cada tipo de trabalho são levantadas para, posteriormente, localizar evidências descritivas e caracterizadoras dessas modalidades nos textos discursivos de Hatoum.

O enfoque principal da quarta seção, cognominada “Relações de Trabalho e Legislações”, volta-se às relações de trabalho presentes nas quatro obras de Hatoum, lidas com o objetivo de oferecer uma perspectivação analítica do discurso. De modo semelhante, observam-se distinções culturais e percepções singulares das modalidades envolvidas. Tanto padrões quanto empregados são examinados, e suas motivações evidenciadas, sempre levando-se em conta o contexto político-cultural de cada situação na obra.

A quinta e última seção, que recebeu o título “Uma Sociedade de Classes”, cuida da relação entre os grupos que, em alguma medida, estabeleceram relações conflituosas ao longo do percurso histórico, para que sejam observadas inconsistências entre o Trabalho, em suas diversas faces, no seio da sociedade amazônica, bem como as contradições existentes nos discursos referidos nas obras de Hatoum.

Os procedimentos metodológicos aplicados têm como base a abordagem político-cultural de Terry Eagleton e o conceito filológico-político de relações privadas, evidenciado por Júlio Rocha e empregado para a compreensão efetiva das comunidades indígenas e ribeirinhas, trabalhadas como subseção na presente obra. A leitura político-filológica será utilizada como possibilidade de percepção de como se dá, no discurso literário e no percurso das quatro obras, o

encaminhamento a favor ou contrário às diversas modalidades de funcionamento das pessoas na construção desta civilização amazônica, evolutiva, com contribuições culturais de vários povos - brasileiros e estrangeiros, autóctones e alotóctones -, em pequena parcela de contribuição do singular capitalismo local.

Em se tratando da análise propriamente dita, essa levou em consideração, como atividade inicial, a seleção das obras. O passo seguinte foi a leitura crítica e a localização das passagens nas quatro obras literárias de Hatoum, nas quais efetivamente ocorriam cenas em que os personagens desenvolviam atividades laborais. Como sequência, houve a separação dos tipos de trabalho e produção, para que se pudesse proceder à análise de cada cena inserida em seu tipo correspondente, enfatizando o interesse do autor em caracterizar questões acerca do trabalho, para criticá-las pontualmente, inclusive promovendo uma atualização do assunto, com possibilidade de busca de uma eventual extensão à sociedade brasileira, como realidade macro.

O Trabalho, enquanto tema central e objeto de pesquisa, é apresentado como uma das preocupações centrais do autor, levando-se em conta, para esta análise, correlações possíveis entre a obra, os fatos descritos na época ficcional e eventos normativos pontuais que, ao longo da história, modificaram as relações de trabalho na esfera nacional, no território brasileiro e especificamente na Amazônia.

EXPLICAÇÕES CONCEITUAIS

Graças à cooperação das mãos, dos órgãos da linguagem e do cérebro, não só em cada indivíduo, mas também na sociedade, os homens foram aprendendo a executar operações cada vez mais complexas, a propor-se e alcançar objetivos cada vez mais elevados. O trabalho mesmo se diversificava e aperfeiçoava de geração em geração, estendendo-se cada vez a novas atividades.

Friedrich Engels

Ponto inicial de nossa caminhada, acredita-se seja possível depreender da obra romanesca de Milton Hatoum, de acordo com um detalhado estudo dos eventos encontrados em suas obras sobre as relações de trabalho estabelecidas, um contexto que caracterize a modalidade de trabalho a realçar o funcionamento de diversa tipologia de modos de produção de comunidades na/da Amazônia, garantindo, porém, a incerteza da sua preservação frente ao avançar dos tempos, dado, por um lado, o isolamento social, sem que se possa garantir a presença do Estado fiscalizador, e dado, por outro lado, a pobreza geral derivada desta deixação, que não permite à burguesia local edificar uma sociedade em que o desenvolvimento possa ser sonhado, e assim permita-se evoluir acompanhando os demais parceiros de viagem, donos de restaurantes, proprietários de terra firme (com juta de sequeiro) ou alagada (regadia), clara manifestação de latifúndio e de dominação produtiva por parte, primeiro, dos senhores da propriedade e, em seguida, dos nipônicos que vieram a esta região quando da Segunda Guerra Mundial.

Nesta obra, foi aplicada uma sequência de conceitos, todos derivados da análise crítica do texto de Hatoum, cujo discurso passa por examinar, à distância, a situação laboral. Tal arrazoado torna-se contundente ao verificar a situação final de cada pessoa, presa fácil da falência, da miséria e do desgarramento familiar, como se fosse fruto do mal recíproco causados pelos personagens, mediante os desdobramentos das narrativas, havendo pouca consideração deles por uma continuidade que os vincule em direção a um futuro comum.

A CARACTERIZAÇÃO IDEOLÓGICA DOS MODOS DE TRABALHO

Dentro de uma obra literária, é possível que um mesmo personagem efetue duas ou até mais funções, a depender de como o enredo é trabalhado pelo autor. Conforme estas funções são engendradas, há modificações ideológicas no personagem. Tais alterações ajudam a construir a complexidade do personagem e de sua compreensão pelo leitor.

Tomemos por exemplo dois personagens da obra *Dois Irmãos*, os mais importantes do gênero feminino. Zana se apresenta com múltiplas funções dentro do romance: filha de Galib, esposa de Halim, mãe de Yaqub, Omar e Rânia, patroa de Domingas e Nael (papéis desempenhados num contexto familiar), além de benfeitora dos menos assistidos (papel este exercido num contexto social externo ao ambiente familiar). Cinco desempenhos distintos, que empregam ideologias diferentes e se sobressaem conforme o desenrolar da trama.

A relação entre Zana e Domingas nunca foi de efetiva cumplicidade, embora a cunhantã trabalhasse desde criança na casa dos patrões. Zana via a mãe de Nael apenas como sua fiel

escudeira, aquela que estava consigo em todos os momentos, entretanto mantendo distância das questões pessoais que envolviam sua serviçal. Isto fica evidente num evento importante da narrativa, em que a esposa de Halim vai à escola onde Omar estudava, pertencente à congregação dos salesianos¹, para tratar da agressão do caçula contra o professor Bolislau, de Matemática, que assim se sucede:

Bolislau fez a pergunta difícilima e, em resposta ao silêncio do aluno, zombou. O Caçula se levantou, caminhou para o quadro-negro, parou cabisbaixo diante do gigante Bolislau, deu-lhe um soco no queixo e um chute no saco: um petardo tão violento que o pobre Bolislau se agachou, muito corcunda, e rodopiou como um pião bambo. Não gritou: grunhiu. E na lividez do rosto os olhos claros saltavam, molhados. Houve um tumulto na sala, risos nervosos e risos de prazer, antes do silêncio, antes da chegada do irmão diretor escoltado pela matilha de bedéis. (Hatoum, 2000, p. 23).

Percebe-se que o ímpeto de Omar para agredir um professor – de forma injustificável, com toda a certeza – dentro do seu ambiente de trabalho é originado por uma humilhação efetuada pelo docente quando o filho de Zana não conseguiu responder uma questão que o próprio narrador considera

¹ A congregação salesiana é um ramo religioso pertencente à Igreja Católica. Foi fundada em 1859 por São João Bosco e aprovada quinze anos depois pelo papa Pio IX. Segundo suas Diretrizes Pedagógico-Evangelizadoras (2018, p. 10), “o estilo salesiano de educar inspira-se nos valores cristãos e pauta-se no paradigma de educar pelo amor, sob a ótica da inclusão e da reciprocidade”. Segundo o mesmo documento, é necessário auxiliar os alunos “a descobrirem e desenvolverem todas as suas potencialidades para que cheguem a ser protagonistas na construção da nova sociedade, sinal visível do Reino de Deus.”

difícilima. A reação de Omar diante do pai denota bem a satisfação, o desejo de “dever cumprido”, que lhe serve como elemento motivador para enfrentar os questionamentos de Halim:

Foi o que ele gritou ao ser expulso do colégio. Gritou várias vezes na presença do pai, desafiando-o, rasgando a farda azul, a voz impertinente dizendo: “Acertei em cheio o professor de Matemática, o mestre do teu filho querido, o que só tem cabeça”. (Hatoum, 2000, p. 23).

O ato de rasgar a farda da escola denota a confirmação do término do vínculo com o ambiente escolar, iniciado no processo de agressão e efetivado quando a direção decide expulsar Omar, por um ato que ele nem mesmo tenta esconder, já que confessa, diante do pai, com uma ponta de orgulho, ter agredido Bolislau.

O discurso empregado por Omar deixa muito claro que, ao agredir e posteriormente ridicularizar Bolislau, ele estava indiretamente atingindo seu irmão, além de deixar latente a rivalidade com Yaqub por meio da afirmação “o mestre do teu filho querido”. Também deixou clara a divisão existente dentro do núcleo familiar, no que se refere à preferência, já que induz o leitor a inferir uma possível predileção do pai pelo gêmeo mais velho².

² Este é um sentido construído dentro de várias possibilidades, como se pode ver em Orlandi (2007, p. 30): “Os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos”. Assim sendo, as construções de sentido também dependem do entendimento que o leitor possui do texto, além de outras circunstâncias, como a formação política ou mesmo religiosa. Se se levar em conta o

A evidência desta necessidade de atingir Yaquib se torna ainda mais flagrante quando percebemos que o gêmeo de Omar se forma na mesma área que seu professor, o que denota a influência de Bolislau na escolha profissional do filho exilado de Halim.

Assim que fica sabendo da agressão e se vê obrigada a deslocar-se para a escola de modo a interceder pelo filho, Zana desenvolve o papel ideológico de mãe de um aluno expulso, e argumenta com o diretor, buscando a reversão da penalidade aplicada:

Zana e Halim foram convocados pelo diretor. Só ela foi, ela e Domingas, sua sombra servil. Soltou cobras e lagartos nas ventas do irmão diretor. O senhor não sabia que o meu Omar adoeceu nos primeiros meses de vida? Por pouco não morreu, irmão. Só Deus sabe... Deus e a mãe... Ela suava, entregue ao êxtase de grande mãe protetora. Ouviram o sino bater seis vezes, o vozerio e a agitação dos internos que se encaminhavam ao refeitório, e logo o silêncio, e a voz dela, mais calma, menos injuriada. Quantos órfãos deste orfanato comem à nossa custa, irmão? E as ceias de Natal, as quermesses, as roupas que nós mandamos para as índias nas missões? (Hatoum, 2000, p. 23).

A primeira coisa a se notar é que Zana vai acompanhada da empregada, não do marido. Duas possíveis interpretações se inter cruzam num possível entendimento da situação (com evidente possibilidade de outras leituras). A primeira delas é

contexto religioso, muito provavelmente o leitor com o mínimo de base religiosa fará uma associação do texto de Milton Hatoum com a parábola bíblica do “Filho Pródigo”, constante no Evangelho segundo Lucas, capítulo 15, versículos 11 a 32; ou com a rivalidade entre Esaú e Jacó.

que Halim estava muito ocupado no dia em que a esposa foi convocada para a reunião com o diretor. A segunda diz respeito, na época cronológica em que o romance se passa, à resolução de situações decorrentes do ambiente escolar, que eram vistas como responsabilidades exclusivas do trato feminino, sendo por isso atribuição da mãe resolver brigas, discussões ou mesmo (como o caso exigia) reverter uma eventual expulsão.

Para que esta função seja desempenhada de forma correta, Zana evoca dois expedientes. O primeiro é a utilização de um discurso³ que trabalha a rememoração sentimental de um fato ocorrido com Omar meses após o seu nascimento. Para isso, ela usa a exaltação na voz como estratégia de convencimento, que, evidentemente, não demove o irmão diretor.

Em seguida, usando um tom de voz mais condizente com o local, ela decide mudar de tática, buscando convencê-lo por meio da utilização de uma narrativa que enaltece suas ações benfeitoras, mencionando os alimentos cedidos à escola para a montagem das ceias de Natal, que certamente atendiam aos alunos mais carentes e, conseqüentemente, parte da população mais carente da cidade. Além disso, havia os materiais enviados para a realização de festas juninas, cujo valor

³ Para Eni Orlandi (2009, p. 15), este termo pode ser definido como “palavra em movimento, prática de linguagem. Com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. Desta forma, todas as falas constantes em obras literárias podem ser vistas como discursos, considerando o contexto em que estão inseridas. Trazendo esta citação para o texto, a fala de Zana apresentava um objetivo evidente: a reversão da penalidade aplicada a Omar.

arrecadado era convertido em itens que contribuíam para a melhoria do ambiente escolar.

Eni Orlandi ajuda a compreender a mudança drástica de postura linguística empregada por Zana no diálogo com o irmão diretor, ao apresentar, de forma analítica, o processo de transmissão de mensagem entre o emissor e o receptor:

Não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição destes sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. (Orlandi, 2009, p. 21).

Segundo a autora, o processo de comunicação envolve sujeitos constituídos por ideologias que, aplicadas num determinado conceito e cenário, produzem sentidos diversos. Eni Orlandi se vale de um exemplo para explicar como funcionam tais ideologias e seus efeitos de sentido:

Época de eleição no campus universitário. Logo na entrada, vê-se uma grande faixa preta com o seguinte enunciado em largas letras brancas: “vote sem medo!”, seguido de uma explicação sobre o fato de que os votos não seriam identificados. Logo abaixo, o nome de entidades de representação de funcionários e professores. (Orlandi, 2009, p. 28-29).

No exemplo citado, a autora apresenta as ideologias vinculadas, primeiramente, ao uso das cores, pois “do ponto de vista da cromatografia política, o negro tem sido a cor do fascismo, dos conservadores, da *direita* em sua expressão política.” (Orlandi, op. cit., p. 29). Em contraposição, e seguindo

a linha de análise da autora, o branco representaria os liberais, a *esquerda política*. Há ainda outra análise a ser feita, relacionada ao texto escrito na faixa:

Por outro lado, as palavras “sem medo”, que parecem apoiar o eleitor em sua posição, trazem dois sentidos a elas apensos: 1. Lançam a suspeita sobre algum dos candidatos (que estaria ameaçando os que não votassem nele...) e 2. Falam em medo, sugerindo um perigo, uma ameaça. (Orlandi, 2009, p. 28-29).

Estas ideologias estariam intrínsecas à mensagem veiculada, permitindo tais interpretações, podendo (inclusive) suscitar fatos históricos, como a Ditadura Militar de 1964 e seus anos posteriores (mencionados nas obras de Hatoum), quando o medo tomou conta daqueles que ousaram questionar a aparente legalidade vigente.

A pluralidade de ideologias dentro do discurso que circunda a expulsão de Omar se torna evidente quando percebemos, aplicando esta teoria ao diálogo entre Zana e o irmão diretor, que o fato em discussão (a agressão aplicada por Omar a um docente) permitia, no contexto da análise deste excerto, interpretações e reações distintas, quando o cerne do debate era uma eventual punição, considerando também a motivação para um eventual desfecho diferenciado de seu contendor.

Enquanto o representante da escola era favorável a expulsar o gêmeo de Yaqub, a mãe lutava por uma completa absolvição, por entender que os fatos ocorridos anteriormente com seu indefeso filho (como o adoecimento estando ainda tão pequeno) eram suficientes para este perdão (e como justificativa para um temperamento irascível), esquecendo-se,

obviamente, do fato que levou a tal situação - o desentendimento com Bolislau.

Ou seja, para a genitora disposta a tudo pelo filho, o comportamento de Omar para com seu professor era insignificante perto do que o rebento já havia enfrentado no decorrer da vida. Tais fatos, segundo a análise nos permite inferir, ajudaram, no entender de Zana, a moldar a personalidade de Omar de modo a não tolerar ordens e reprimendas.

Evidentemente, ao final de sua lembrança, Zana segue sem lograr êxito, já que a agressão a um docente é vista como mácula no sistema educacional, com origem no seio familiar, onde não se conseguiu inserir os princípios de respeito ao próximo, principalmente a um superior no campo educacional. Sobre o tema, é interessante verificar os escritos de Oliveira e Martins, para quem:

A violência que se configura dentro do espaço escolar, manifestada através do comportamento dos alunos, lança professores diante da confusão da possibilidade de um ensino libertador (caso seja esta a sua proposta) e de uma realidade insuportável, na qual os educadores recorrem a expedientes autoritários e até mesmo violentadores, a fim de manter a “ordem geral”. São estabelecidas regras, controles, punições e dominações para disciplinar os alunos em estados de rebeldia. (Oliveira e Martins, 2007, p. 95).

Para o irmão diretor, a expulsão de Omar (a única ocorrida em dez anos) era necessária, como uma forma de resguardar a autoridade da escola diante de uma situação como esta. No meio da cena, o representante da instituição

mostra o boletim médico do professor Bolislau, disposto a atestar, com este documento, a validade da decisão tomada, até mesmo como exemplo a outros alunos.

Em meio a tudo isto, Domingas desempenhava uma de suas funções dentro da obra em análise: a empregada fiel e devotada, que acompanha a patroa aonde quer que esta fosse. Esta atuação é percebida quando, diante da discussão de Zana com o irmão diretor, Domingas abana a esposa de Halim para refrescá-la num dia de forte calor⁴, sem fazer qualquer comentário à situação que ocorre diante de seus olhos.

Esta ausência de comentários se manterá noutras situações presenciadas pela empregada. Haverá um subalterno com voz suficiente para narrar os fatos de *Dois Irmãos* sob sua própria perspectiva: Nael, o filho de Domingas. O fruto de uma relação que não era vista com bons olhos por Zana, realmente a voz mais forte e decisiva⁵ do par com Halim.

Como se pode inferir dos enunciados anteriores, o outro papel desempenhado por Domingas está constituído na função de mãe do personagem Nael, com quem compartilhava os serviços domésticos da casa dos patrões:

Saía a qualquer hora para fazer compras, tentava poupar minha mãe, que também não parava um minuto. Era um corre-corre sem fim. Zana inventava

⁴ “Domingas abanava o corpo da patroa. O irmão diretor suportou o desabafo, olhou para fora, para o anoitecer morno que começava a esconder o imenso edifício dos salesianos.” (Hatoum, 2000, p. 23).

⁵ “Então era isso, assim: ela, Zana, mandava e desmandava na casa, na empregada, nos filhos. Ele, paciência só, um Jó apaixonado e ardente, aceitava, engolia cobras e lagartos, sempre fazendo as vontades dela, e, mesmo na velhice, mimando-a, ‘tocando o alaúde só para ela’, como costumava dizer.” (Hatoum, 2000, p. 35-36).

mil tarefas por dia, não podia ver um cisco, um inseto nas paredes, no assoalho, nos móveis. A estátua da santa no pequeno altar tinha que ser lustrada todos os dias, e uma vez por semana eu subia à platibanda para limpar os aparelhos da fachada. (Hatoum, 2000, p. 52-53).

Devido à extensa carga de trabalho, que levava muitas horas do dia para ser concluída, Nael se prontificava a ajudar Domingas, pois via a necessidade de amenizar o cansaço dela. Neste discurso, chamam a atenção também as minúcias das coisas que precisavam ser limpas, e a periodicidade destes processos de limpeza, impostos de modo a manter mãe e filho sempre ocupados, o que redundava, muitas vezes, em contínuas faltas e atrasos de Nael no ambiente escolar, além do retardamento da entrega de atividades requisitadas pelas professoras.

Noutras obras de Milton Hatoum pode-se encontrar a mesma variação de papéis na constituição de um personagem em específico. Tomemos como exemplo Ranulfo, de *Cinzas do Norte*, que desempenhou alguns papéis no decorrer da trama. Ele era irmão da costureira Ramira e funcionário de Jano, responsável pela administração da Vila Amazônia, assim apresentada por Hatoum:

Vila Amazônia... o nome e o lugar sempre me atraíram. Nos fundos da chácara do Morro da Catita, essas duas palavras nunca foram esquecidas. Tio Ran dizia que era uma propriedade grandiosa, perto de Parintins, na margem do Amazonas: um casarão com piscina no alto de um barranco, de onde se avistavam ilhas imensas que pareciam continente, como a Tupinambarana. (Hatoum, 2005, p. 27).

Tupinambarana, conforme ressalta Corrêa, foi um dos nomes mais antigos da cidade de Parintins. Localizada no Estado do Amazonas, a aproximadamente 370 quilômetros de Manaus, esta cidade foi escolhida para ser, junto com a capital amazonense, o ambiente onde o enredo de *Cinzas do Norte* seria desenvolvido.

Antes de trabalhar em Vila Amazônia, Ranulfo havia desempenhado a função de locutor. Em determinado momento da narrativa, há um diálogo entre a costureira Ramira (irmã de Ranulfo) e Lavo (o narrador). O texto demonstra a antítese entre dois trabalhadores: a primeira consegue efetuar seu trabalho de forma satisfatória e o segundo não se firma numa ocupação:

No dia em que Ramira fechou a máquina de costura e guardou moldes, revistas, carretéis, agulhas e panos, Ranulfo ficou olhando a arrumação com ar de derrota. Então ela me disse, alto: “Teu tio largou um ótimo emprego na Vila Amazônia... jogou o destino no lixo. No ano passado ainda brincou de locutor de rádio. Dois fracassos. Se ele quiser ficar aqui, pode arranjar um trabalho fixo e pagar o aluguel desta tapera”. (Hatoum, 2005, p. 13).

O narrador se vale de um contexto específico, que é o fechamento de uma máquina de costura e a guarda dos materiais que também são utilizados no ofício de costura, como moldes, revistas, carretéis, agulhas e panos, para demonstrar o fim de mais uma jornada de trabalho.

O discurso de Ramira deixa claro que, para ela, as lides de uma costureira eram vistas como um trabalho “de verdade”, em contraposição à atividade laboral de Ranulfo como locutor de rádio. Para ela, o que um radialista faz em seu programa

deve ser encarado apenas como uma brincadeira, um *hobby* para divertir os ouvintes por meio da voz. Por conta disso, Ramira acreditava que Ranulfo deveria procurar outra ocupação, que efetivamente fosse considerada um “trabalho sério”.

Esta distinção entre trabalho *de verdade* e *arte* (nalgumas situações tida como um sinônimo de prostituição) ocorria de forma bastante comum no período em que *Cinzas do Norte* é ambientada. Como exemplo, pode-se citar a biografia de Dercy Gonçalves, uma das maiores e mais importantes atrizes brasileiras, na qual a dramaturga e escritora Maria Adelaide Amaral narra toda a trajetória deste ícone feminino. Numa das passagens, Dercy relata como o pai reagiu ao vê-la com um corte de cabelo tido como diferenciado para os padrões da época:

Cheguei até a cortar os cabelos à la garçonne. Apanhei como uma condenada. Quando meu pai me viu com a cabeça pelada, dois cachinhos puxados na cara, partiu pra cima de mim. Apanhei pra cacete porque estava com cabelo de puta. Mas eu não sabia o que era puta. Fazia tudo na maior ingenuidade, fazia porque achava lindo. Eu precisava me espelhar em alguém e me espelhei naquelas atrizes, sem pensar que pudesse estar agredindo ou me degradando. (Amaral, 1994, p. 22).

O discurso moralista da época não permitia que as mulheres agissem conforme a sua vontade. Tudo deveria seguir um padrão preestabelecido: ficar em casa, dominar as lides domésticas, casar tão logo chegasse à adolescência (quase sempre com alguém escolhido pelos pais), continuar

desempenhando os trabalhos de casa e ter uma prole numerosa.

Qualquer ação que fugisse desse roteiro era vista com severa desconfiança pela sociedade vigente, que exaltava o cerceamento da vontade feminina, utilizando de forma equivocada o discurso bíblico da pureza e da virtude, que deveriam ser indispensáveis a qualquer mulher.

Vale ressaltar que o corte à *la garçonne*, utilizado por Dercy no momento de enfrentamento contra o pai, era originário da França dos anos 1920 e considerado um símbolo de independência e poder feminino. Era necessário que Dercy se revestisse deste ideal libertário para fazer aquilo que mais gostava: trabalhar com arte. Nem mesmo os intensos castigos físicos infligidos pelo pai a impediram de se tornar uma atriz amplamente reconhecida em cenário nacional.

O trecho abaixo traz à tona a memória coletiva das pessoas que ouviam Ranulfo em seu programa de rádio. Assim como Lavo relatou ficar acordado até tarde para escutar o irmão de Ramira em ação, certamente ele não foi o único ouvinte a fazê-lo. Outras pessoas também passaram pela mesma experiência, a despeito do horário tardio em que o programa era transmitido.

Muita gente em Manaus ainda lembrava das histórias e conversas de suas transmissões radiofônicas; quando criança, eu ficava acordado até meia-noite para escutá-las; tia Ramira fingia esconder o radinho de pilha, temendo a voz de demônio do irmão, mas ouvia tudo: o pessoal de uma chácara vizinha aumentava o volume de um aparelho poderoso. (Hatoum, 2005, p. 14).

A própria Ramira acompanhava o programa do irmão, assim como seus vizinhos, que residiam numa chácara, apenas

para ouvir os fatos apregoados pela *voz de trovão* empostada por Ranulfo. Conforme Khalil, o termo voz pode admitir, de forma básica, pelo menos dois sentidos, caso seja empregado nos estudos referenciados à linguagem. O primeiro sentido, considerado mais amplo, se refere ao modo de enunciação específico empregado num discurso. Já o segundo, mais restrito, refere-se à produção de sons pelo aparelho fonador.

Considerando o referencial teórico conjuminado à obra em análise, percebe-se que, durante a apresentação de seu programa radiofônico noturno intitulado *Meia-Noite Nós Dois*, na Rádio Rio Mar, Ranulfo empostava a voz tornando-a demasiadamente grave. Esta voz era interpretada pelos ouvintes como semelhante à empregada, no imaginário popular, pelo demônio⁶, nos momentos de comunicação com os humanos que ele buscava atrair para si. Sobre isto, é interessante verificar os escritos de Khalil, para quem:

Alguns dos semas mais recorrentes desse *ethos* são: o animalizado, em relação ao humano (partindo do pressuposto da supremacia do homem sobre os outros animais aos olhos de Deus); o monstruoso, em caráter proporcional e harmonioso da criação divina; e a caracterização obscura, distorcida e ambígua da linguagem, em oposição à transparência/pureza da enunciação. É importante destacar que essas oposições remetem necessariamente a dicotomias historicamente constituídas e fundamentadas, sobretudo, a partir da circulação e da cristalização de vários discursos acerca do “diabólico” e do “divino.” (Khalil, 2017, p. 65-66).

⁶ Um exemplo de voz demoníaca pode ser encontrado no filme *O Auto da Compadecida* (2000), em que o ator Luís Melo interpreta o Diabo, que, na cena do julgamento dos pecadores, se transforma diante deles, modificando inclusive a voz, dando-lhe um tom mais gutural.

Khalil apresenta três dicotomias antitéticas entre si que ajudam a compreender o discurso aplicado em *Cinzas do Norte*: animalizado *versus* humano, monstruoso *versus* harmonioso e obscuridade *versus* pureza. Assim sendo, a voz empregada por Ranulfo (e, por conseguinte, o discurso veiculado aos ouvintes) pode ser vista, na perspectiva dos ouvintes do *Meia-Noite Nós Dois*, como animalizada, monstruosa e obscura, por supostamente incorporar características tidas como demoníacas, que serviam ao propósito de prender a atenção dos acompanhantes radiofônicos (algo semelhante aos sortilégios empregados pelo demônio para prender seus adeptos a si). Esta interpretação reforçava o medo dos ouvintes ao escutar a voz do irmão de Ramira. Entretanto, não deixavam de ouvir o programa, o que lhe conferia um índice de audiência considerável naquela região, tornando-o muito conhecido.

Aplicando à atuação de Ranulfo como radialista os conceitos apresentados por Khalil (2017), percebemos que os dois sentidos de voz evidenciados por este autor são contemplados na atividade laboral de Ranulfo. Tanto há a empostação da voz por meio da utilização específica do aparelho fonador, como a utilização de um modo de enunciação que contempla expressões específicas de uma determinada região – no caso, a amazônica parintinense.

Entretanto, passado algum tempo, Ranulfo é demitido da rádio em que trabalhava, e isto ocorre, especificamente, numa época do ano em que, paradoxalmente, as pessoas costumam estar mais alegres, como se pode ver abaixo:

Lembro do Natal triste de 1960, quando ele chegou calado e, em vez de entrar em casa, trepou numa

castanheira e ficou empoleirado lá em cima, fumando tabaco de corda e olhando para a ribanceira e para o igarapé dos Cornos. Fora demitido da rádio Rio Mar: os padres que dirigiam a estação julgaram que seu programa semanal *Meia-Noite Nós Dois* se tornara insensato e obsceno demais. Mas tio Ran se orgulhava do único trabalho que lhe dera prazer e o fizera conhecido na capital e no interior do Amazonas. (Hatoum, 2005, p. 14).

Parece interessante a justificativa apresentada pelo narrador para que Ranulfo perca seu emprego. De acordo com Lavo, o programa apresentado pelo então radialista era considerado *obsceno* em excesso, ainda que o horário de apresentação fosse demasiado tarde, situação que estimularia apenas os noctívagos a acompanhar.

Existem duas possíveis leituras para a obscenidade que levou à demissão de Ranulfo: ela se referia à linguagem utilizada ou aos fatos narrados? Caso o elemento considerado obsceno fosse o palavreado empregado por Ranulfo, haveria a possibilidade de modificação da forma de se expressar com os ouvintes, alterando inclusive a persona empregada pelo radialista. Se, ao contrário, o turpilóquio estivesse ligado aos acontecimentos noticiados, haveria a possibilidade de reescrita dos fatos, trazendo ao ouvinte uma linguagem mais polida.

Em contrapartida, o horário tardio da atração sugere um cuidado maior para os trabalhadores e pais de família que quisessem acompanhar Ranulfo em ação, devido à necessidade de acordar cedo no dia seguinte para o prosseguimento do trabalho.

Passado algum tempo da atuação como radialista, Ranulfo recebe a notícia de que vai trabalhar em Vila

Amazônia com muita alegria, chegando mesmo a comentar com Ramira: “Olha, mana, minha vida de cigano acabou: de agora em diante vou ser um homem responsável. Um administrador!” (Hatoum, 2005, p. 27). O discurso de Ranulfo se apresenta muito claro: ele acreditava numa mudança de vida, por meio do trabalho na propriedade e das vantagens oferecidas por Jano Mattoso quando lhe propôs o emprego, benefícios estes que não se resumiam à esfera financeira:

Influenciado por Alícia, Jano apostou na conduta de tio Ran: ofereceu-lhe um salário razoável e dois por cento do lucro da exportação de juta. Cedeu ao casal um quarto espaçoso no porão da casa. No fim de cada semestre os dois passariam uma temporada de quinze dias em Manaus. Ranulfo concordou e partiu com a mulher para o Médio Amazonas. (Hatoum, 2005, p. 27).

Tendo um lugar para ficar, um bom salário (variável conforme os valores de exportação da juta) e ainda um período de descanso, era de se esperar que tudo corresse como o esperado para Jano e a esposa Algisa. Meses depois, alguns acontecimentos fizeram com que Ranulfo deixasse de trabalhar na Vila Amazônia.

Primeiramente, Ranulfo desaparece de forma misteriosa, e, percebendo esta situação, Algisa aproveita para retornar a Manaus, demonstrando estar psicologicamente afetada. Esta patologia se torna ainda mais evidente quando se percebe que Algisa passou a enunciar coisas sem sentido, dentro do contexto em que estava inserida. Aqui cabe uma citação de Foucault, para quem:

O louco tem seus bons momentos, ou melhor, ele é, em sua loucura, o próprio momento da verdade; insensato, tem mais senso comum e desatina menos que os atinados. Do fundo de sua loucura atinada, isto é, do alto de sua sabedoria louca, sabe muito bem que sua alma foi atingida. E renovando, em sentido contrário, o paradoxo de Epimênides, diz que está louco até o âmago de sua alma e, dizendo isso, enuncia a verdade. (Foucault, 1978, p. 233).

Algisa tinha consciência de que não estava em seu juízo perfeito, como também sabia o que havia ocorrido para que ela chegasse a tal situação. Sabia que a ausência de Ranulfo a estava deixando cada vez mais debilitada. Se se trabalhar a citação de Foucault no contexto da obra, perceber-se-á que o motivo de Ranulfo tê-la abandonado tornava Algisa mais lúcida do que as pessoas que não conheciam o contexto em que sua perturbação se originava. Por conta disto, ela enunciava uma verdade – a sua verdade – que muitas vezes não era compreendida pelos demais.

Este abalo se torna nítido principalmente quando Alícia faz algumas perguntas sobre a vida em Vila Amazônia, pois Algisa, como reação, chorava e dirigia improperios ao marido e aos outros trabalhadores da localidade. Pouco tempo depois, eis o futuro da ex-mulher de Ranulfo:

Passado algum tempo, Algisa se juntou com um regatão, um tal de Feliciano, e os dois se mudaram para Rio Branco. Jano os ajudou a recomeçar a vida: comprava à vista borracha e castanha de Feliciano, que prosperou, juntou dinheiro, e o casal foi morar em Minas Gerais. Algisa e o marido enviaram uma carta para Jano, agradecendo a ajuda, e nem tocaram no nome de Alícia. Ficaram em Minas, e ela nunca mais apareceu. (Hatoum, 2005, p. 27).

A passagem deixa claro que Feliciano se tornou um próspero produtor de borracha e castanha graças ao incentivo de Jano, inclusive tendo condições necessárias para residir noutra estado da Federação. Esta poderia, inclusive, ter sido a vida de Ranulfo, que tinha algumas justificativas para não ter alcançado tal sucesso:

Conheço o meu irmão... Não era um riso gaiato, era nervoso mesmo. Sabia que cedo ou tarde eu ia descobrir. Disse que a casa era ótima, o lugar era agradável, mas na época do corte da juta tinha acidente todo dia. Trabalhadores... Diz que cortavam a juta dentro d'água e eram mordidos por todo tipo de bicho. Chegavam na propriedade com ferimentos nos pés, nas mãos e nas pernas, e ele ainda tinha que aguentar os gritos da Algisa. Chamou a mulher de frouxa, diz que ela não podia ver uma gota de sangue. Empombava sem motivo, não deixava ele ir sozinho a Parintins, muito menos a Santarém, e um dia ele largou ela no porão da casa e foi embora. Atravessou o rio, foi conhecer Nhamundá, Faro... andar por aí... (Hatoum, 2005, p. 27).

A primeira destas razões está na falta de ajuda de Algisa no tratamento aos empregados que costumeiramente chegavam na propriedade machucados, o que sobremaneira irritava Ranulfo, que esperava ter na esposa uma parceira para o melhor andamento de suas atividades.

Nesta passagem, percebe-se uma diferença crucial entre os dois (segundo a perspectiva de Ranulfo). Enquanto ele queria trabalhar, objetivando manter-se ocupado com suas lides, Algisa era mais dependente do esposo, necessitando que Ranulfo ficasse mais próximo a ela. Esta situação acabou se mostrando irreversível, já que o irmão de Ramira não aguentou

a situação e decidiu partir, disposto a desfrutar de outras paragens, e também para não mais estar próximo de Algisa.

Entretanto, o discurso deixa claro que Ramira não acreditava nas boas intenções do irmão em arranjar um bom emprego. Para ela, o próprio Ran era culpado pelos fatos que redundaram em sua fuga. Isto fica bastante claro quando analisamos a fala abaixo:

“O que ele fez na Vila Amazônia?”, perguntei.
“Nada. Pura enganação. Não administrou coisa nenhuma. Pôs toda a culpa na Algisa e no capataz, um ex-cabo da Polícia Militar, que ele xingou. Diz que forçava os caboclos e japoneses a trabalhar dia e noite e só falava em aumentar a produção de juta.”
(Hatoum, 2005, p. 28).

Para reforçar sua hipótese, Ramira apresenta duas evidências. A primeira delas é a de que Ranulfo é um péssimo administrador, por se preocupar apenas em aumentar os lucros, sem se atentar efetivamente aos trabalhadores. A segunda, diametralmente ligada à anterior, é a imposição, por parte do capataz, de jornadas de trabalho excessivas aos profissionais da juta, que certamente trabalhavam no limite, com esgotamento físico, certamente sem alimentação adequada, já que nesta propriedade se visava apenas ao lucro⁷.

Outro ponto que chama a atenção é que Algisa não permitia que o marido se ausentasse dela para vistoriar as

⁷ O lucro da produção de juta em Vila Amazônia era destinado, em sua grande maioria, conforme nos permite inferir o texto, ao luxo da família Mattoso. Um exemplo disso está presente na ida de Alicia ao Rio de Janeiro, onde ela se hospedou no edifício Labourdett, situado no coração de Copacabana. Conforme reportagem do Jornal *O Globo*, este edifício foi inaugurado em 1937, contendo varandas arredondadas e uma coluna vertical recuada que, segundo o arquiteto Chico Vartulli, ouvido pela equipe jornalística, faz referência a um navio.

atividades noutras cidades, o que denotava uma absoluta dependência da irmã de Alícia em relação a Ranulfo (ou mesmo ciúmes, dada a possibilidade de envolvimento extraconjugal noutras paragens).

O ponto preponderante a favorecer a fuga de Ranulfo foi o desejo de libertar-se de ambas as situações, quando percebeu que não estava inclinado nem para ser empregado e, muito menos, para estar com uma esposa que não o auxiliava em seus trabalhos.

A ESFERA ANALÍTICA DOS DIREITOS HUMANOS

Como objeto de análise, as citações relativas ao mundo do trabalho na obra literária de Milton Hatoum possibilitam verificar o cumprimento dos direitos humanos, dentro da temática abordada pelo autor. Para realizar a análise de contextos específicos das obras deste autor amazônico, convém lembrar o que diz Comparato (2003, p. 137) sobre este tema:

Inegavelmente, a Declaração Universal de 1948 representa a culminância de um processo ético que, iniciado com a Declaração de Independência dos Estados Unidos e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, da Revolução Francesa, levou ao reconhecimento da igualdade essencial de todo ser humano em sua dignidade de pessoa, isto é, como fonte de todos os valores, independentemente das diferenças de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição, como se diz em seu artigo II. (Comparato, 2003, p. 137).

Aqui cabe um questionamento: se todos os seres humanos devem ser vistos como iguais aos olhos da lei, por

que ainda há determinados grupos que insistem em fazer valer sua superioridade aos demais, como expresso, por exemplo, na obra *Relato de um Certo Oriente*, na qual se verifica a subserviência de Anastácia Socorro e de sua família à patroa Emilie, ou mesmo na própria *Dois Irmãos*, em que se percebe que nada é feito para modificar a situação da empregada Domingas e de seu filho?

Primeiramente convém verificar o prosseguimento da obra *Relato de um Certo Oriente*, em que é perceptível a extrema penúria em que vivia esta família “ajudada” por Emilie. Note-se que o termo aparece destacado, pois o auxílio oferecido pela dona da casa não podia ser encarado como generosidade, já que havia o costume na região Norte, à época em que o romance se passa, de não pagar os empregados com dinheiro, como fica claro na passagem abaixo:

Eu procurava ver nesse gesto uma atitude generosa e espontânea da parte de Emilie; talvez existisse alguma espontaneidade, mas quanto à generosidade... devo dizer que as lavadeiras e empregadas da casa não recebiam um tostão para trabalhar, procedimento corriqueiro aqui no norte. (Hatoum, 1989, p. 46).

Para que existisse alguma forma de pagamento que “beneficiasse” as empregadas de sua casa, a proprietária d’A Parisiense optou por lhes distribuir alimentos. Em troca destes donativos, Emilie exigia que as crianças com mais de seis anos e que fossem parentes de Anastácia Socorro compartilhassem dos serviços da tia, realizando tarefas diversas.

Apenas para efeito de comparação, é importante dizer que a Declaração Universal dos Direitos do Homem, em seu

artigo primeiro, preconiza que todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos, devendo agir em relação uns aos outros com espírito fraterno. Com relação aos seus empregados, a família de Emilie não pode ser considerada detentora de um espírito afável para com as pessoas de condição inferior, como se pode ver neste trecho, em que é mostrada a tratativa com Anastácia:

Quantas vezes ela ouvia, resignada, as agressões de uns e outros, só pelo fato de reclamar, entre murmúrios, que não tinha paciência para preparar o café da manhã cada vez que alguém acordava, já no meio do dia. Vozes ríspidas, injúrias e bofetadas também participavam deste teatro cruel no interior do sobrado. (Hatoum, 1989, p. 46).

Esta passagem em destaque permite inferir que agressões eram constantes na casa onde a história se passa, principalmente as verbais, não se resumindo apenas a estas, já que o discurso deixa clara a utilização de agressões físicas para impelir Anastácia Socorro a se manter trabalhando sem qualquer possibilidade de contestação. A empregada ouvia tais diatribes resignada, o que nos leva a supor uma falta de força por parte da serviçal para lutar por dignidade em seu local de trabalho.

Analisando esta questão, poder-se-ia questionar se Anastácia Socorro, enquanto personagem da obra *Relato de um Certo Oriente*, poderia ser vista como uma efetiva cidadã, uma vez que esta indígena constantemente sofria com agressões e ameaças de toda ordem. Partindo desta situação, é de bom alvitre resgatar uma explicação sobre a falta de um possível conceito de cidadania apresentado por Botelho & Schwarcz:

Apesar de o conceito de cidadania ser central na agenda intelectual e política das sociedades contemporâneas, e de cruzar a cada dia novas fronteiras, ganhando mais espaço nas democracias representativas, não existe uma definição consensual ou mesmo análises definitivas de sua história. Uma história de longuíssima duração, é verdade, uma vez que, se a palavra *cidadão* vem do latim *civitas*, o conceito remonta à Antiguidade, e na civilização grega adquiriu os significados de liberdade, igualdade e virtudes republicanas, ainda hoje a eles associados. (Botelho & Schwarcz, 2012, p. 8).

Esta inexistência de um conceito efetivo de cidadania pode estar relacionada às mudanças sociais e econômicas acontecidas no mundo no decurso de séculos, que pressupõem mudanças de pensamentos e olhares sobre *quem são os cidadãos*. Para subsidiar seus estudos, Botelho & Schwarcz resgatam a tese de Aristóteles, presente no livro III d'*A Política*:

O ponto inicial dessa história do conceito de cidadania pode ser localizado nas primeiras páginas do livro III da *Política* de Aristóteles. Logo a princípio, o filósofo divide o problema em dois: quem é o cidadão; quem ou qual pessoa deve ser chamado de cidadão. À primeira pergunta, Aristóteles responde que “ser cidadão” significa ser titular de um poder público não limitado e participar de modo estável do poder de decisão coletiva. Já para a segunda questão, os critérios parecem mais restritos, limitando-se a um pequeno número de homens, excluídos aqueles que viviam do próprio trabalho, as mulheres, os escravos e estrangeiros. (Botelho & Schwarcz, 2012, p. 8).

Aplicando o conceito aristotélico de cidadania, percebemos que as obras do projeto literário de Milton Hatoum permitem perceber que os cidadãos são os personagens influentes (do ponto de vista econômico e social) dentro da narrativa. Tal como acontece na realidade macro, este número de personagens acaba sendo bastante reduzido, ilustrando que uma minoria acaba detendo toda a riqueza econômica, enquanto a grande maioria sobrevive à margem do progresso.

A esta maioria, que sobrevive muitas vezes sem o mínimo necessário para uma existência digna, restam apenas as promessas de um pretense mundo melhor, orquestradas por pessoas e organizações inescrupulosas, que lucram com o desemprego, a desesperança e a falta de oportunidades para esta parcela considerável da população brasileira. Um pequeno exemplo desta situação é encontrado em *Cinzas do Norte*, em que há a descrição do Novo Eldorado:

Mundo contou que no internato tinha pesadelos com a paisagem calcinada: a floresta devastada ao norte de Manaus. Visitara as casinhas inacabadas do Novo Eldorado, andara pelas ruas enlameadas. Casinhas sem fossa, um fedor medonho. Os moradores reclamavam: tinham que pagar para morar mal, longe do centro, longe de tudo... Queriam voltar para perto do rio. Alguns haviam trazido canoas, remos, malhadeiras, arpões; a cozinha, um cubículo quente; por isso, levavam o fogareiro para a rua de terra batida e preparavam a comida ali mesmo. Ele dormira na casa da família do Cará. O sol da tarde esquentava as paredes, o quarto era um forno, pior que o dormitório do internato. Os moradores do Novo Eldorado eram prisioneiros em sua própria cidade. Isso não justificava a escolha? (Hatoum, 2005, p. 65-66).

Este excerto de *Cinzas do Norte* mostra a realidade periférica de muitas cidades amazônicas e brasileiras, onde residem pessoas que buscam, a todo custo, melhoria de vida, mas que encontram obstáculos significativos, como a falta de saneamento básico e de infraestrutura, a distância do centro da cidade, dentre outros.

Chama a atenção, inclusive, a preparação da comida, realizada no meio da rua, ilustrando um possível almoço compartilhado entre todos (que poderia ser visto como um conagraçamento local), mas que, na verdade, só é possível devido ao calor escaldante que inviabilizava o preparo alimentício dentro das casas, bem como por conta da extrema pobreza em que vivia este agrupamento.

Outro ponto interessante é a falta de elementos que o Estado deveria propiciar aos cidadãos: “faltava água e luz, o banheiro não tinha fossa, os moradores jogavam o lixo perto da mata, aí os bichos vinham comer naquele chiqueiro.” (Hatoum, 2005, p. 78). A passagem demonstra a completa inoperância do Poder Público na região, que poderia atender os munícipes, mas não o faz.

Zanda, o prefeito, ilustra à perfeição os políticos brasileiros atuais, pois se preocupa apenas com as benesses do cargo que ocupa, sem efetivamente demonstrar vontade de trabalhar para o povo que o elegeu. Hoje, tornou-se rotineiro encontrar políticos que pensam apenas em si, em dilapidar o erário público, enquanto a população sofre com a falta de condições básicas de subsistência.

A DEFINIÇÃO DE CULTURA DAS ÉPOCAS E DAS FRAÇÕES SOCIAIS DA REGIÃO

Antes de se adentrar efetivamente no estudo da cultura ligada ao trabalho, objeto de estudo desta obra, ligada à obra do escritor amazonense Milton Hatoum, convém trazer a definição de cultura que norteará este estudo, constante em Silva e Silva. Para os autores

Cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica. (Silva e Silva, 2009, p. 85).

Várias leituras podem ser feitas por intermédio desta citação. Quando se vê a afirmação de que “cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade”, incluem-se no bojo destes elementos as manifestações que, contemporaneamente, adquiriram um viés econômico. O principal exemplo, dentro da realidade brasileira, é o Carnaval, que embora ocorra num período relativamente curto, traz milhões de pessoas para o Brasil, movimentando assim a economia brasileira. Outros exemplos se seguem, como o São João, no Nordeste, e o Festival Folclórico de Parintins.

Quando se vê a afirmação de que “cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente”, pode-se fazer a associação, por

exemplo, com a evolução dos equipamentos agrícolas, que possibilita, a cada ano, o aumento na produção e na qualidade dos grãos em território brasileiro, com o emprego de máquinas cada vez mais modernas, o que resulta numa lucratividade maior para tais cadeias produtivas. Outros campos também se desenvolvem neste ritmo, como a piscicultura ou a pecuária, apenas para citar alguns exemplos.

Como terceira subdivisão do conceito de cultura está a parte do “comportamento aprendido”. Aqui, pode servir de exemplo a questão alimentar. Enquanto o Brasil tem preferência pelo tradicional arroz e feijão, os Estados Unidos têm preponderância por alimentos de alto valor calórico, como sanduíches, ovos e bacon. Mas nada impede um americano de, caso resida no Brasil, aprender a consumir os alimentos comuns à realidade tupiniquim (e os brasileiros que residem na terra do Tio Sam também adquirem os hábitos alimentares norte-americanos).

Estes exemplos bastam para mostrar que o conceito de cultura, tal qual foi apresentado, pode estar ligado à questão do trabalho, seja na produção de itens ligados a festas de um local em específico, ou mesmo na questão alimentar, já que (normalmente) os países produzem os produtos de que necessitam para estes fins.

As narrativas de Hatoum evidenciam, do ponto de vista dos personagens que podem ser considerados influentes dentro do contexto narrativo (entendendo aqui como influência a importância dos personagens dentro do contexto em que cada obra se passa), um preconceito cultural com aqueles considerados mais humildes, que se traduz na exploração do fraco pelo forte e na espoliação dos bens

pertencentes a determinada região. Sobre o tema, Jameson assim discorre:

Toda política cultural se confronta necessariamente com uma alternância retórica entre o orgulho desmedido da afirmação da força do grupo cultural e a diminuição estratégica desta força, e isso por razões políticas. Pois esta política pode ressaltar o heroico, apresentando imagens inspiradoras do heroísmo do subalterno – mulheres fortes, homens negros, a resistência, como queria Fanon, dos colonizados – a fim de encorajar o público alvo; ou pode insistir na miséria do grupo, na opressão das mulheres ou dos negros ou dos povos colonizados. (Jameson, 2002, p. 21).

Este discurso de Jameson deixa claro que, quando um grupo dominante (traduzido no contexto das obras de Hatoum como os personagens detentores dos recursos financeiros) subjuga a maioria pusilânime, pode fazer surgir, do seio destes fracos e oprimidos, personagens que se rebelam contra este processo, lutando para a efetiva resolução da situação vigente. O próprio Jameson arrazoa sobre um risco existente na insistência da miséria dos menos favorecidos:

O risco é que, quanto mais se insiste na miséria e na impotência, mais essas pessoas aparecem como pobres vítimas passíveis, facilmente domináveis; em imagens que podem ser consideradas ofensivas e até fragilizar ainda mais os que representam. (Jameson, 2002, p. 21).

Para referendar a tese do surgimento de personagens para mudar o panorama em que determinada realidade acontece, fato não restrito apenas à esfera literária, mas

bastante recorrente em diversas situações ocorridas em tempos e espaços os mais heterogêneos, é interessante resgatar os escritos de Terry Eagleton:

Se a sociedade não se desenvolveu além do ponto em que a satisfação de um grupo de seus membros depende da supressão de outro, é compreensível que os suprimidos desenvolvam uma hostilidade intensa para com uma cultura cuja existência foi possibilitada pelo seu trabalho, mas de cuja riqueza participam em grau muito reduzido. (Terry Eagleton, 2006, p. 242).

É a inconformidade com os fatos ocorridos que possibilitará o surgimento do desejo de mudança deste panorama vigente, altamente desfavorável, no contexto das obras de Milton Hatoum, nos personagens Anastácia (*Relato de um Certo Oriente*), Nael e Domingas (*Dois Irmãos*).

Se conjunarmos a citação de Jameson com as obras do projeto literário de Milton Hatoum, perceber-se-á uma discrepância evidente entre as posições sociais de abastados e pobres, a qual está diretamente ligada a uma questão cultural. Essa discrepância revela uma relação direta com o poderio financeiro dos personagens, favorecendo os mais afortunados. Quanto mais rico, mais culto se é considerado, não apenas aos olhos dos personagens das obras. Esta postura extrapola os limites da literatura alcançando, ainda hoje, cidades e estados pelo Brasil afora.

Dois Irmãos mostra exatamente isto, quando percebemos que Domingas, embora soubesse ler e escrever corretamente, virtudes aprendidas no orfanato das irmãs (Hatoum, 2000, p. 49), jamais poderia ascender a uma posição social diferenciada daquela em que se encontrava quando chegou na casa dos patrões. As atitudes de Zana, Halim e dos filhos demonstravam exatamente isto, tanto que um estupro ocorre, a doméstica

engravidada e absolutamente nada é feito para modificar a situação de Domingas, que continua com suas atividades servis.

O fruto deste estupro vem ao mundo. Quando chega a uma idade em que pode compreender fatos sobre sua gestação, Nael tem a informação sobre sua paternidade negligenciada nos primeiros questionamentos, conforme se pode perceber no relato do narrador presente abaixo:

Domingas disfarçava quando eu tocava no assunto; deixava-me cheio de dúvida, talvez pensando que um dia eu pudesse descobrir a verdade. Eu sofria com o silêncio dela; nos nossos passeios, quando me acompanhava até o aviário da Matriz ou a beira do rio, começava uma frase mas logo interrompia e me olhava, aflita, vencida por uma fraqueza que coíbe a sinceridade. Muitas vezes ela ensaiou, mas titubeava, hesitava e acabava não dizendo. Quando eu fazia a pergunta, seu olhar logo me silenciava, e eram olhos tristes. (Hatoum, 2000, p. 47).

Esta questão do silenciamento aparece de forma muito latente nas obras de Milton Hatoum. Para efeitos de análise nesta obra, serão utilizadas obras da analista discursiva Eni Puccinelli Orlandi. Sobre o silenciamento, prática tão costumeira nas ações realizadas por Domingas (que sequer possui falas em *Dois Irmãos*) e Anastácia Socorro (cuja trajetória é análoga em *Relato de um Certo Oriente*), assim arrazoar Orlandi:

O gesto da interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é materializada pela história. (Orlandi, 2009, p. 18).

Todas as vezes em que encontramos, seja em *Relato de um Certo Oriente* ou em *Dois Irmãos*, passagens em que Anastácia Socorro ou Domingas (ou mesmo outros empregados mencionados) passam por situações em que sua dignidade é ameaçada (como, por exemplo, no momento em que Domingas é estuprada ou quando as crianças parentes de Anastácia são postas para trabalhar tão cedo na casa dos patrões da tia), é necessário perceber um silenciamento existente nestas ações.

Nos atos narrados por Hatoum, há lembranças de um passado histórico de escravidão e intensificação do trabalho negro e indígena, sem qualquer possibilidade de questionamento por parte dos escravizados, que Milton Hatoum faz questão de lembrar, para que a questão seja amplamente debatida nos dias atuais, dada a atual conjuntura brasileira, em que se percebe um discurso negacionista acerca do tema, que será trabalhado mais adiante.

Sem obter respostas quando das primeiras tentativas, e na posição de filho da empregada, Nael passa a aplicar sua força de trabalho para os patrões da mãe (biologicamente seus avós) em troca de alimentação e da possibilidade de estudar. O estudo poderia dar-lhe uma posição social diferente de Domingas, havendo até mesmo a possibilidade de Nael ser visto, tanto pelos avós/patrões quanto pelas outras pessoas que o conheciam, como alguém culto, com a possibilidade de contar sua própria história mediante os fatos costurados pelos relatos ouvidos durante tantos anos.

A igualdade pregada no artigo quinto da Carta Magna brasileira pressupõe, no contexto do projeto literário que circunda esta obra, e levando em conta a obra *Dois Irmãos*, que

Domingas deveria ser vista da mesma forma que sua patroa Zana. A única distinção entre ambas era a condição social, pois a primeira era empregada, enquanto a segunda era patroa. Esta diferença social, entretanto, não deveria (no contexto da obra narrada) servir como apoio para práticas que violassem os direitos da cunhantã.

No entanto, é comum percebermos padrões que, tanto no contexto das obras trabalhadas como na atual conjuntura social e econômica brasileira, mantêm seus empregados (prioritariamente pessoas cuja condição social as classificaria como pobres ou miseráveis) em condições análogas à escravidão.

Ainda nos tempos atuais, é rotineira a veiculação de reportagens nas quais fiscais vinculados à Justiça do Trabalho são designados para investigar situações de trabalhadores que exercem suas funções laborais sem possuir condições mínimas de sobrevivência em seus locais de trabalho.

Em sua reportagem *Trabalho Escravo é Usado no Desmatamento da Amazônia, diz chefe do MPT*, Leonardo Sakamoto⁸ traz a fala literal do procurador do Ministério Público do Trabalho, Alberto Bastos Balazeiro, para quem:

Há relação entre o desmatamento, especialmente aquele destinado à abertura de novas pastagens para pecuária, e o trabalho escravo, de acordo com informações constantes no Observatório da Erradicação do Trabalho Escravo e do Tráfico de Pessoas do Ministério Público do Trabalho. (Sakamoto, 2019, online).

⁸ Esta reportagem foi publicada no site de notícias UOL, na página do jornalista Leonardo Sakamoto, em 1º de setembro de 2019, podendo ser acessada através do link: <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2019/09/01/trabalho-escravo-e-usado-no-desmatamento-da-amazonia-diz-chefe-do-mpt/>.

A mesma reportagem cita os municípios paraenses de Altamira e Novo Progresso, cidades que contam com um elevado quantitativo de trabalhadores resgatados em condições semelhantes à escravidão (o que muito se assemelha, por exemplo, à situação narrada em *Relato de um Certo Oriente*, que veremos mais adiante com maior profundidade). Usa-se a expressão “elevado quantitativo” por não haver um número exato de trabalhadores modernamente escravizados, tanto num contexto micro ou mesmo macro, já que o registro é feito levando em consideração a principal atividade econômica do empregador, que pode modificar seus dados no intuito de evitar possíveis complicações trabalhistas.

A situação acima narrada pressupõe o emprego de jornadas de trabalho extremamente abusivas, juntamente com outras situações que inseriram os trabalhadores em condições de sobrevivência altamente degradantes. Este contexto significativamente contrastava com os altos lucros auferidos por seus empregadores.

Este exemplo basta para mostrar como estes grandes empresários (que assumem a posição de patrões/empregadores) enxergam seus subalternos: como semiescravos sem condições de lutar por melhorias situacionais. Diante do exposto, torna-se inviável falar em liberdade, quando se observa que muitos trabalhadores, ainda nos dias atuais, e visando fugir de situações de miséria extrema, são coagidos a desenvolver suas atividades em jornadas de trabalho abusivas, nas quais sofrem até mesmo castigos físicos, como no famoso caso da empregada da embaixadora filipina no Brasil, Marichu Mauro.

Conforme informações do site de notícias UOL⁹, a embaixadora foi flagrada, por pelo menos três vezes, agredindo sua colaboradora, uma senhora de 51 anos. Na primeira vez, em março do ano passado, com um tapa no rosto, em meio a uma discussão. Outras agressões se sucederam, até o caso se tornar conhecido e amplamente divulgado, atingindo rápida repercussão por conta da internet.

Mediante a situação, o presidente filipino Rodrigo Duterte tomou a decisão de exonerar a embaixadora em março deste ano. Neste ato, o representante oficial filipino atesta que a demissão da então embaixadora se alia a uma série de perda de regalias:

Eu assinei o documento afirmando a decisão. A decisão prevê a pena de demissão do serviço público, com as penas acessórias de cancelamento de elegibilidade, perda dos benefícios de aposentadoria e desqualificação perpétua de ocupação de cargo público e proibição de aplicação do teste para serviço público.¹⁰

O discurso do presidente filipino deixa claro que Marichu Mauro não poderá candidatar-se a cargos ou concursos públicos ou mesmo se aposentar, pois seus direitos foram retirados, haja vista a gravidade de sua tratativa com uma trabalhadora que, naquele momento, se encontrava em posição inferior.

⁹ Além de ser noticiada na esfera online, conforme o link <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/10/25/embaixadora-das-filipinas-no-brasil-foi-filmada-agredindo-empregada-diz-tv.htm>, esta reportagem foi veiculada na edição do Fantástico de 25 de outubro de 2020.

¹⁰ Esta fala do presidente filipino aparece integralmente na reportagem do UOL do dia 25 de outubro de 2020.

O artigo sexto da Constituição Federal prevê que o trabalho deve ser considerado um direito social. Sobre este aspecto, Sturza e Marques fazem o seguinte comentário:

A proteção ao trabalhador se dá mediante transformações históricas, sociais e econômicas, marcadas por crescimento urbano caótico e desigualdades sociais. Essa transformação ocorre pelo crescimento industrial associado ao excedente da força de trabalho, os excluídos dos frutos do desenvolvimento econômico, tendo como alternativa atualmente a precarização das relações de trabalho. Neste contexto há de se redefinir o Estado por meio de políticas públicas que têm como finalidade a efetivação de suas ações para proteção social. O Estado Democrático de Direito é definido por um novo modelo, destacando-se como regulador do processo econômico. Assim, a Constituição Federal de 1988 proclama que a ordem econômica tem como base o primado do trabalho com objetivos de justiça social e bem-estar. (Sturza e Marques, 2017, p. 110).

As autoras apresentam como fulcro para a sua citação o artigo 193 da Constituição Federal de 1988, estabelecendo uma relação quadripartida entre a ordem econômica, o primado do trabalho, a justiça social e o bem-estar dos trabalhadores, estejam eles nas mais variadas funções, escolhidas para o desenvolvimento das atividades laborais.

Enquanto o mundo (ou um espaço micro, seja uma cidade, estado, região ou país) gozar de aparente normalidade, ainda que muitas pessoas não tenham seus direitos respeitados, não haverá mudanças significativas. É necessário que as mudanças venham a surgir, ainda que num primeiro momento

ocorram num espaço menor, para que outros grupos de mesma categoria se sintam impelidos a, também eles, lutarem por melhorias. Só então o Estado, enquanto agente regulador, atuará com modificações que objetivem atender os anseios da população.

AS MODALIDADES DE TRABALHO COMO CRITÉRIO DE LEITURA PREFERENCIAL

A análise realizada nessa obra, tendo como elemento primordial de pesquisa a modalidade de trabalho, teve como ponto de partida uma leitura apurada das quatro obras que compõem o projeto literário de Milton Hatoum e a assinalação de eventos e contextos que se enquadravam como efetivamente adequados para os estudos que o tema requer.

Tais eventos foram posteriormente conjuminados a leituras que tinham por temática o trabalho, buscando evitar o anacronismo¹¹ possível quando se analisa, sob a ótica atual, um texto literário que faz referência aos tempos passados.

Em *Relato de um Certo Oriente*, é realizada a análise dos fatos ocorridos na residência de Emilie e na loja de artigos finos *A Parisiense*, bem como a tratativa da protagonista com as empregadas da casa, como elementos flagrantemente de uma sociedade que se mostra excludente para com os menos afortunados.

A obra *Dois Irmãos* nos traz, como situação basilar para nosso trabalho, a atuação de Domingas na residência do casal

¹¹ Jacques Rancière (2011, p. 25) apresenta o anacronismo como “confusão das épocas”. Para o autor, “as épocas marcam regimes de verdade específicos, relações da ordem do tempo com a ordem do que não está no tempo.”

Zana e Halim, desde o momento em que a freira da companhia religiosa Irmãzinhas de Jesus deixa a cunhantã na casa dos novos patrões, até o seu falecimento, já em idade adulta, passando por cenas no estabelecimento comercial de Halim e no Mercado Municipal de Manaus.

Em *Cinzas do Norte*, o foco das cenas escolhidas é mais espaçado, passando por episódios que envolvem os principais personagens, como Jano, Mundo e Ranulfo, além da produção de juta em Vila Amazônia, propriedade pertencente à família Mattoso, da qual Jano e Mundo fazem parte.

Já o último romance publicado, cujo título é *Órfãos do Eldorado*, fornece-nos para análise as cenas que se passam em residências e empreendimentos ligados à família Cordovil, tendo como pontos principais de recolha de informações os fatos ligados às relações de trabalho de três gerações da supracitada família.

Nas quatro obras, temos cenas que retratam o contexto trabalhista na Amazônia, região de nascimento de Milton Hatoum. A obra deste escritor se mostra culturalmente relevante por abranger diferentes relações de trabalho, que se configuram numerosas, dicotomizadas e interseccionadas entre si.

Embora resida em São Paulo desde 1998, este autor tem como obras mais importantes aquelas ambientadas exatamente em sua região natalícia, respeitando o período histórico de aproximadamente um século, durante o qual os enredos literários se entrelaçam com eventos que impactaram o desenvolvimento da região amazônica. Esses eventos incluem, inclusive, um intenso fluxo migratório oriundo de outras regiões do país e até mesmo de outras nações.

MODOS E FORMAS DE TRABALHAR

As quatro obras de maior destaque do escritor amazonense Milton Hatoum, produzidas no decurso de quase três décadas (se for levado em conta o período entre o início da escrita de *Relato de um Certo Oriente* e a publicação de *Órfãos do Eldorado*), permitem a compreensão, dentro do contexto amazônico, de formas de trabalho as mais diversas, quais sejam:

O *trabalho agrícola*, representado pela cultura da juta, está presente, como se disse acima, nas obras *Cinzas do Norte* e *Órfãos do Eldorado*. A primeira obra está ambientada em Vila Amazônia, com vários trabalhadores à disposição da família Mattoso, com ligeira menção ao cultivo da juta.

Em *Órfãos do Eldorado*, há a representação de Okayamaken, a vila de trabalhadores nipônicos que se deslocaram à Amazônia, no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), buscando, por meio do trabalho, recomeçar a vida do outro lado do oceano.

O comércio, cuja exemplificação vem das obras *Dois Irmãos* e *Relato de um Certo Oriente*, atividade que fez com que as famílias detentoras dos estabelecimentos comerciais adquirissem *status* dentro da sociedade manauara. Sobre isto, é interessante verificar o que diz Salata:

Parece haver uma clara categoria de status no Brasil, na qual os profissionais, seguidos dos administradores e militares, ocupam o topo, e os trabalhadores manuais ocupam a base, sendo os trabalhadores domésticos a categoria com menor *status*. De modo geral, então, nessa hierarquia nós temos as ocupações não-manuais no topo e as ocupações manuais na base, salvo exceções. (Salata, 2016, p. 17).

Observando o que diz Salata, e cruzando estes dados com os existentes nas obras do projeto literário de Milton Hatoum, percebemos que esta divisão social alia, obviamente, profissões de maior poder aquisitivo à significativa relevância no contexto local. Esta notoriedade faz com que famílias cujos entes exerçam essas profissões sejam mais valorizadas na estrutura social em que estão inseridas.

Em *Órfãos do Eldorado*, a família Cordovil enriquece graças ao ramo do transporte, cuja decadência acaba por conduzi-la à falência. A fortuna veio com as duas primeiras gerações (Edílio e Amando), e o declínio ocorreu com Arminto, o neto do fundador. Os fatos narrados podem levar o leitor a algumas interpretações: ou Arminto é um administrador incompetente, ou é uma vítima dos possíveis infortúnios que ocorrem com um negociante (adversidades às quais seu pai e seu avô estavam preparados¹², caso houvessem acontecido).

Com relação aos modos de trabalho, são encontradas algumas oposições bastante relevantes, que obedecem a critérios geográficos (urbano *versus* rural), antropológico (indígena *versus* ribeirinho) ou etário (infantil *versus* adulto).

De certa forma, tais formas abordadas reforçam a supremacia de uma parcela minoritária da população (os ricos

¹² Na primeira passagem em que se refere ao avô, eis as palavras de Arminto Cordovil: “Não conheci esse Cordovil. Diziam que ele ignorava o cansaço e a preguiça, e trabalhava que nem um cavalo no calor úmido desta terra. Em 1840, no fim da guerra dos Cabanos, plantou cacau na fazenda Boa Vida, a propriedade na margem direita do Uaicurapá, a poucas horas de lancha daqui. Mas morreu antes de realizar um sonho antigo: a construção do palácio branco nesta cidade.” (Hatoum, 1989, p. 8) Esta narrativa mostra a coragem de Edílio Cordovil, requisito que o impulsionou a fazer fortuna na Amazônia das primeiras décadas do século XIX.

e poderosos) em detrimento da grande parcela (as classes menos favorecidas). E isto tem acontecido, de forma assombrosa, nos últimos anos em esfera nacional, com ações potencializadas após a pandemia do novo coronavírus, com o considerável aumento no número de pobres e miseráveis no território nacional.

Em suas narrativas, Milton Hatoum contempla não apenas o tempo cronológico das obras, mas possibilita também a compreensão, por parte do leitor, de que a atual situação trabalhista no Brasil acaba não diferindo muito do contexto literário utilizado, já que muitas cenas trabalhadas na obra são comuns, em alguma medida, à realidade de grande parte da população brasileira.

A próxima seção trabalhará, de forma analítica, as características constantes nas quatro obras literárias do projeto literário de Milton Hatoum (léxico, presença da Amazônia, imigrantes e dramas familiares nos escritos), bem como um resumo biográfico sintético do autor. Posteriormente, as obras serão apresentadas em caráter mais enxuto, buscando a compreensão do leitor sobre os contextos e cenários trabalhados em cada uma delas.

A LITERATURA DE MILTON HATOUM

*O desenvolvimento do cérebro e dos sentidos
a seu serviço, a crescente clareza de
consciência, a capacidade de abstração e de
discernimento cada vez maiores, reagiram
por sua vez sobre o trabalho e a palavra,
estimulando mais e mais o seu
desenvolvimento.*

Friedrich Engels

É necessário que se dê destaque, após análise detalhada em que se cruzaram dados dos romances, à legislação vigente, a eventos ocorridos nos tempos atuais e a pontuais características que marcam as quatro principais obras de Milton Hatoum. A primeira delas é um estilo único de escrita, que o tornou nacionalmente conhecido e traduzido para mais de uma dezena de países, além de nacionalmente premiado. Para que esta escrita se desenvolva de forma satisfatória, Hatoum se vale de uma estrutura bem fundamentada (elaborada tal qual um projeto¹³) e de alguma antevisão¹⁴ do

¹³ Isto fica evidenciado na fala de Milton Hatoum ao programa *Entrelinhas*, da Universidade Federal do Paraná, em que o autor diz: “Antes de escrever, eu planejo. Aí vem a herança do arquiteto. Eu faço um projeto, falo alguns personagens, falo o modo de ser de cada personagem, o que cada personagem significa, a relação de cada personagem com as outras... tudo isso faz parte deste esboço inicial.”

¹⁴ Em entrevista ao professor Luiz Antônio Assis Brasil, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, publicada na revista *Navegações*, em 2009, Hatoum faz a seguinte afirmação: “Na verdade eu só escrevo um romance quando a estrutura está mais ou menos armada na minha imaginação. Preciso ‘ver’ a obra antes de escrevê-la, embora o livro que você está escrevendo só se revele no processo da escrita. Gostaria de escrever com mais rapidez, acho que todo escritor gostaria de ser Stendhal e escrever um grande romance em menos de dois meses.” Podemos perceber que a *demora* na escrita de Hatoum está condicionada a uma definição estrutural, que redundará num texto denso, como são os romances deste autor.

texto pronto. Com esta antevisão, o autor se sente mais confortável para dimensionar o andamento do romance.

A segunda é a presença constante da Amazônia em seus escritos, de forma a reforçar ao leitor que esta região também pode ambientar romances com carga emotiva intensa e com o emprego de temáticas que despertem o interesse do leitor. Hatoum trabalha os elementos culturais amazônicos, como o léxico¹⁵ contendo diversas palavras oriundas de idiomas indígenas, pontos turísticos e de referências (como a Praça dos Remédios), além da culinária local, que ainda hoje serve de inspiração para músicas¹⁶ que fazem sucesso no Brasil.

¹⁵ Como exemplo deste léxico, temos o seguinte trecho, retirado da obra *Dois Irmãos*: “Nunca comemos tão bem. Peixes os mais variados, de sabor incomum, cobriam a mesa: costela de tambaqui na brasa, tucunará frito, pescada amarela recheada de farofa. O pacu, o matrinxã, o curimatã, as postas volumosas e tenras do surubim. Até caldeirada de piranhas, a caju avermelhada e a preta, com molho de pimenta, fumegava sobre a mesa. E também pirão e sopa com sobras de peixe, farinha feita das espinhas e cabeças, bolinhos de pirarucu com salsa e cebola.” (Hatoum, 2000, p. 105) Neste trecho, há menção ao peixe pirarucu, cuja definição pode ser encontrada em Amaral (2021, p. 33): “O pirarucu é um dos maiores peixes de águas doces fluviais e lacustres do Brasil. Pode atingir três metros de comprimento e seu peso pode ir até 200 kg. É um peixe que é encontrado geralmente na bacia amazônica, mais especificamente nas áreas de várzea, onde as águas são mais calmas.” Este exemplo atesta a grande variedade de termos de origem indígena utilizados nas obras do projeto literário de Milton Hatoum.

¹⁶ Pode-se citar como exemplo a canção *Voando pro Pará* da paraense Joelma (ex-vocalista da banda Calypso), que numa das estrofes afirma que seu desejo, ao chegar de férias no Pará, é “Ficar bem à vontade e fazer o que quiser/e matar minha saudade/da pupunha com café.” O refrão apresenta outro elemento marcante da culinária amazônica: “Eu vou tomar um tacacá, dançar, curtir, ficar de boa!/ Pois, quando chego no Pará, me sinto bem, o tempo voa.” O discurso empregado pelo eu-lírico demonstra que apenas no Pará é possível ser efetivamente feliz, embora seja uma felicidade momentânea, pois o tempo passa demasiado rápido enquanto a cantora permanece em plagas paraenses.

O próximo ponto é a presença de imigrantes. Tanto *Relato de um Certo Oriente* quanto *Dois Irmãos* trazem em seu bojo os árabes, que cruzaram o Oceano em busca de uma vida melhor. *Cinzas do Norte e Órfãos do Eldorado*, ao trabalharem o tema da plantação e beneficiamento de juta, mencionam os japoneses, que também têm seu quinhão no processo de desenvolvimento da Amazônia. Seduzidos por uma narrativa lendária que os instava a ganhar dinheiro rápido, estes imigrantes chegaram à região amazônica na ânsia de fazer fortuna (situação esta que aparece como exemplo flagrante da presença da categoria trabalho, objeto primeiro desta obra).

Nunca é demais lembrar que o sonho do enriquecimento rápido, ainda hoje, traz inúmeros sonhadores a postos de trabalho na região amazônica, como ocorreu, por exemplo, quando do advento da Usina Hidrelétrica do Jirau, na década de 2010. Alves traz uma citação relevante sobre a questão migratória no âmbito do trabalho:

Devemos entender a mobilidade espacial do trabalho no contexto da reprodução do próprio capital (como já dito), que vai além da livre iniciativa do trabalhador como mão-de-obra livre (juridicamente) em migrar só por salários mais elevados, mas se assim o faz é pelos próprios mecanismos de mobilidade forçada impostos pelo capital para sua sobrevivência enquanto trabalhador. (Alves, 2014, p. 303-304).

O fato de um trabalhador migrar para outras plagas (levando-se em consideração que este é um profissional que trabalha por conta própria) em busca de oportunidade de exercer sua profissão não está ligado apenas aos lucros que podem ser obtidos. Esta situação também está ligada à necessidade de se buscar melhores condições de trabalho.

Entretanto, o devaneio das riquezas inesgotáveis em solo amazônico está presente, desde tempos imemoriais, na literatura que trata da Amazônia, como nos mostra Samuel Benchimol, em seu *Romanceiro da Batalha da Borracha*:

O sertão ainda está perto dele, vive em sua memória, faz parte de sua conversa a todo momento; as suas esperanças, quando as traz - “vou ser um homem feliz, se Deus me ajudar”, “vou enricar na seringa” - as suas decepções, “não gosto nada desta terra feia e encharcada”, ou os conflitos provocados pelo choque resultante da passagem brusca para o contraste - “gosto do enxuto, eu não posso me amansar numa água dessas” - aparecem frequentemente. (Benchimol, 1992, p. 8).

Embora Benchimol tenha utilizado este discurso para reproduzir a fala do sertanejo que chega à Amazônia para trabalhar na produção gomífera, pode-se ouvir algo parecido nos dias atuais, inclusive de forasteiros que chegam para trabalhar no serviço público (ou em outras atividades altamente rentáveis, em detrimento dos trabalhadores locais) e afirmam, em alto e bom som, que a Amazônia serve apenas para “encher os bolsos de dinheiro e depois meter o pé¹⁷.” Tais palavras mostram, de forma cabal, que, para muitas pessoas de fora, ainda persiste o mito do Eldorado (e de suas riquezas perenes) a representar a Amazônia, conforme nos mostra Neide Gondim:

O movimento incessante do capital comercial concretizado na importação supervalorizada de produtos (miçangas, por exemplo) pela Espanha e,

¹⁷ Esta foi uma afirmação ouvida pelo autor desta obra quando trabalhava na Prefeitura de Guajará-Mirim. Foi proferida por um funcionário comissionado que veio de outro estado para desempenhar suas funções na Pérola do Mamoré.

depois, exportados para a América, processo acompanhado pela entrada contínua de ouro, posteriormente de prata, fabricação de embarcações, soldo dos marujos, investimento nas viagens de descobrimento e colonização, foi efeito da circulação monetária estimulada pelo metal da América. (Gondim, 2007, p. 22).

Ao colonizarem a América, escravizarem seu povo e levarem embora boa parte dos seus bens, tanto portugueses quanto espanhóis deixaram muito explícito que tais processos se mostraram altamente rentáveis para si, devido à manutenção do processo de expansão marítima de seus territórios nos séculos XVI e XVII e ao enriquecimento das coroas espanhola e portuguesa.

Alguns personagens que se enquadram neste grupo são Halim e Rochiram, de *Dois Irmãos*, além dos predecessores da família, retratados no primeiro capítulo de *Relato de um Certo Oriente*. O primeiro decidiu trabalhar com o comércio (alcançando êxito), enquanto o segundo resolveu investir no ramo da hotelaria. Já a família de Emilie conseguiu, ao longo de décadas, manter um estabelecimento comercial denominado *A Parisiense*.

Outro tema abordado nessas obras de Hatoum são os dramas familiares¹⁸. Em *Relato*, há dois exemplos importantes:

¹⁸ Em entrevista ao canal “Super Libris” no YouTube, veiculada em 2016, ao ser indagado sobre o surgimento do tema “família” na literatura universal, Hatoum dá a seguinte resposta: “As histórias familiares surgiram com as narrativas orais. Foram importantíssimas para a tragédia grega. Os grandes clássicos gregos falam de traições, de poder, de amor, relacionados à família. Um exemplo que muita gente conhece é a tragédia de Sófocles. Um ambiente de paixões, traições, intrigas, mentiras e enganos.” A obra a que Milton Hatoum se refere é a lendária *Édipo Rei*, em que o personagem título, Édipo, filho do rei Laio, da cidade de Tebas, mata o próprio pai e se casa com a própria mãe, Jocasta.

a morte de Emir, que se suicidou afogado no porto, cujo último registro foi feito pelo fotógrafo Dorner; e o atropelamento seguido de morte de Soraya Ângela, em seu único passeio ao lado da mãe. Estes são momentos dramáticos por motivos diversos. Enquanto Soraya, por ser surda¹⁹, não era benquista pela família, Emir se mostrava um personagem depressivo, sem gosto pela vida.

A obra *Órfãos do Eldorado* conta com um centro bastante peculiar, em termos de relacionamento de personagens: Amando Cordovil e o filho Arminto não conseguem se entender. O cisma tem origem com a morte de Angelina, mãe de Arminto, no parto e estende-se por toda a vida de Arminto; quando o leitor imagina que pai e filho farão as pazes... Amando morre com a chegada do filho à cidade e Arminto se vê completamente desarvorado, sem saber o que fazer. Seria Arminto Cordovil um filho pródigo²⁰ às avessas?

Em *Dois Irmãos* o drama familiar está centrado na paternidade do narrador Nael, filho da empregada Domingas. Ela foi estuprada por um dos gêmeos, e o leitor, até o momento apropriado, não tem pistas suficientes para saber se Yaqub ou Omar é o pai²¹. Outra situação complexa a se desenrolar na

¹⁹ Do ponto de vista de como a sociedade vê as pessoas com deficiência. Esta abordagem era muito comum na época em que o romance está ambientado, pois a sociedade ainda via as PCD como aberrações da natureza.

²⁰ Na parábola do filho pródigo, presente no Evangelho Segundo Lucas, capítulo 15, versículos 11 a 32, o filho mais novo, após requerer metade dos bens do pai, como direito à herança que lhe cabia, sai pelo mundo disposto a conhecê-lo. Após gastar todo o seu dinheiro e se encontrar em situação de extrema penúria, consegue voltar, arrependido, para a casa do pai, no que é bem recebido. No caso de Arminto e Amando Cordovil, nem mesmo um último adeus foi possível.

²¹ Na entrevista concedida a Feliciano & Barbosa (2016, p. 133), Hatoum deixa claro que sua forma de escrever possibilitaria ao leitor múltiplas

trama também envolve Nael, agora com uma relação incestuosa²² com sua tia Rânia, uma mulher que era perdidamente apaixonada pelos irmãos, projetando sobre eles o modelo de homem ideal.

Esta paixão por Yaqub e Omar pode, a depender do conservadorismo do leitor²³, adquirir um caráter carnal,

interpretações sobre a paternidade de Nael: “Desde o início eu tinha certeza de que eu não podia saber quem era o pai, porque eu poderia revelar isso para o leitor e esse é um dos mistérios, um dos enigmas do romance, porque o romance não pode explicar, ele não é uma narrativa que explica, o romance, sobretudo, questiona, indaga, faz perguntas. Ele não responde, ele expõe temas humanos, relações humanas, conflitos sociais, enfim.”

²² “Já era tarde da noite quando começamos a faxina no depósito. Varremos e passamos o escovão no assoalho, retiramos as prateleiras antigas e limpamos as paredes. Ela estava exausta, ensopada, mas ainda quis conferir as mercadorias. Quando se curvou para abrir uma caixa de lençóis, vi os seios dela, morenos e suados, soltos na blusa branca sem mangas. Rânia demorou nessa posição, e eu fiquei paralisado ao vê-la assim, recurvada, os ombros, os seios e os braços nus. Quando ela se ergueu, me olhou por uns segundos. Os lábios se moveram e a voz manhosa sussurrou, lentamente: ‘Vamos parar?’.

Ela ofegava. E não se esquivou do meu corpo nem evitou meu abraço, meus afagos, os beijos que eu desejava fazia tanto tempo. Pediu que eu apagasse a luz, e passamos horas juntos naquele suadouro. Aquela noite foi uma das mais desejadas da minha vida. Depois ela falou um pouco, sem ânsia, olhando só para mim, com aqueles olhos amendoados e graúdos.”

²³ Orlandi (2009, p. 16) deixa claro que a Análise do Discurso “leva em consideração o homem no seu próprio processo histórico, considerando os processos e produções da linguagem.” Há que se fazer alguns comentários sobre esta citação. Quando Orlandi menciona o *homem* em seu discurso, não se refere exclusivamente ao gênero masculino, e sim ao ser humano de forma geral, sem distinção sexual. Outro ponto que merece destaque é que o contexto e o cenário em que o discurso é produzido são objetos de análise importantes para a AD. Assim sendo, exemplificando a situação da paixão de Rânia pelos irmãos, esta pode ser vista, por alguém com uma formação religiosa muito consistente, que se

considerando-se assim como a primeira²⁴ relação incestuosa da trama, levando em conta o período cronológico narrado – que, neste caso em específico, não se apresenta de forma linear – e que estas interpretações são construídas tendo por base a vivência de cada leitor.

Pelo seu lado, a obra *Cinzas do Norte* traz, mais uma vez, pai e filho que não se entendem. Mundo é um artista, cujos desenhos começam a se tornar conhecidos já nos tempos de escola. Mas ele nunca contou com o apoio do pai, pois Jano desejava que o filho o sucedesse na gestão de Vila Amazônia e na plantação, beneficiamento e comercialização da juta.

O período histórico das obras de Hatoum compreende a *belle époque* amazônica, que segundo Daou²⁵ (2004, p. 5), ocorreu entre 1880 e 1910; passando pelo *boom* da borracha, as duas grandes guerras, a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, chegando até a ditadura militar brasileira, perfazendo quase cem anos de história. Do ponto de vista cronológico, a última menção está em *Relato de um Certo Oriente*, quando o autor fala sobre a Praia das Imundícies, contemporânea da Zona Franca de Manaus:

A vazante havia afastado o porto do atracadouro, e a distância vencida pelo mero caminhar revelava a

tenha tornado leitor de *Dois Irmãos*, como um ato pecaminoso aos olhos de Deus.

²⁴ Entendendo também como incesto a relação entre a tia Rânia e o sobrinho Nael.

²⁵ Ana Maria Daou deixa claro que a Proclamação da República, ocorrida em 15 de novembro de 1889, juntamente com as altas arrecadações dos Estados com as receitas oriundas das exportações, foram eventos preponderantes para a prosperidade da região nos áureos tempos da borracha. Nunca é demais lembrar que este período de prosperidade durou até a produção de borracha no Sudeste Asiático.

imagem do horror de uma cidade que hoje desconheço: uma praia de imundícias, de restos de miséria humana, além do odor fétido de purulência exalando da terra, do lodo, das entranhas das pedras vermelhas e do interior das embarcações. Caminhava sobre um mar de dejetos, onde havia tudo: casca de frutas, latas, garrafas, carcaças apodrecidas de canoas, e esqueletos de animais. Os urubus, aos montes, buscavam com avidez as ossadas que apareceram durante a vazante, entre objetos carcomidos que foram enterrados há meses, há séculos. (Hatoum, 1989, p. 65).

Nesta passagem, fica muito evidente a presença, num mesmo horizonte, de um símbolo de modernidade (o cais do porto) confrontada a uma realidade que, à primeira vista, poderia causar estranheza a olhos não acostumados à difícil realidade das camadas periféricas brasileiras. Sobre a heterogeneidade visual existente na cena (e comum a muitas realidades brasileiras), convém verificar de que forma Simoni Guedes conceitua este termo:

A heterogeneidade visual é, na verdade, o resultado da ocupação em tempos diferentes, da coexistência de uma grande diversidade de estilos, da diversidade das disponibilidades financeiras que também se refletem nos diversos estados de conservação dos imóveis. (Guedes, 2007, p. 64).

Para a autora, a variedade visual vai muito além da questão de como enxergamos os horizontes de nossas cidades, atingindo inclusive vieses como a história da ocupação de determinados locais em específico, que possuem influência direta na conservação e visualização dos prédios pelos transeuntes.

Na leitura dos escritos de Jessé Souza é possível perceber como é inconsistente defender uma possível conservação do meio ambiente sem que se resolva de forma definitiva as mazelas que atingem a população mais pobre e, portanto, mais vulnerável à ausência de saneamento básico:

A defesa do meio ambiente aparece assim como a forma mais diabólica de separar sociedade e natureza, como campos de luta indissociáveis para o aprendizado moral e político que ensejaria um expressivismo bem compreendido. A ênfase na defesa do meio ambiente sem conexão com as questões sociais das quais depende a proteção desse mesmo meio ambiente – pensemos nos rios utilizados como esgotos por falta de infraestrutura para as populações pobres do Brasil – funciona também como uma espécie de fetiche. (Souza, 2018, p. 184).

Nestas áreas mais afastadas do centro, há pessoas que convivem com a pobreza, a sujeira e a falta de esperança, oriundas de décadas de abandono e de falta de justiça social. Como exemplo disto, podemos citar a cidade de Guajará-Mirim, em Rondônia, que durante décadas contou com o Igarapé Palheta, na área rural, como principal fonte de abastecimento de água para a população pela Companhia de Águas e Esgotos de Rondônia (CAERD). No entorno deste curso d'água, famílias carentes buscam condições mínimas de sobrevivência.

Ocorre que este igarapé também serviu, durante período semelhante, como reservatório de dejetos despejados pela população, o que comprometia a qualidade da água ofertada à população pela CAERD, motivando assim a abertura de poços artesianos.

Com a leitura das obras de Milton Hatoum, constata-se que a fonte a que os narradores parecem recorrer para construir seus textos está na experiência própria, bem como naquela contada de pessoa a pessoa. Quando o autor consegue trabalhar as fronteiras entre realidade e ficção, inserindo fatos ou locais históricos em suas narrativas, ou mesmo mesclando fatos de sua vida ao enredo, há a penetração da história oficial no texto literário. Isto faz com que o leitor busque mais e variadas informações para construir seu conhecimento (não se baseando apenas no texto literário). O leitor também acaba aprendendo que as melhores narrativas escritas são aquelas que menos se diferenciam das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.

PERCURSO BIOBIBLIOGRÁFICO DE MILTON HATOUM

Para entendermos a dimensão da obra de Milton Hatoum no contexto amazônico, convém primeiramente mencionar algo da sua biografia. Milton Assi Hatoum nasceu em 1952, em Manaus, capital do Estado do Amazonas, no centro geográfico da Região Amazônica brasileira.

Hatoum é descendente de uma família árabe e seu pai havia residido num bairro ao sul de Beirute, capital libanesa. Fadel Hatoum, o avô paterno do escritor em análise, migrou para Rio Branco, capital do Estado do Acre, em 1904, permanecendo nesta cidade por seis meses antes de retornar ao Líbano. Ao retornar, contava histórias da Região Amazônica aos parentes.

Após ter feito os anos iniciais em escolas públicas, chegando mesmo a cursar o ginásio no Colégio Pedro II, de Manaus (atualmente Colégio Estadual do Amazonas), aos

quinze anos de idade, mudou-se para Brasília²⁶ na companhia de dois amigos, passando a estudar no colégio de aplicação da Universidade de Brasília, denominado Centro Integrado de Ensino Médio, cujo corpo docente era formado por professores da UnB (Universidade de Brasília).

Na década de 1970, residiu na cidade de São Paulo, onde concluiu o curso de Arquitetura, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, atuando também como jornalista cultural e professor universitário da disciplina de História da Arquitetura. Neste ínterim, Hatoum acompanhava os cursos de literatura ministrados por Davi Arrigucci Júnior, Leyla Perrone-Moisés, Irlemar Chiampi e João Alexandre Barbosa.

Em 1980, na qualidade de bolsista do *Instituto Iberoamericano de Cooperación*, residiu nas cidades de Madri e Barcelona. É justamente neste período que Hatoum inicia a redigir os manuscritos daquele que viria a ser o seu primeiro romance, *Relato de um Certo Oriente*, publicado em 1989. Posteriormente, Hatoum residiu em Paris, onde iniciou um doutorado em Literatura pela Sorbonne. Ali, realizou o trabalho de *mémoire* (indicativo da conclusão de uma das etapas) sem concluir o doutorado.

Entre 1984 e 1999, Hatoum foi professor de literatura francesa da Universidade Federal do Amazonas. Atuou como professor visitante da *University of California*, em Berkeley, bem como escritor residente na *Yale University*, na cidade de

²⁶ Na entrevista já citada a Drauzio Varella, Hatoum deixa claro que a escolha por Brasília aconteceu pelo fato de a capital federal ser a metrópole mais próxima de Manaus. Como o próprio Hatoum afirma, “Brasília representava o mito da modernidade.”

New Haven, estado americano de Connecticut; depois na *Stanford University* e na *University of California*. Também foi bolsista da Fundação Vitae, bem como da *Maison des Ecrivains Etrangers* (localizada em Saint-Nazaire, na França), ademais do *International Writing Program*, no estado americano de Iowa.

Juntamente com o filósofo e crítico literário paraense Benedito Nunes (1929-2011), publicou *Crônica de Duas Cidades: Belém e Manaus*, em 2006, pela Secretaria de Cultura do Estado do Pará (Secult). Esta obra foi lançada em meio às comemorações dos 390 anos da fundação de Belém do Pará, mostrando duas visões distintas a contar a história das duas metrópoles-símbolo da região amazônica.

Desde 1998, Milton Hatoum reside na cidade de São Paulo, onde atua como colunista do Caderno 2 do famoso periódico *O Estado de São Paulo*. Anteriormente, havia atuado como colunista dos hoje extintos sites *Terra Magazine* e da revista *Entrelivros*.

Se analisarmos detidamente o conjunto das quatro principais obras de Milton Hatoum, objeto de estudo desta obra, perceber-se-á que, do ponto de vista estilístico, quase não há variação na prosa do autor, o que denota a unidade interna de seus escritos. Num contexto geral, a obra deste escritor amazônida é construída com base na utilização de um tom informal, fluente e coloquial, assemelhando-se a um diálogo entre amigos. Verifica-se também que, além de *econômico*, pois exposto em textos relativamente curtos, o estilo de Hatoum se mostra poético, cheio de figurações e estranhamentos, como afirma Toledo (2006).

Os escritos de Hatoum sempre são desenvolvidos em torno de sua cidade natal, Manaus, que se encontra

mergulhada na imensidão da floresta amazônica. Em seus livros, há um certo sabor biográfico, pois neles percebemos o resgate do universo familiar do autor, principalmente no relato do desembarque dos primeiros imigrantes na capital amazonense do século XX.

Há cenas que retratam essa chegada a um novo mundo e que criam no leitor imagens do estranhamento de um povo estrangeiro diante do “desconhecido”, no qual se depositavam esperanças de riqueza e melhoria de vida. Como exemplo, temos o desembarque de Fadel e Samira²⁷, em *Relato de um Certo Oriente*, que se embrenharam na região amazônica sem os três filhos, deixados no Líbano com os parentes.

Ao abordar terríveis conflitos familiares (como a difícil relação entre Jano e Mundo Mattoso – pai e filho – em *Cinzas do Norte*), ou a questão do incesto²⁸, presente em *Dois Irmãos*

²⁷ A narradora do segundo capítulo de *Relato de um Certo Oriente* assim narra como descobriu a chegada dos antepassados na Amazônia: “Anos depois, ao arrancar algumas palavras de Hindié Conceição é que a coisa ficou mais ou menos clara. Ela me contou uma passagem obscura da vida de Emilie. Minha mãe e os irmãos Emílio e Emir tinham ficado em Trípoli sob a tutela de parentes, enquanto Fadel e Samira, os meus avós, aventuravam-se em busca de uma terra que seria o Amazonas.” Percebe-se que este desembarque se assemelha ao de muitos (i)migrantes que chegam à Amazônia, um ambiente desconhecido que, à vista de muitos forasteiros, pode adquirir até mesmo um caráter hostil. Sobre isto, Neide Gondim (2007, p. 21), em sua obra *A Invenção da Amazônia*, deixa claro que a descoberta da área territorial que hoje comporta a América foi realizada levando muito em consideração os relatos lendários e fantasiosos que precederam estas expedições. Nestes relatos a Amazônia era sempre vista como um local onde era muito fácil acumular riquezas.

²⁸ Sobre este tema, Hatoum afirma: “O incesto é um tabu em todas as culturas, em todas as civilizações, o incesto é uma espécie de tabu. Mas a grande relação incestuosa é da mãe com o filho, da Zana com o Omar. Aí que está a relação mais problemática do romance, mas a Rânia tem um papel importante no romance, porque é ela, e não um dos homens, que

com os personagens Rânia e Nael, Hatoum traz à baila a decadência dos princípios convencionais, os quais se encontram, dia após dia, sufocados pelo espaço cada vez mais dominado pela voracidade da globalização.

Milton Hatoum adota em suas obras um tom crítico em relação à esfera política, se for levado em consideração o contexto político brasileiro das décadas de 1960 a 1980, com a eclosão e manutenção da Ditadura Militar. Evocando os fantasmas de tal período, o autor reconstrói no presente as experiências já vividas, para que as gerações presentes e futuras compreendam, sob um viés literário, acontecimentos históricos brasileiros.

Numa análise detalhada, percebemos que um dos métodos centrais utilizados por Hatoum na construção de seus romances se estabelece justamente quando o autor funde os elementos social e existencial. Noutras palavras, Hatoum engendra em seu ato de narrar as histórias particulares de personagens em específico, sem que se descuide de uma profunda observação do contexto social e histórico onde o enredo se desenvolve, deixando clara sua posição sobre os fatos relatados.

Um exemplo claro desta situação pode ser visto na obra *Relato de um Certo Oriente*, que coloca de lados opostos na

leva adiante a pequena loja, a empresa do pai. É ela, figura feminina forte, que toma decisões sobre a loja do pai, porque ela também é vítima de um trauma da juventude, porque a sua mãe a proibiu de ter uma relação amorosa na juventude, então isso também causou um trauma a Rânia. Então ela é uma personagem que tem lá um momento no porão da loja tendo uma relação com Nael que, na verdade, é seu sobrinho, mas é uma relação que não é explícita, porque no romance o sexo explícito é muito complicado para ser escrito. Você não precisa descrever tudo, não é uma pornografia. Então você pode insinuar coisas dessa relação amorosa; eu tentei fazer isso.” (Feliciano & Barbosa, 2016, p. 133).

mesma narrativa a boa vida da família de Emilie em contraste com a situação deplorável em que sobreviviam Anastácia Socorro e seus sobrinhos, com muito trabalho e poucos recursos, e por isso duramente explorados por sua benfeitora. Tal situação mostra, numa realidade micro, a situação que já ocorria no tempo cronológico em que a obra está situada, potencializando-se nos tempos atuais: a antítese entre a minoria abastada e a grande maioria que mal possuía o necessário para se manter com dignidade, sobrevivendo à própria sorte.

RELATO DE UM CERTO ORIENTE

Embora houvesse iniciado a escrita desta obra no início da década de 1980, Hatoum a concluiria apenas em 1987, publicando-a dois anos depois, ressaltando a pecha (confirmada pelo próprio autor, em entrevista ao médico Dráuzio Varella) de ser lento²⁹ no processo de escrita.

Ambientada na cidade de Manaus, *Relato de um Certo Oriente* mostra a seus leitores dois dos elementos que se tornarão imprescindíveis na prosa do autor: a memória e a coletividade (aspectos que seriam revisitados em *Dois Irmãos* mais de dez anos depois), bem como a construção da identidade do migrante.

²⁹ “Li os *great books* com muita paciência. Fiz uma leitura quase estudada. Demorei muito para escrever o *Relato de um Certo Oriente*. Esse manuscrito (feito a mão mesmo) viajou por muitos lugares (três anos na França, dois anos em Manaus) e só terminei o manuscrito em 1987. Até publicar, foram nove anos.” Na entrevista ao professor Luiz Antônio Assis Brasil (2009), Hatoum menciona esta lentidão no processo de escrita: “Gostaria de escrever com mais rapidez, acho que todo escritor gostaria de ser Stendhal e escrever um grande romance em menos de dois meses.”

A obra *Relato de um Certo Oriente* é constituída por oito capítulos, cada um deles escrito por um personagem distinto. O intuito confesso de Hatoum³⁰ é resgatar a forma oral de narrar, como clara referência aos tempos antigos, em que as pessoas aprendiam ouvindo e, posteriormente, repetindo o que ouviam. Assim, dominavam profundamente os provérbios e ditos populares, bem como as possibilidades de combinação e recombinação, por meio da assimilação de outros materiais formulares.

Em entrevista a Aida Hanania, repórter do site Hottopos³¹, Hatoum deixa claro que, para resgatar a oralidade como método narrativo, ele se vale do artifício da narração de histórias em contexto familiar, constituindo assim um método, um projeto de escrita. Um exemplo claro deste método aparece claramente na constituição do texto de *Dois Irmãos*, no qual os fatos narrados a Nael são constituídos tal como uma colcha de retalhos, em que as próprias percepções e sentimentos do narrador estão em comunhão com os ditos dos personagens mais próximos a ele.

³⁰ “Eu, quando estava na Espanha, recebi uma notícia que me chocou - acentuada pelo drama da distância (eu já estava há quinze anos longe de Manaus) - a notícia da morte de meu avô, que era o narrador, oral, da minha infância. E isso provocou em mim o desejo de escrever sobre esse homem, cuja voz não mais existia; algo assim como a recuperação de uma voz que se foi.” Disponível em: <http://www.hottopos.com/collat6/milton1.htm>. Acesso em: 31 maio 2021.

³¹ Isto fica muito claro quando Hatoum faz a seguinte afirmação a Aida Hanania: “minha intenção, do ponto de vista da escritura, é ligar a história pessoal à história familiar: este é o meu projeto. Num certo momento de nossa vida, nossa história é também a história de nossa família e a de nosso país (com todas as limitações e delimitações que essa história suscite).” Disponível em <http://www.hottopos.com/collat6/milton1.htm>. Acesso em: 31 mai. 2021.

Hatoum engendra o texto de *Relato de um Certo Oriente* de maneira a mostrar aos leitores uma Manaus provinciana - levando-se em consideração que o desenrolar da narrativa se dá nos primeiros anos do século XX -, porém cosmopolita, posto que a obra vai se desenrolando em consonância à *belle époque* amazônica, definida por Daou (2004, p. 5) como uma expressão de euforia e triunfo da sociedade burguesa local com as notáveis conquistas materiais e tecnológicas recentes, juntamente com o notável progresso da região, ocorrido com a expansão do comércio gomífero.

É interessante anotar que Manaus acaba se separando da floresta por meio das águas fluviais e se estabelece como capital de um estado que faz divisa com outros três países - Venezuela, Colômbia e Peru -, fato este que reforça a pluralidade cultural nas fronteiras, ainda que se trate de uma ficção, dada a diversidade de culturas e línguas ocorrendo na narrativa, uma constante na região, por meio da convivência de indivíduos pertencentes a diversas nacionalidades.

Para uma compreensão efetiva da obra, parece necessário descrever os personagens componentes da árvore genealógica da família, cujas ações permeiam os acontecimentos, e compreender assim como a obra dá conta de narrar a história e os conflitos desta família, com o enredo centrado na personagem Emilie e na sua posição de matriarca, já que a fase de maior importância da história se dá após o seu casamento.

Fadel e Samara formam um casal que desembarca em Recife e tem três filhos: Emílio, Emir e Emilie. Esta última se casa com um muçulmano e tem quatro filhos: Hakim, Samara Delia e um casal de gêmeos cujos nomes sequer são mencionados no romance. Ao invés de serem nominados, estes

dois filhos (um menino e uma menina) são adjetivados como “demônios tatuados no corpo e língua de fogo.” (Hatoum, 1989, p. 7). Há ainda dois netos adotivos (um casal), cuja menina é a narradora da história, contando os fatos ao irmão e mostrando narrativas de personagens do livro.

Samara Délia se casa com um desconhecido e com ele tem uma filha, que recebe o nome de Soraya Ângela, cujo final na história é trágico: já relegada pelos parentes por ser surda, morre atropelada aos seis anos, durante seu primeiro e único passeio com a mãe.

É a morte de Emilie que motiva a chegada da sua filha adotiva a Manaus, com o objetivo de registrar acontecimentos ligados à matriarca, fatos estes narrados por pessoas ligadas a Emilie, seja por parentesco, ou por afinidade. A partir dos acontecimentos que se desenrolam, a narradora vai descobrindo histórias da família que a criou.

Durante o desenrolar da história, dois fatos, tidos como centrais, são evidenciados, ganhando uma significativa dimensão no enredo. O primeiro deles é a morte de Emir, que se suicida afogado, evento este que remete suas testemunhas ao passado, trazendo à memória os fatos anteriores à vida em território brasileiro.

O segundo evento é a morte de Soraya Ângela³², que causa uma divisão dentro da família, ocorrida principalmente

³² A morte de Soraya Ângela é inspirada no falecimento de uma prima de Hatoum, conforme citado em entrevista de Milton Hatoum a Majed Gebaly (2010), doutorando que buscou traduzir *Relato de um Certo Oriente* para o árabe, para posteriormente fazer um estudo hermenêutico desta tradução. Nesta entrevista, Hatoum afirma: “Quando eu era criança, brincava muito com uma prima que era surda-muda, como está no livro. E, um dia, ela saiu correndo para a rua e foi atropelada por um

por conta de um viés religioso. De um lado, a católica Emilie; do outro, seu marido muçulmano. No meio desta disputa, os filhos do casal.

Em torno da família trabalhada na obra, é evidenciada uma comunidade heterogênea de pessoas residentes na terra, como o fotógrafo alemão Dorner, bem como as locais Hindié Conceição e Anastácia Socorro, que trabalhavam na casa de Emilie.

Durante o período em que a história se passa, o leitor acaba acompanhando o desembarque dos fundadores da família na Manaus do Primeiro Ciclo da Borracha, evidenciando assim a *belle époque* manauara. Hatoum também trabalha uma evidente discrepância social ao mostrar dois ambientes distintos. Se de um lado o leitor observa a loja de artigos finos *A Parisiense*, que remonta à forte influência francesa existente a nível nacional no início do século XX, do outro há a *praia de imundícies*, que, além de remontar ao tempo presente na narrativa, mostra ao leitor uma cidade onde o afã da Zona Franca não chegou e onde seus antigos protagonistas não se veem.

DOIS IRMÃOS

Publicado em 2000, *Dois Irmãos* foi o segundo romance de Hatoum, sucedendo *Relato de um Certo Oriente* e sendo sucedido por *Cinzas do Norte*. Este romance recebeu o *Prêmio Jabuti* de Melhor Livro de Romance e de Ficção do ano de 2001.

ônibus. Morreu instantaneamente. Foi uma das cenas mais chocantes de minha infância, uma cena que nunca esqueci.”

O enredo traz um conflito já presente em outras obras da literatura universal, validando o trecho bíblico “não há nada de novo sob o sol”. A própria Bíblia nos mostra, por meio da disputa entre Esaú e Jacó (que Machado de Assis utilizou como título de uma obra que confrontaria os gêmeos Pedro e Paulo), cuja rivalidade entre irmãos, seja por razões financeiras ou por outras motivações de disputa, rendeu um excelente texto literário.

Tendo como pano de fundo esse conflito, no qual dois irmãos – Yaqub e Omar – iniciam uma rivalidade na adolescência, levando-a até a vida adulta, Hatoum desenvolve um romance que esconde, sob a estrutura de um drama familiar, uma crítica social que permanece atual, mesmo após vinte anos de seu lançamento.

O casal de origem libanesa Zana e Halim³⁵ possui três filhos: os gêmeos Yaqub e Omar e a caçula Rânia. Nascidos em Manaus, os gêmeos contam com a superproteção da mãe, embora haja predileção³⁴, por parte desta, em favor de Omar, carinhosamente conhecido como o “Caçula”.

A breve descrição da morte de Zana marca o prólogo do livro. Uma atenta leitura desta parte nos mostra que Zana

³⁵ Em entrevista ao professor Luiz Antônio de Assis Brasil, da PUCRS, Hatoum relata que, ao esboçar as características que determinaram o personagem Halim, pensou no próprio pai, que havia morrido pouco tempo antes de *Dois Irmãos* começar a ser escrito.

³⁴ Este tema da predileção a Omar muito se assemelha ao favoritismo que Rebeca, mãe dos gêmeos Esaú e Jacó, aparentava ter pelo filho mais novo. É interessante resgatar o contexto da narrativa da Sagrada Escritura, constante do livro primeiro da Bíblia (Gênesis), na qual Rebeca auxilia Jacó a usurpar do irmão o direito de primogenitura, considerado muito importante para o contexto da época em que o texto bíblico se passa.

estava sob enorme angústia, pois ansiava pela reconciliação dos gêmeos. Nesta cena, o silêncio da filha e da amiga mais chegada à última pergunta de Zana (“Meus filhos já fizeram as pazes?”) coincide com o último suspiro da matriarca e com o fim de mais um dia.

O primeiro capítulo é iniciado com a narrativa da volta de Yaqub de uma viagem forçada ao Líbano. Neste dia, o porto do Rio de Janeiro estava “apinhado de parentes de pracinhas e oficiais que regressavam da Itália.” (Hatoum, 2000, p. 10). Este trecho mostra que a cena narrada se passa em 1945, no período final da Segunda Grande Guerra.

Um leitor mais inexperiente pode questionar o motivo da viagem de Yaqub ao Líbano, já que esta informação não aparece imediatamente. Este esclarecimento surge posteriormente, num recuo cronológico. Assim que Yaqub retorna, as diferenças entre os gêmeos tornam-se cada vez mais nítidas e potencializadas, e podem ser verificadas de formas distintas. Ou elas vieram do berço (numa rivalidade que muito lembra Esaú e Jacó³⁵), ou seguiram um processo gradativo, surgindo na infância, potencializando-se na adolescência e atingindo o clímax num episódio da idade adulta.

O texto mostra algumas disputas entre Yaqub e Omar. A primeira delas, que melhor define a rivalidade entre ambos, tem Lívia como pivô. A menina era sobrinha dos Reinoso,

³⁵ Parece interessante ressaltar os motivos de tanta rivalidade entre estes dois pares de irmãos. Se, no texto de Hatoum, a rivalidade num primeiro momento ocorre por conta da afeição de Lívia, que flertava com ambos, sem se decidir efetivamente, naquela circunstância, para quem iria sua atenção, no texto bíblico a rivalidade se potencializa devido a um cozido feito por Jacó, por meio do qual ele usurpou o direito de primogenitura do irmão (presente em Gênesis, capítulo 25, versículos 29 a 34), e chega ao ápice quando Jacó é abençoado por Isaque, que está à beira da morte, no lugar do irmão (presente em Gênesis, capítulo 27, versículos 19 a 29).

família pertencente à elite manauara e vizinha de Zana e Halim. Era uma garota aloirada, com corpo alto de moça. (Hatoum, 2000, p. 10).

Numa primeira ocasião, que ocorre no baile de Carnaval no casarão dos Benemou, Zana ordena a Yaqub que leve Rânia para casa, com a promessa de que ele poderia voltar depois. Esta atitude acaba favorecendo Omar, que ganha minutos preciosos na companhia de Lívia, com quem dança de rosto colado. Esta situação acaba por despertar um sentimento de ódio em Yaqub, que queria Lívia para si.

Omar não sabia que o troco seria breve. Pouco tempo depois, numa tarde de sábado, haveria uma sessão de cinematógrafo ambulante na casa de Estelita Reinoso, e os gêmeos de Zana e Halim estariam presentes. Eis que no meio da sessão ocorre uma pane no equipamento e a sala fica às escuras. Assim que as luzes da casa se acendem, os lábios de Lívia estão colados ao rosto de Yaqub. Quando Omar percebe a cena, revolta-se, quebra uma garrafa e, num golpe rápido e certeiro, corta o rosto do irmão. A cicatriz em forma de gancho que se origina no rosto de Yaqub é a marca da inimizade perene entre eles.

Quando Zana e Halim percebem que o incidente poderia despertar o aumento da rivalidade entre os gêmeos, decidem mandar um deles para o Líbano, apostando que a distância apagaria o incidente e amenizaria o ódio entre os dois. O escolhido é Yaqub, que passa cinco anos numa aldeia libanesa remota. Esta escolha parte de Zana, que não queria desfazer-se do caçula. Omar acaba sendo tratado, durante o período de ausência do irmão, como filho único, e a distância entre os irmãos não diminui o ódio recíproco.

O exílio de Yaqub o insere numa realidade totalmente diferente da que ele estava acostumado, tornando-o um jovem introspectivo e embrutecido, cuja falta de modos se torna aparente diante de todos. Como ponto positivo, ele se torna mais maduro do que Omar, pois este último se recusa a assumir responsabilidades.

À custa de muito trabalho, a família de Halim alcançou posição privilegiada na cidade de Manaus. Se se fizer a comparação da situação de Halim com a realidade da população local à época cronológica do romance, esta discrepância fica ainda mais evidente. Quando Omar percebe esta situação, mostra-se um aproveitador contumaz, não se dedicando nem à escola, muito menos a uma profissão.

Sua indisciplina atinge o ápice durante uma das aulas de Matemática, quando Omar agride o professor Bolislau com um soco no queixo e um chute. Por ironia, este professor era o preferido de Yaqub. Com esta agressão, Omar acabou expulso do colégio dos padres, apesar da intercessão de Zana.

Ele se matriculou numa escola de reputação bastante duvidosa, o Liceu Rui Barbosa, pejorativamente chamado de *Galinheiro dos Vândalos*. Neste novo ambiente escolar, Omar conhece o professor Antenor Laval, amante da poesia francesa, um intrépido defensor da liberdade e fornecedor de livros para Omar. Estes livros eram lidos na pensão onde Laval morava.

Chegado do exílio no Líbano, Yaqub se dedica ferrenhamente aos estudos, demonstrando uma grande aptidão à Matemática. Como se destacasse, recebe uma viagem para São Paulo, para aprimorar os estudos. Sua principal ajuda para tomar a decisão de partir vem de uma conversa com o padre Bolislau, que lhe disse: “Se ficares aqui, serás derrotado pela

província e devorado pelo teu irmão.” (Hatoum, 2000, p. 28). Antes de partir, Yaqub tem um encontro amoroso com Lívia.

Durante o período em que reside em São Paulo, Yaqub manda cartas cada vez menores à família, apenas com as notícias mais importantes. Estas correspondências eram lidas com efusão por Zana, como evidências de um contato renovado com o filho distante.

Yaqub começa os seus estudos frequentando a Escola Politécnica e dá início a uma bem-sucedida carreira, pois se forma em Engenharia, tornando-se um profissional competente. No meio deste caminho, contrai matrimônio, mas não leva a esposa para os encontros de família, que se tornam cada vez menores. Nestas ocasiões, Yaqub se esforça por esconder seu progresso numa região tão distante de Manaus.

A cada chegada de Yaqub, Zana se enche de orgulho, sentimento que se mescla com o remorso de que ela, enquanto mãe, contribuiu significativamente para que Yaqub se distanciasse da família. Como antítese, Zana nunca escondeu a frágil constituição moral de Omar, pois ele se aproveitava das vantagens do cuidado doentio materno por ele recebido.

Neste ínterim, Zana pergunta a Yaqub por qual razão ela ainda não conhece a nora. A resposta de Yaqub evidencia a permanência do clima de animosidade entre os irmãos, sem qualquer trégua com o passar dos anos: “O outro filho vai te dar uma nora e tanto. Uma nora tão exemplar quanto ele.” (Hatoum, 2000, p. 73).

Como contraponto ao irmão, Omar é um boêmio que se entrega a festas e bebedeiras constantes, com noitadas em que ele sempre terminava estirado numa das redes da casa, onde

permanecia grande parte do dia. Com esta situação, ultrapassou os limites na relação com seu pai no dia que trouxe uma mulher para casa; assim que Halim se depara com esta situação, expulsa a desconhecida e aplica uma única bofetada em Omar. Feito isto, Halim sai de casa por dois dias.

Tempos depois, Omar leva outra mulher, chamada Dália, para a casa de Zana e Halim, como uma eventual namorada. Vendo aquela bela mulher, Zana percebe nela uma espécie de concorrente forte, e a expulsa de casa, após uma breve conversa com a invasora, que mais tarde teve sua identidade revelada, como uma das *Mulheres Prateadas*, nome dado a um grupo de dançarinas amazonenses que se apresentava numa casa noturna.

Após este episódio, Zana convence Yaqub a hospedar o irmão. Não conseguiu, mas Yaqub alugou um quarto para o irmão numa pensão e o matriculou num colégio particular. Omar, então, parte para São Paulo, onde se comporta de maneira exemplar, até que a família descobre seu desaparecimento, motivado pelo casamento de Yaqub e Lívia.

Neste ponto da narrativa, ocorre a segunda cena de rivalidade entre os dois. Após ter acesso à casa do irmão, ao se envolver com a empregada de Yaqub, Omar cobre as fotos do álbum de casamento de seu gêmeo com imagens obscenas, além de roubar oitocentos e vinte dólares e com eles fugir para os Estados Unidos.

Nael desconfia ter descoberto a identidade do pai ao perceber que, numa das visitas de Yaqub à família, em Manaus, Domingas e o gêmeo de Omar estão de mãos dadas. De volta a São Paulo, Yaqub prospera cada vez mais, ao contrário do irmão, que retorna à casa dos pais e se envolve em atividades

de contrabando, além de ter uma relação amorosa com uma mulher conhecida pelo apelido de Pau-Mulato, antes de fugir de casa por um longo período.

Quem procurará o caçula é Halim, mas, depois de alguns meses, não o encontra. Vendo o que estava acontecendo, Zana procura Adamor, um peixeiro cujo apelido era Perna-de-Sapo, que conhece a floresta muito bem, a ponto de encontrar Omar na beira do rio, convivendo com Pau-Mulato. Ela atuava como cartomante, realizando leituras das mãos em troca de víveres para subsistência. Zana encontra o filho e após uma longa discussão, ambos voltam para casa.

Em dado momento da narrativa, Nael acaba por revelar sua paixão para Rânia. Ela, então, lhe concede uma única noite de amor, no depósito da Rua dos Barés.

Halim está envelhecendo e a presença (em caráter definitivo) de Omar acaba lhe deixando muito pouco à vontade dentro de sua própria casa.

Outra faceta de Omar acaba sendo conhecida pelo leitor, quando do episódio de prisão e morte do professor Laval, ocorrido em abril de 1964, como consequência do golpe militar. Omar se fecha em luto e (temporariamente) abandona a vida noturna ao descobrir como se deu o trágico desaparecimento do professor Laval: após ser espancado por policiais em praça pública por distribuir poemas que ele mesmo escrevia. Dois dias mais tarde, descobre-se a morte do professor.

A morte de Halim ocorre na véspera do Natal de 1968. Neste período, ele já estava cada vez mais entregue ao passado e saía de casa frequentemente, fazendo longas caminhadas pela

cidade, estando sempre acompanhado por Nael. No dia de sua morte, retorna para casa apenas de madrugada, quando todos já dormiam (embora houvesse uma atmosfera de apreensão com sua demora). De manhã ele é encontrado pelos familiares, sentado no sofá, já sem vida. Omar acaba dirigindo vários improperios em direção ao corpo do pai, mas vizinhos o impedem de atacar o cadáver.

Para o enterro de Halim, Yaqub envia uma coroa de flores e uma espécie de epitáfio com a seguinte inscrição: “Saudades do meu pai, que mesmo à distância sempre esteve presente.” Zana, pela primeira vez, trata Omar de forma mais dura e o repreende por seu afastamento do túmulo do pai.

Dias depois, Omar passa a trazer para a casa da família um indiano de fala mansa chamado Rochiram, que tinha a ideia de construir um hotel em Manaus. A matriarca Zana vislumbra neste empreendimento uma possível reconciliação dos irmãos.

Omar prevê as intenções da mãe e tenta inutilmente esconder o indiano. Por carta, Zana convoca Yaqub, que, algum tempo depois, chega secretamente a Manaus e se hospeda num hotel isolado, localizado numa das áreas mais antigas de Manaus, logo se associando a Rochiram.

Em certa manhã, Yaqub surge na casa e fica deitado na rede, chamando Domingas para ficar junto dele. Ao ver a cena, Nael observa que os dois nunca haviam ficado tão juntos. Omar chega intempestivamente na varanda e agride o irmão, e o teria matado se não fosse a interferência de Nael e dos vizinhos. Omar aproveita a situação e rasga os projetos de Yaqub para a construção do hotel.

E a situação só piora. A destruição do projeto resulta em instituir uma dívida exorbitante com Rochiram, causando pavor em Rânia. Pouco tempo depois, Domingas fica doente e morre, não sem antes relatar a Nael que fora estuprada por Omar.

Rânia prepara um bangalô para levar Zana, que resiste a abandonar o velho lar. Certo dia, Rochiram aparece para pedir a casa, como forma de acerto da dívida, sugestão esta que viera de Yaqub. O gêmeo mais velho denuncia a agressão à polícia, o que torna Omar um foragido. Neste tempo, ocorre a morte de Zana. Conforme afirma Rânia a Nael, uma pequena parte da casa, nos fundos, torna-se a parte da herança que caberia ao filho de Domingas.

Numa tarde, Omar aparece diante de Rânia, sem ter tempo de falar com ela, já que o Caçula acaba sendo capturado e agredido por policiais que estavam à espreita.

A morte de Yaqub é rapidamente citada por Nael, ocorrendo cerca de cinco ou seis anos antes da data cronológica que a obra é escrita. Omar acaba saindo da cadeia pouco tempo antes da sua pena ser cumprida.

A última cena do romance se passa numa chuva torrencial e o caçula aparece diante de Nael, olhando fixamente para ele. Parece estar a um passo de lhe pedir perdão, mas recua e parte lentamente. Não se sabe se o silêncio de Omar denota o medo ou a vergonha de, efetivamente, ter de encarar o filho negado durante tanto tempo.

Como já dito anteriormente, a narrativa de Hatoum inicia-se por um dos trechos próximos ao final. O primeiro capítulo permite a contemplação de Zana pelo leitor, esta mãe

atormentada por uma culpa carregada há tantos anos, uma responsabilidade diretamente relacionada à decadência moral e financeira de sua família, além da óbvia predileção da mãe por Omar, em prejuízo de Yaqub.

A partir deste prólogo, são reconstituídas todas as cenas que levam a este desfecho, pela voz de Nael, um narrador que está sob o dilema de ser observador e personagem. A mãe de Nael, Domingas, personifica todas as contradições dos limites a separar as posições de empregado, membro secundarizado da família e escrava, num contexto claramente herdado do colonialismo típico do *hinterland* brasileiro.

Os patrões Zana e Halim veem em Domingas a indígena que, num passado distante, resgataram do costume pagão, incluíram no meio cristão e trataram como família, mediante um adjutório concedido às religiosas Irmãzinhas de Jesus. Para Domingas, o conceito de família, neste caso, significava morar nos fundos da casa e trabalhar como empregada. Este discurso de laços familiares acaba se tornando ainda mais absurdo quando Domingas é abusada por Omar e acaba engravidando, percebendo com isso que não tinha o direito de ser “tão família” assim, pois jamais seria admitida neste seio familiar, sendo-lhe sempre imposto o lugar de empregada.

O destino da mãe acaba sendo imposto a Nael. Ele vivia sem saber ao certo qual era a sua origem (qual dos gêmeos era seu pai) e qual o seu papel (se mero empregado ou herdeiro de um quinhão da casa de seus benfeitores), gerando neste personagem uma busca incessante pela identidade de seu genitor. Naquela família, todos conheciam os laços consanguíneos que os uniam ao garoto. Entretanto, isto não impediu que Nael fosse criado como um ser sem pai (fruto de

algum passo em falso da pecadora Domingas), embora seu pai sempre estivesse na casa.

Halim, o avô, é o único que se preocupa um pouco mais com Nael, embora nunca tenha demonstrado a força necessária para assumir o parentesco. O patriarca nutria um carinho pelo menino, passando horas a lhe contar histórias, resgatando eventos e fazendo com que, de alguma forma, a memória presente nas narrativas não se perdesse. São estas anedotas que moldam a narrativa, conduzida pela voz de Nael.

Para o narrador, as palavras se constituem numa forma de reconstrução da história desconhecida de sua própria vida; desta forma, tenta-se expurgar rancores iniciados bem antes de seu nascimento e perpetuados em todos os membros da família que o acolheu.

A trajetória de abusos, vinganças e declínio da família de Halim pode ser vista como uma metáfora do ciclo de perdas e dilapidações a que nosso País tem passado desde seu início. Neste sentido, colonizar é fazer com que um povo viva marginalizado, bastardo, sem direitos dentro de sua própria terra. É explorar este povo ao máximo e usufruir de suas benesses.

Assim como Domingas, os colonizados acabam sendo vistos ora como família, ora como empregados, ora como escravos – tudo depende da ótica propícia para o momento, ou do que convém ao colonizador.

Dar voz a Nael como narrador deste romance é uma escolha³⁶ significativa de Hatoum, pois o autor permite que o

³⁶ Em entrevista a Feliciano & Barboza (2016, p. 131), Hatoum faz a seguinte declaração: “Eu não queria um narrador de uma classe social

personagem obrigado a se calar a vida toda tenha, enfim, a ocasião de se manifestar. A história é contada não do ponto de vista de quem se beneficiou dos fatos ocorridos, mas de quem sofreu com tudo o que aconteceu, sendo posto à margem da estrutura familiar.

CINZAS DO NORTE

Publicado em 2006, *Cinzas do Norte* é o terceiro romance de Milton Hatoum, sucedendo *Relato de um Certo Oriente* e *Dois Irmãos* e sendo sucedido por *Órfãos do Eldorado*. Recebeu o *Prêmio Jabuti* de Melhor Livro de Romance.

Vencedora de cinco prêmios, essa obra de Hatoum demorou cinco anos para ficar pronta. O enredo construído ajuda o leitor a compreender a formação da população brasileira e amazônica nas décadas de 1960 e 1970, com breves referências à ditadura militar brasileira.

Na Manaus dos anos 1950 e 1960, dois meninos travam uma amizade que atravessará toda a vida. De um lado, temos Olavo (conhecido como Lavo), o narrador, menino órfão criado por dois tios mal-remediados, que cresce à sombra da família Mattoso. Isto contrapõe o berço aristocrático da família Mattoso, situação que sustenta o antagonismo da obra. Do outro lado, Raimundo Mattoso (ou Mundo), filho de Alícia e do aristocrático Trajano. É interessante ressaltar que Lavo assume o papel de narrador da obra, relatando os fatos que circundam

elevada, eu queria um narrador que fosse um menino pobre, que depois estudou. Eu conheci essas pessoas na escola pública, onde pobres e ricos estudavam juntos e elas ficaram na minha memória. Eu queria que essa história dos *Dois Irmãos* fosse contada por alguém que veio de baixo e conseguisse escrever essas memórias.”

sua relação com a família Mattoso, conforme sua própria perspectiva de amigo do protagonista.

A narração de *Cinzas do Norte* ocorre de forma linear, embora haja inserções no texto que remontam ao passado. Essas inserções estão principalmente voltadas à infância de Alicia, que acabou moldando o caráter de Mundo.

Como as demais, exceto a última, esta obra se apresenta com uma linguagem altamente objetiva, contando uma das possíveis histórias de uma geração que sonhou com um mundo mais justo, apenas para encontrá-lo em cinzas em sua maturidade. No mundo em que estamos, nada nos resta.

Este título é emblemático, um programa para a narrativa, apresentando-se como uma metáfora multifacetada, pois ora são os personagens que se desvanecem em cinzas, ora é a cidade que se constrói, reconstrói e modifica contínuas vezes, tal como grandes metrópoles ao redor do mundo.

Os dois protagonistas desta obra são contemporâneos de Hatoum, posto que nascidos no início dos anos 1950. No desenrolar da trama, eles acompanham os fatos que também foram vistos por Hatoum: o golpe de 1964, os Anos de Chumbo, o milagre econômico e a abertura política. O centenário Colégio Pedro II, localizado em Manaus, por onde os protagonistas Lavo e Mundo passaram, também teve o próprio Milton Hatoum como aluno.

O clã Mattoso é retratado como desnorteado, pois Jano assume uma postura ditatorial (como uma reminiscência do regime vigente no Brasil à época) que contrasta com as aspirações do jovem Mundo, mais voltado a seus dotes artísticos. Há uma clara divisão na família, pois enquanto

Mundo se vê mais apegado à sua mãe Alícia, Jano se vê mais próximo do cachorro Fogo.

O principal sonho do protagonista Mundo é ser artista, algo que fica muito claro ao leitor com o desenrolar da narrativa, dada a percepção de que o filho de Jano é apaixonado desde pequeno por desenho e, por conta disso, ignora qualquer educação formal, preferindo trabalhar com sua arte.

Embora herdeiro de uma família rica e decadente, Mundo vive numa contenda cruel com o pai. Jano era amigo de militares e não aceitava que o filho decidisse trocar os negócios da família pela arte. Por conta disso, faz de tudo para que Mundo não siga seu sonho, desprezando a rebeldia e os talentos artísticos do filho, com quem disputa o amor de Alícia, que estimula o talento de seu rebento.

Apesar de Lavo mostrar seus sentimentos, a narração dele se mostra bastante consistente para mostrar a família onde ele está inserido, tendo espaço também para as pessoas que circundam este núcleo familiar, com destaque a Naiá (empregada que cuidou de Mundo desde criança) e Macau (motorista de Jano).

O espaço político é acentuado, e o território onde a história de *Cinzas do Norte* se passa mostra uma Manaus exuberante, como atrativo para investimentos estrangeiros, contrastando com a situação das áreas mais humildes. Tal cenário evidencia uma metrópole que cresce em ritmo desordenado.

O texto também faz menção ao Novo Eldorado (conjunto habitacional que, no enredo de *Cinzas do Norte*, se

torna motivo de atrito entre pai e filho) e à Vila Amazônica (base da fortuna da família Mattoso), onde se encontram jovens agropecuaristas fugidos do Japão, quando da eclosão da Segunda Guerra Mundial, que trabalham para Jano na extração da juta. Estes trabalhadores nipônicos residem em Okayama-ken, uma vila específica para eles.

Já mais próximo do fim da narrativa, Mundo viaja para o Rio de Janeiro e depois vai a Londres, e posteriormente para Berlim, onde consegue trocar experiências com artistas de diversas partes do mundo, em particular com Alexander Flenn, com quem aprende novas técnicas artísticas. Lavo se torna advogado e fixa residência em Manaus.

A trajetória de Mundo em *Cinzas do Norte* se mostra peculiar. Ele se encontra em um ambiente adverso já em Manaus, triplamente oprimido pelo pai, pela província e pelo regime militar, podendo ser visto como um estranho em sua própria terra. Anos depois, ao migrar para Berlim e Londres, torna-se um exilado por vontade própria, tendo pouca interlocução e sendo prisioneiro da imagem sufocante do pai. Destarte, torna-se perceptível que Jano é um estrangeiro dentro de sua Amazônia, por não desfrutar das benesses paternas.

ÓRFÃOS DO ELDORADO

Lançado em 2008, este é o quarto romance publicado por Hatoum, sucedendo *Cinzas do Norte*. Este livro foi o segundo colocado no Prêmio Jabuti de Melhor Livro de Romance do ano de 2009. Recuperar o mito do Eldorado (cidade fantasiosa toda feita de ouro puro e maciço, além de conter muitos outros imaginados tesouros) torna-se imperioso para uma proposta

de leitura crítica de *Órfãos do Eldorado*, obra que anuncia, a partir do título metafórico, a queda de um império.

Do encantamento que o mito do Eldorado [Benedito Nunes] sugere em seu título, passa-se ao poema do grego Konstantinos Kaváfis (1863-1933), intitulado *A Cidade*, onde se lê em dois dos versos: “Só vejo minha vida em negras ruínas/onde passei tantos anos, e os destruí e desperdicei.” O poema dialogará, num claro processo de intertextualidade, com a história a ser narrada, centrada em Arminto Cordovil, a qual representa a história dos descendentes dos barões da borracha que tiveram seus impérios econômicos lapidados por estrangeiros, ávidos pelo enriquecimento rápido em território amazônico. Destes fatos, o narrador deliberadamente dá conta ao leitor, ao afirmar: “Um dia vou concorrer com a Booth Line e o Lloyd Brasileiro, dizia meu pai. Vou transportar borracha e castanha para o Havre, Liverpool e Nova York.” (Hatoum, 2008, p. 8).

Atravessado pelas lendas, muitas delas também encontradas na literatura, como em *Macunaíma*, do paulista Mário de Andrade, e em *Cobra Norato*, do gaúcho Raul Bopp, o romance de Hatoum reencena tais narrativas em seus detalhes, com a garantia de que, no imaginário amazônida, mitos e lendas encontram-se de tal sorte enraizados que a industrialização, a dizimação da população nativa e mesmo a modificação da palavra em seu viés tecnológico não conseguem ofuscá-los.

Reaparecendo no projeto literário de Hatoum³⁷, o personagem Arminto Cordovil era filho de Amando Cordovil,

³⁷ É interessante lembrar as palavras de Maria Rita Berto de Oliveira (2013, p. 16), para quem os personagens do projeto literário de Milton

um homem muito rico e reconhecido que morava na cidade de Vila Bela, no Estado do Amazonas³⁸. Amando trabalhava com transporte de madeira e borracha por meio de cargueiros. Aliás, um dos cargueiros se chamava Eldorado – daí advém uma das justificativas do título do livro.

Arminto inicia um relato autobiográfico pela história de sua infância, relatando um ressentimento do pai. Amando considera que Angelina, sua esposa, morreu por culpa do filho. Por conta deste fato, pai e filho têm uma convivência bastante conturbada.

A situação se agrava quando Arminto é acusado de abusar de Florita, a empregada que cuidou dele logo após a morte de Angelina. Assim que Amando fica sabendo do ocorrido, envia o filho a Manaus. Sua ação tem um objetivo claro: fazer com que este caso caia no esquecimento.

Vivendo em Manaus, Arminto se insere numa vida boêmia, participando de farras e bebedeiras. Por esta razão, não se dedica ao trabalho do pai, nem se importa com os negócios da família. Depois de algum tempo vivendo desta forma, resolve retornar a Vila Bela para junto do pai. Assim que

Hatoum acabam, com o passar do tempo, circulando nas relações de familiaridade internacionalista e de trocas naturalizadas com o espaço do estrangeiro. Analisando esta passagem, é comum lembrar dos personagens imigrantes que, por meio das relações de trabalho estabelecidas na Amazônia, acabaram por constituir família com nativos, incorporando às suas vidas os hábitos da sua *nova casa*.

³⁸ Vila Bela também é retratada na belíssima obra *Vila Amazônia* (2012), do amazonense Antônio Cândido da Silva, romance ficcional embasado numa Vila fundada pelos japoneses na Amazônia (com uma descrição que remete a Okayama-ken. Antônio Cândido lembra que os nipônicos trazem para nossa região o cultivo da juta, que havia sido importada da Índia e que se tornou perfeitamente adaptável às condições de produção em território amazônico.

vê o filho, Amando se sente mal e morre em praça pública, na frente do filho. Por esta razão, não existe reconciliação entre eles.

Após a morte do pai, Arminto se vê na condição obrigatória de tomar conta dos negócios da família, por ser o único filho de Amando. Na casa de seu velho pai, restavam apenas Arminto e Florita. Passado algum tempo, Arminto simplesmente abandona os negócios nas mãos do gerente da propriedade de seu pai, que mora em Manaus. Esta ação ocorre sem que se levasse em consideração os esforços do advogado da família. O leitor logo percebe que Arminto faz isso por não ter a menor noção do que fazer.

Neste ínterim, Arminto conhece uma moça órfã, que vivia no orfanato da cidade. Eles acabam se apaixonando. Arminto e Dinaura passam a viver uma grande história de amor, com a aquiescência de uma das freiras, que acaba concordando com os encontros do casal.

Em determinado ponto da narrativa, acontece uma tragédia: o cargueiro Eldorado naufraga e Armindo perde toda a carga, uma vez que Amando não havia feito seguro. Por conta disso, Arminto precisa deslocar-se às pressas para Manaus. Quando entra em contato com o gerente, percebe que está falindo e decide vender todos os bens do pai.

Um leitor mais atento perceberá que é neste ponto da narrativa que começa decisivamente o previsto declínio de Arminto Cordovil, coincidentemente na mesma época do declínio da borracha na Amazônia. Em esfera macro (fora da obra), esta decadência ocorre muito em função da produção gomífera no sudeste asiático.

Ao retornar a Manaus, Arminto descobre que Dinaura havia desaparecido. Depois de muito procurá-la, descobre que havia um segredo que o ligava a esta moça, pois eles eram irmãos. O próprio Amando, pai de ambos, considerava Dinaura como um erro moral³⁹.

É interessante que o próprio Arminto denota um lado humanista, ao se revoltar com o fato de as meninas serem violentadas, às vezes por seus pais. Entretanto, isto não o impede de viver fascinado pela órfã Dinaura, mesmo que ela seja inatingível para ele.

Estiliano, o amigo da família, é quem olha por Arminto, quando o protagonista perde todo o patrimônio herdado de Amando. Contrariando um final feliz para o romance de Hatoum, Estiliano confessa a Arminto que Dinaura era sua irmã por parte de pai. Afirma também que ela havia regressado a uma ilha do Rio Negro, onde a mãe dela havia nascido. Quando Arminto questiona onde fica a ilha, Estiliano concede a resposta, mediante duas palavras e a entrega de um mapa: Manaus e Eldorado.

Arminto se põe à procura de Dinaura, numa velha embarcação rumo à localidade mencionada por Estiliano. Esta travessia lembra em muito a expedição empreendida por Macunaíma, herói indígena, em busca do talismã sagrado. Esta intertextualidade se faz necessária, por evidenciar a consolidação das lendas, bem como a representação dos mitos e crenças amazônicas na literatura.

Ao embarcar na última travessia de *Relato de um Certo Oriente*, Arminto levava dois amuletos: o olho de boto que

³⁹ “Sei que Dinaura morava sozinha numa casa de madeira que Amando construiu atrás da igreja. Vivia com regalias, comida boa, e eu mandava livros, porque ela gostava de ler. Foi um erro de Amando. Um erro moral. Mas ele queria morar aqui e ficar perto dela.” (Hatoum, 1989, p. 45).

Florita lhe havia dado e a fotografia de Angelina. Aqui, podemos perceber que o protagonista se via duplamente ligado às mulheres, por contar com elementos que remetem à figura da mãe e à figura da única mulher que amou.

O próximo capítulo mostrará de que maneira são constituídas as categorias tipológicas trabalhadas nesta obra, com ênfase na categoria Trabalho e nas suas subdivisões, apresentadas de forma dicotomizada (infantil x adulto, indígena x ribeirinho e rural x urbano), além de uma breve apresentação dos trabalhos setoriais, contendo exemplos retirados das obras do projeto literário de Milton Hatoum e da própria vivência do pesquisador que escreve esta obra, quando residia em Guajará-Mirim.

MODOS DE PRODUÇÃO DE COMUNIDADES NA/DA AMAZÔNIA

*Que voltamos a encontrar como sinal
distintivo entre a manada de macacos e a
sociedade humana? Outra vez, o trabalho.*

(Friedrich Engels)

Esta seção explica o núcleo do escopo da presente obra, que é a análise político-cultural dos desdobramentos da categoria Trabalho, como se pode perceber neste item, que apresenta um setor onde especialidades típicas da região são dispostas de acordo com modos de produção, nos quais os personagens de Milton Hatoum, nas quatro obras descritas na seção anterior, se deparam, havendo inclusive contatos com membros de comunidades de relações privadas.

Esta análise ocorre por meio da leitura (em seu viés comparativo) das obras escritas por Milton Hatoum ao longo de quase três décadas, nas quais se percebem as subdivisões da categoria trabalho nos seguintes campos: etário (infantil X adulto), populacional (indígena X ribeirinho) e geográfico (urbano X rural), bem como a utilização de personagens, pertencentes a segmentos sociais diferentes, para demonstrar, no campo literário, evidentes desigualdades presentes na construção da coletividade brasileira.

Deve-se destacar a necessidade de aceitar as divisões e subdivisões técnicas atuais, hodiernas, no que diz respeito às fontes que podem melhor caracterizar o pensamento discursivo do autor, ao escolher quais atividades seriam empreendidas pelos seus personagens ou aquelas tarefas com as quais se deparam, dentro do contexto amazônico em que estão inseridos.

Evidentemente, esta é uma clara opção do autor, que, desta maneira, percorre diferentes modalidades de afazeres ou empreitadas, revelando escapismos que não se configuram como constâncias, seja durante o período de vacas gordas, seja na decadência total da família e de seus satélites, nunca em situação de estabilidade econômica.

UMA QUESTÃO DE TIPOLOGIA

Antes de explorar os tipos de trabalho presentes no projeto literário de Milton Hatoum, é importante apresentar algumas conceituações básicas, contextualizando as obras em estudo. Estas definições nos auxiliarão a compreender como funcionava o mundo do trabalho na época cronológica em que os romances de Hatoum estão ambientados. Convém ressaltar que os exemplos relacionados a cada um dos tipos de trabalho aqui apresentados serão oportunamente discutidos nas seções posteriores.

A primeira conceituação a ser apresentada refere-se ao objeto primeiro desta obra, o trabalho, cuja definição no *Dicionário de Conceitos Históricos*, de Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva, assim se apresenta:

Em sua definição mais comum, trabalho é toda ação de transformação da matéria natural em cultura, ou seja, toda transformação executada por ação humana. Mas o trabalho tem significados diferentes de acordo com a cultura que o vivencia e, em muitos casos, o que é considerado trabalho em uma não é na outra. (Silva, 2009, p. 401).

Para os autores, o conceito de trabalho se equivale a várias ideias produzidas pelo homem, pois contém, em sua

essência, uma ciclicidade latente, por conta das suas modificações contínuas ao longo dos séculos. Grosso modo, isto significa que a ideia de trabalho difundida, por exemplo, no século XVI, sofreu inúmeras alterações até chegar à forma que a conhecemos atualmente.

Suzana Albornoz se debruça sobre a etimologia do termo trabalho, de acordo com as línguas mais importantes do mundo, para mostrar que cada idioma possui pelo menos duas ideias sobre o que significa o termo:

O grego tem uma palavra para fabricação e outra para esforço, oposto a ócio; por outro lado, também apresenta pena, que é próxima da fadiga. O latim distingue entre *teborere*, a ação de *labor*, e *operare*, o verbo que corresponde a *opus*, obra. Em francês, é possível reconhecer pelo menos a diferença entre *travailler* e *ouvrer* ou *oeuvrer*, sobrando ainda o conteúdo de *tâche*, tarefa. Assim também *laborare* e *operare* em italiano; e *trabajar* e *obrar* em espanhol. No inglês, salta aos olhos a distinção entre *labour* e *work*, como no alemão, entre *Arbeit* e *Werk*. *Work*, como *Werk*, contém a ativa criação da obra, que está também em *Schaffen*, criar, enquanto em *labour* e *Arbeit* se acentuam os conteúdos de esforço e cansaço. (Albornoz, 1992, p. 8-9).

Interessante verificar que as distinções evidenciadas em cada par de signos linguísticos⁴⁰ que significam trabalho enfocam aspectos específicos da atuação profissional. Como exemplo, podemos citar uma língua românica, o italiano, na qual *laborare* faz referência ao trabalho manual (daí vem o

⁴⁰ Aqui, resgata-se a definição de signo linguístico de Ferdinand de Saussure: o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. (Saussure 2006, p. 80).

substantivo em português *labor*), enquanto *operare*, como o radical indica, tem relação direta com *operação*.

Esta definição apresentada por Kalina Silva e Maciel Silva também pressupõe que determinadas ideias tidas como trabalho em determinadas culturas podem não ser vistas da mesma forma noutras paragens. Além disso, os autores apresentam uma distinção entre o trabalho braçal e o intelectual:

O Ocidente criou outra diferenciação, a do trabalho braçal e a do trabalho intelectual, sendo este último considerado, em diferentes períodos históricos, superior ao braçal. Para a filósofa Suzana Albornoz, no entanto, essa distinção é em si mesma preconceituosa, pois o trabalhador que executa tarefas manuais não deixa nunca de usar a criatividade e outras exigências do trabalho considerado intelectual. O trabalho é tanto o esforço quanto o resultado desse esforço. (Silva & Silva, 2009, p. 401).

Esta distinção era justificada levando-se em conta o viés cultural, já que o escritor (que representava a esfera cultural) era visto como um produtor de conhecimento. Suzana Albornoz discorda desta tese. Para ela, um trabalhador que atua numa função considerada *inferior* também utiliza ferramentas intelectuais no seu labor:

Parece míope e interesseira esta classificação que divide trabalho intelectual e trabalho corporal. A maioria dos esforços intelectuais se faz acompanhar de esforço corporal; uso minhas mãos e os músculos do braço enquanto datilografo estas páginas, que vou pensando. E o pedreiro usa sua inteligência ao empilhar com equilíbrio os tijolos sobre o cimento ainda não solidificado. (Albornoz, 1992, p. 11).

Para a autora, tanto o trabalho dela, enquanto escritora, quanto o do pedreiro, enquanto trabalhador da construção civil, se valem de elementos intelectuais e musculares. Por essa razão, na ótica de Albornoz, não faz sentido dividir o trabalho em uma dicotomia entre intelectual e corporal.

É interessante verificar como cada cultura, de acordo com seu tempo e espaço predefinidos, vê a ótica do trabalho sob um prisma diferenciado. Acerca do Brasil à época da publicação, Kalina Silva e Maciel Silva (2009, p. 403) fazem a seguinte observação:

Na maior parte do Brasil, influenciado pela tradição da Reforma Católica na Idade Moderna, para a qual o trabalho era um castigo imposto ao homem por Deus, trabalhar é uma atividade necessária, mas vista como imposição. (Silva e Silva, 2009, p. 403).

A questão do trabalho, vista como um castigo divino, tem raízes bíblicas, que acabaram sendo internalizadas por pessoas que pensam dessa forma. Se se observar o livro de Gênesis, em seu capítulo 3, versículos 17 a 19⁴¹, encontrar-se-á uma passagem que, sob uma perspectiva religiosa, ajuda a entender as excessivas cargas horárias de trabalho encontradas em alguns postos ao redor do mundo.

Nunca é demais lembrar que a proposição de se começar a trabalhar, às vezes, desde muito cedo, pode ser explicada pela

⁴¹ A tradução da Bíblia Ave Maria (2017) assim apresenta o trecho em destaque: “E disse em seguida ao homem: ‘Porque ouviste a voz de tua mulher e comeste o fruto da árvore que eu te havia proibido comer, maldita seja a terra por tua causa. Tirarás dela com trabalhos penosos o teu sustento todos os dias de tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos, e tu comerás a erva da terra. Comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que foste tirado; porque és pó, e pó te hás de tornar.’”

necessidade, especialmente na camada mais pobre da população, de buscar alternativas para os flagelos que surgem.

Um desses flagelos é a fome, que, segundo pesquisa desenvolvida em dezembro de 2020 pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN), mantém 116,8 milhões de brasileiros em insegurança alimentar, pois não se alimentam com a frequência e a quantidade suficientes.

É interessante ressaltar que cerca de 43 milhões de brasileiros (atualmente 20,5% da população nacional) não tinham acesso a alimentos em quantidade suficiente. Outro dado alarmante indica que 19 milhões de brasileiros (9% da população) passam fome. Esta é a maior taxa percentual desde 2004. Eis o comentário feito pela Rede PENSSAN, quando da análise dos dados:

A pandemia da Covid-19 afetou negativamente as condições de renda e trabalho da população em todas as regiões do país. Entretanto, nas regiões Norte e Nordeste foram observados os maiores percentuais de perda de emprego, redução dos rendimentos familiares, endividamento e corte nas despesas de itens considerados essenciais: todas essas condições referidas como consequência da pandemia. (Maluf, 2021, p. 31).

A falta de alimentos na mesa dos mais pobres está diretamente ligada à escassez de trabalho – e isto pode ser evidenciado nos tempos atuais, dada a atual situação pandêmica brasileira. As regiões Norte e Nordeste do Brasil acabam tendo os índices de desemprego mais elevados, muito em função do alto número de vagas de trabalho que deixaram de existir nos últimos dois anos, situação esta que levou muitos

brasileiros a aderir à informalidade. Segundo o IBGE⁴², estas duas regiões encabeçam o percentual de empregos informais (53,3% no Nordeste e 55,6% no Norte), sendo as únicas regiões com taxa acima da média nacional de 39,6%.

Para entender o que são as Comunidades de Relações Privadas, convém proceder à leitura dos escritos do professor Júlio Rocha. Em seus *Pressupostos a uma Filologia Política*, o autor apresenta a seguinte definição para o termo:

As Comunidades de Relações Privadas são a base da constituição das línguas, e estas se desenvolveram segundo requeriam cobrisse as carências dos seus utentes majoritários. Assim, uma faixa jovem de inovações, necessariamente minoritária, não implicará mudanças determinantes nas línguas instituídas, sendo irrepetíveis, modernamente, até onde alcança uma mirada não ficcional, as condições de criação das línguas neo-românicas, por mais que se subdividam em vários Estados ou autonomizem-se politicamente comunidades de língua, e por mais isoladas que se mantenham ou desejem estar. (Rocha, 2013, p. 135).

O autor deixa claro que no seio de uma sociedade como a brasileira, multicultural por excelência, ainda há alguns grupos cuja necessidade (ou imposição de um grupo majoritário?) é a convivência no máximo de isolamento possível. Alguns destes grupos estão presentes na realidade amazônica, pois ainda existem, nos tempos atuais, grupos indígenas que mantêm o mínimo de contato com o homem branco. Noutro viés, há também aqueles grupos com localização geográfica tão distante do ponto mais próximo, que

⁴² Pesquisa veiculada no site de notícias G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/05/27/norte-e-nordeste-puxam-desemprego-recorde-no-1o-trimestre.ghtml>. Acesso em: 28 jun. 2021.

também podem ser consideradas comunidades de relações privadas.

É preciso antecipar que a próxima subseção detalhará momentos do trabalho infantil e adulto. Para que possamos aproximar-nos melhor destas atividades, respaldamo-nos em legislação que trata sobre este assunto macro (trabalho) e levamos em conta a evolução das normas apoiando-nos em tratados e leis derivadas, tanto na esfera nacional (nos Municípios, Estados e na União) como de origem internacional.

Desta forma, podemos desde já definir o trabalho infantil como a modalidade laboral exercida por crianças e adolescentes com idade de até catorze anos⁴⁵, independente da possibilidade de oferta ou não de estudo à criança trabalhadora. É interessante lembrar o que dizem Júlio Rocha *et al.* quando analisam a situação de Domingas em *Dois Irmãos*:

Quando a menina índia foi morar com Zana, a esposa de Halim ainda não havia tido seus filhos. Tal condição permitiu que Domingas fosse criada pelo casal líbano-brasileiro, ainda que não como filha, mas como uma serviçal, que cresceu junto com os filhos dos patrões. (Rocha *et al.*, 2020, p. 173).

⁴⁵ O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal nº. 8.069, sancionada em 13 de julho de 1990) define em seu artigo segundo que, para os efeitos do ECA, é considerada criança a pessoa com idade entre zero e doze anos incompletos. Já a Convenção de número 138 da Organização Internacional do Trabalho, de junho de 1973, estabelece, no parágrafo terceiro do artigo segundo, que os países a ratificar a referida Convenção devem estabelecer a idade mínima de admissão ao emprego ou ao trabalho em seu território. O Brasil, na Constituição Federal de 1988, no parágrafo XXXIII do artigo sétimo, proíbe o trabalho aos menores de dezesseis anos, ressalvadas as atividades laborais na condição de aprendiz a adolescentes a partir dos catorze anos.

Nunca é demais lembrar que Domingas cresce como testemunha dos fatos ocorridos na família de Zana e Halim, mas sempre sendo vista como serviçal, cujos direitos básicos (incluindo a educação formal) não são respeitados, para que ela se dedicasse em tempo integral ao que ocorria com Zana, Yaqub e seus filhos.

Por outro lado, o trabalho adulto é aquele desempenhado por pessoas com idade superior a catorze anos. A sociedade retratada no tempo cronológico trabalhado por Hatoum aceitava, em paralelo, que uma menina de catorze anos fosse vista como uma mulher apta para o casamento e para uma potencial constituição de família. É preciso constatar que, ao contrair matrimônio com tão pouca idade, aumentavam as chances da menina/esposa gerar uma prole numerosa.

Quanto mais filhos uma mulher pobre gerasse, mais trabalhadores surgiriam, e estes empregariam sua força de trabalho tão cedo quanto quem os gerou, exemplificando, tal qual seus pais, a subserviência na relação com os patrões.

Assim sendo, também era visto com normalidade pessoas na mesma faixa etária trabalhando como engraxate, doméstica e em outras tarefas que levavam boa parte do dia para serem realizadas. Tais atividades inviabilizavam a participação da criança ou adolescente em atividades educacionais, que poderiam ser encaradas como a possibilidade de mudança de um panorama então estabelecido.

Como se pode perceber, esta normalidade se perpetuava, caso o trabalhador em questão viesse de família muito pobre; o trabalho seria, então, a única forma de alcançar recursos para o

sustento familiar. Sobre este assunto, Marklea Ferst levanta questionamentos significativos:

O que fazer com aquele que sequer consegue comprar a comida? Que sequer consegue ter garantido o mínimo necessário para sobreviver e que é *obrigado* a inserir-se no mercado de trabalho muito cedo? E um não-cidadão? O que é preciso para reverter este quadro? (Ferst, 2007, p. 15-16).

Ao ler esta passagem, não há como não lembrar da situação vivida por Domingas na obra *Dois Irmãos*. Esta cunhantã, assim que se vê órfã e subitamente levada ao orfanato, necessita adaptar-se a um novo modo de vida, que ainda assim não lhe confere a posição de cidadã, pois ela mesma se sente uma intrusa na realidade abastada que não lhe pertence. Para sempre ela seria a empregada, que, ainda na juventude, sofrerá um estupro, cujo fruto é Nael, considerado por parte da família um fruto indesejado, o que o obrigará a viver como empregado na casa dos avós, sendo visto mesmo como um neto bastardo⁴⁴.

No caso de Domingas, não houve reversão em seu quadro social, pois morreu sem ser reconhecida como membro efetivo da família de Zana e Halim, dada a condição ilegítima

⁴⁴ Isto fica muito evidente na passagem: “Nos últimos dias que ficou em Manaus Yaqub me visitou várias vezes. Sentava num tamborete, passava a mão no meu braço e na minha testa, dizia que eu tinha um pouco de febre. Ainda me lembro do seu rosto preocupado, da voz que queria chamar um médico, ele pagaria tudo. Domingas não aceitou, ela confiava no bálsamo de copaíba, nas ervas medicinais. Passei alguns dias deitado, e me alegrou saber que Halim dera mais atenção ao neto bastardo que ao filho legítimo.” (Hatoum, 2000, p. 128). É possível fazer uma leitura que permita compreender a situação de Domingas, que não queria incomodar o patrão, ainda que este fosse o avô de Nael. Por esta razão, preferia tratar o filho com ingredientes da floresta.

em que Nael foi gerado. Esta condição isenta o pai do narrador de qualquer responsabilidade para com o rebento.

Havia ainda quem considerasse viável a adoção de crianças e adolescentes por famílias influentes, no intuito de auxiliar na criação, o que não ocorria. A criança ou adolescente doado não prosseguia seus estudos, sendo obrigado a trabalhar por anos a fio, o que contribuía para o agravamento do analfabetismo e subemprego entre as classes sociais menos favorecidas.

A definição de trabalho urbano está diametralmente ligada à divisão perimetral das cidades retratadas nas obras de Hatoum. Partindo desta premissa, podemos definir esta modalidade de atuação profissional como sendo aquela desempenhada em estabelecimentos localizados no perímetro urbano do município retratado na obra.

Como exemplo, podemos citar *A Parisiense*, estabelecimento retratado na obra *Relato de um Certo Oriente*. Pertencente à família de Emilie desde a década de 1930, a compra deste ponto comercial quase não se concretiza por conta de um relógio, como vemos no relato de Hakim:

Tio Hakim, que vivia contando histórias esquisitas sobre este relógio, disse que ele foi parar na parede da sala depois de meses de negociação entre Emilie e o marselhês que vendeu a Parisiense à família, lá pelos anos 30. A transação quase gorou por causa da intransigência de ambos, e parece que vovô chegou a jogar na cara de Emilie que tudo poderia ir por águas abaixo por causa de um relógio. (Hatoum, 1989, p. 14).

A passagem deixa claro que Emilie consegue, depois de um tempo considerável, adquirir *A Parisiense* em caráter definitivo. Pelo fato de vender artigos de luxo, consequência do

fenômeno conhecido como *belle époque* amazônica, este ponto comercial estava localizado num ponto valorizado da cidade de Manaus, o que permitia que pessoas endinheiradas o frequentassem.

Como contraponto ao trabalho urbano, há o trabalho rural, que, como o nome deixa claro, ocorre em locais fora do ambiente citadino. Há uma ênfase, na obra de Hatoum, ao trabalho no cultivo de plantas que bem se adaptavam ao clima da região amazônica. Um exemplo disto está na obra *Cinzas do Norte*, com comentários sobre a história da produção de juta da região, mencionando inclusive Ryota Oyama, o pioneiro desta modalidade agrícola na Amazônia.

O trabalho indígena é aquele que ocorre dentro do espaço do grupo, com a participação dos moradores. Um exemplo claro está presente na obra *Dois Irmãos*, quando da visita de Domingas a seu povo, momento em que se recorda de quando era criança e seu povo trabalhava de forma harmônica para que todos vivessem satisfatoriamente.

Por sua vez, o trabalho ribeirinho pode ser definido como aquele realizado à beira dos rios. Nesta definição, entende-se que as águas fluviais são utilizadas, em caráter perene, como vias de transporte, seja para deslocamento em atividades realizadas efetivamente em localidades situadas na beira dos rios (como o transporte dos trabalhadores ou dos produtos), seja utilizando os rios como rotas para centros urbanos mais distantes.

Um exemplo encontramos-lo na obra *Cinzas do Norte*, na qual o personagem Ranulfo atua como atravessador, comprando produtos dos trabalhadores ribeirinhos para

revendê-los em Manaus, obtendo uma margem considerável de lucro, de onde retira seu sustento.

Como se pode perceber, as diferentes modalidades de trabalho engendradas por Hatoum na elaboração de suas obras possuem relação direta com o cotidiano dos trabalhadores amazônidas. Desta ação há que se pressupor a evidente observação e pesquisa realizada pelo autor para conferir às suas obras a maior fidedignidade possível.

TRABALHO INFANTIL E TRABALHO ADULTO

Com base numa leitura atenta das obras de Milton Hatoum, podemos citar as situações vivenciadas por Domingas e seu filho Nael, personagens da obra *Dois Irmãos*. Antes de trabalhar a atuação de ambos na casa de Zana e Halim, convém verificar o que dizem os autores sobre o tema, bem como mencionar o contexto de aquisição de Domingas. À primeira vista, este termo parece demasiado grosseiro, mas será compreendido com o desenrolar deste arrazoado.

Rocha *et al.* mostram que a representação de crianças e adolescentes inseridos no mercado de trabalho (ainda que de forma informal) não é exclusividade das obras de Milton Hatoum ou dos escritores de temática preponderantemente amazônica. Para os autores, existe um universo muito mais amplo, conforme vemos abaixo:

A Literatura em geral está repleta de obras que retratam a questão do trabalho de crianças e adolescentes, seja como auxílio a empreendimento familiar ou seja como método empregado para obtenção de meios de subsistência, ainda mais se a orfandade surge do abandono pelos pais ou por

eventos apocalípticos desdobrados no seio de sua família. Seja num ou noutro contexto, invariavelmente a criança ou o adolescente deixa de se dedicar aos estudos para radicar-se exclusivamente na busca de condições necessárias para sobreviver. (Rocha; Florentino; Lira, 2020, p. 165).

Esta situação de abandono se torna bastante evidente quando analisamos a história de vida da personagem Domingas. Sem outros parentes consanguíneos além da mãe, do pai e do irmão, ela sequer teve a oportunidade de ser amparada pelos membros da comunidade em que estava inserida, quando as adversidades da vida a alcançaram.

Domingas é recolhida ao orfanato logo após o falecimento do pai, encontrado morto num piaçabal. (Hatoum, 2000, p. 48). Este fato acaba não sendo tão explorado, devido à falta de maiores informações por parte de Nael. Pouco tempo depois, ela sai das proximidades do povoado de São João, localizado às margens do rio Jurubaxi, onde vivia, acompanhada por uma freira das missões de Santa Isabel do Rio Negro, com destino a um orfanato específico para meninas na cidade de Manaus.

Nael deixa claro que a rotina de sua mãe estava voltada ao estudo e ao trabalho, ambos ligados a um viés religioso, da qual ela não poderia se desligar, dadas as intensas atividades voltadas à devoção pelas figuras divinas – Santíssima Trindade, Maria e os santos. Isto pode ser percebido no relato abaixo:

As noites que ela dormiu no orfanato, as orações que tinha de decorar, e ai de quem se esquecesse de uma reza, do nome de uma santa. Uns dois anos ali, aprendendo a ler e a escrever, rezando de

manhãzinha e ao anoitecer, limpando os banheiros e o refeitório, costurando e bordando para as quermesses das missões. (Hatoum, 2000, p. 48).

A quantidade de orações era justificada pela necessidade de se inserir, naquelas meninas cuja vida lhes havia roubado a família (seja pela morte ou pelo abandono) um temor a Deus, que mais tarde se transformaria em docilidade para entender o porquê de terem passado, ainda tão jovens, por tantas privações. Esta docilidade poderia ser muito útil na hora de conquistar uma nova família, pois dificilmente se aceitaria uma serviçal que possuísse uma personalidade forte, capaz de questionar os patrões.

Não obstante a excessiva carga de trabalho para uma criança, havia ainda a severa vigilância orquestrada pelas irmãs em desfavor das meninas, que precisavam recolher-se muito cedo, não lhes sendo permitidas quaisquer possibilidades de diversão:

As noites eram mais tristes, as internas não podiam se aproximar das janelas, tinham de ficar caladas, deitadas na escuridão; às oito a irmã Damasceno abria a porta, atravessava o dormitório, rondava as camas, parava perto de cada menina. O corpo da religiosa crescia, uma palmatória balançava na mão dela. Irmã Damasceno era alta, carrancuda, toda de preto, amedrontava a todos. Domingas fechava os olhos e fingia dormir, e se lembrava dos pais e do irmão. (Hatoum, 2000, p. 48).

Esta vigilância servia a dois propósitos. De um lado, buscava-se manter as internas descansadas, para que no dia seguinte pudessem recomeçar sua faina, resumida à limpeza do ambiente onde viviam, aos estudos e às orações. De outro lado, havia a necessidade de evitar fugas, pois os desaparecimentos

de internas poderiam afetar a reputação da instituição e de suas gestoras. Como os benfeitores da fé, que dispunham de seus recursos para o bom andamento da obra, continuariam apoiando uma causa coordenada por religiosas relapsas? Por conta destas razões, fazia-se necessária a intensificação dos métodos de trabalho impingidos às meninas do orfanato.

O texto deixa claro que a própria Domingas cultivava lembranças dos pais e dos tempos em que era livre, e acalentava dentro do coração o desejo de fuga. Esta vontade tinha como inspirações outras heroínas que conseguiram escapar, como vemos abaixo:

Duas internas, as mais velhas, conseguiram escapar de madrugada: pularam o muro dos fundos, caíram no beco Simón Bolívar e sumiram no matagal. Foram corajosas. Domingas também pensou em fugir, mas as irmãs perceberam, Deus vai castigar, diziam. (Hatoum, 2000, p. 48).

Estas lembranças de Domingas podem ser explicadas pela citação de Ricardo Antunes, que (embora jamais tivesse este propósito, pois não escreveu com este objetivo, e sim para arrazoar sobre a filha de um mineiro) parece descrever com perfeição os anseios da cunhantã durante a estadia no orfanato das irmãs, ou mesmo em determinados momentos passados no casarão de Zana e Halim:

Trabalho “sujo” e trabalho “limpo”, trabalho coletivo e labor invisibilizado, ontem e hoje, esses dois mundos parecem desconectados. A jovem se recorda do pai e de suas lutas, que não vê no seu presente. No tempo livre, cuida da casa. É uma jovem *proletária* do setor de serviços sem a possibilidade de constituir uma *prole*, pois sua insegurança no emprego não incentiva a vida reprodutiva. (Antunes, 2018, p. 31).

Interessante a utilização dos termos *trabalho sujo* e *trabalho limpo*. Este é um discurso que, a depender de quem o utiliza, pode significar que as atividades laborais de determinado labutador são consideradas indignas, ou de menor qualidade, se comparadas a outro que desempenha função diversa, pela qual recebe um maior salário.

Ao utilizar o termo proletária para se referir à jovem, Antunes traz à discussão um termo que, além de ter auxiliado nos estudos das relações de classe em sua época e nos tempos futuros, se encaixa bem com o contexto de vida de Domingas.

O termo proletário, segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, significa “homem que trabalha em oficina ou profissão manual ou mecânica, em troca de um salário, e dele vive.” (Ferreira, 2001, p. 561). Entretanto, Domingas passa a vida inteira sem receber salário dos patrões e é condicionada a acreditar que a generosidade de Zana e Halim era suficiente para uma dívida de gratidão eterna por parte dela.

Outra acepção possível para o termo “proletária” vem do seu radical “prole”, cujo significado mais comum está ligado à ideia de geração e descendência. (Ferreira, 2001, p. 561). Ou seja, quanto mais filhos tiver um proletário, maior será a força de trabalho que o auxiliará a desenvolver as atividades laborais.

Ao recordar a figura paterna, a cunhantã em análise intensificava o desejo de deixar o orfanato (e, posteriormente, a casa dos patrões) para então se sentir totalmente livre. A vontade de fuga que Domingas alimenta é sufocada pelo discurso das irmãs. Segundo elas, Deus castigaria uma criatura desobediente. Evocando um possível castigo divino, as irmãs

retiram de seus ombros quaisquer responsabilidades sobre as internas.

O que não é dito, ficando oculto à Domingas, mas facilmente perceptível ao leitor, é que este castigo traria em seu bojo um completo fracasso pessoal e profissional que acompanharia a fugitiva pela vida afora. Possivelmente, as predecessoras de Domingas no projeto de fuga ouviram as mesmas exortações. Entretanto, buscaram trilhar um destino diferente do que a elas estava traçado.

Como Domingas não se decidiu por fugir, acabou, certo dia, sendo intimada pela irmã Damasceno a tomar um banho completo e cortar as unhas, ficando limpa e cheirosa. Neste dia, ela acabou sendo entregue à família de Zana, em troca de algumas mesinhas e cadeiras que estavam ajuntadas num canto da sala. Esta troca define exatamente qual o verdadeiro lugar de Domingas no contexto familiar da casa dos patrões.

Na prática, o que ocorreu entre a freira e Zana foi o escambo, que pode ser definido como a troca de mercadorias ou serviços sem que seja empregado o uso do dinheiro⁴⁵. A força de trabalho de Domingas acabou sendo adquirida por Zana em troca de algumas cadeiras e mesas, que seriam utilizadas no orfanato.

⁴⁵ Esta definição encontra fulcro nas pesquisas de Anna Cecília Santos Manguiera (2018, p. 13), que tratou da evolução das práticas monetárias desde os primórdios até os tempos atuais. Para a autora, o ser humano se desenvolveu na prática comercial, desenvolvendo o senso de análise do valor do objeto que estava sendo oferecido no processo de escambo, bem como os termos da troca. Se conjunarmos esta passagem ao contexto de aquisição de Zana, perceberemos que o *valor ínfimo* da aquisição de Domingas acabou sendo fixado levando em conta alguns fatores, como a idade (era uma criança) e sua aparente estrutura física frágil.

É interessante também recordar a mudança de temperamento da freira para com Domingas. Quando a religiosa fazia o acerto com Zana, usou a seguinte frase: “[Domingas] sabe fazer tudo, lê e escreve direitinho, mas se ela der trabalho, volta para o internato e nunca mais sai de lá.” (Hatoum, op. cit., p. 49). Depois que o negócio é fechado, a freira se vira para Domingas e diz: “Dona Zana, a tua patroa, é muito generosa. Vê se não faz besteira, minha filha.” (Hatoum, op. cit., p. 49).

O discurso empregado pela religiosa deixa clara a ambiguidade de suas intenções: para Domingas, resta evidente que, caso ela desobedecesse à nova patroa, as consequências seriam ainda mais drásticas que as experimentadas no orfanato; resta evidente também a importância de Zana para que o projeto deste orfanato continuasse funcionando.

Para a patroa, o uso do vocativo “minha filha” deixa transparecer uma ponta de cuidado por parte das freiras, que resultou numa menina que, embora com pouca idade, já consegue fazer o que dela é esperado (todas as lides domésticas), embora se sentisse uma prisioneira.

A partir de então, Domingas convive com os patrões até o último dia de sua vida, acompanha o crescimento dos três filhos do casal Zana e Halim e, inclusive, é estuprada por um deles. Dessa relação surge Nael, o narrador da história, que vê a mãe passar por extremos de liberdade: da alegria efusiva ao se deslocar até à margem do Acajatuba, num barco que se deslocava para uma festa de casamento, à súbita tristeza ao retornar para a casa de Zana e Halim, no retorno, após o dia de descanso.

Se o comportamento de Domingas sugere certa resignação quando trabalhava ou estava na presença dos patrões, há uma mudança drástica quando volta ao lugar de sua infância, já na companhia de Nael. Ali se sente alegre, sem se preocupar, ainda que por alguns momentos, com as obrigações do trabalho diário.

Durante a viagem, Domingas se alegrou, quase infantil, dona de sua voz e do seu corpo. Sentada na proa, o rosto ao sol, parecia livre e dizia para mim: “Olha as batuínas e as jaçanãs”, apontando esses pássaros que triscavam a água escura ou chapinhavam sobre folhas de matupá, apontava as ciganas aninhadas nos galhos tortuosos dos aturiás e os jacamins, com uma gritaria estranha, cortando em bando o céu grandioso, pesado de nuvens. Minha mãe não se esquecera desses pássaros: reconhecia os sons e os nomes, e mirava, ansiosa, o vasto horizonte rio acima, lembrando o lugar onde nascera, perto do povoado do São João, na margem do Jurubaxi, braço do Negro, muito longe dali. (Hatoum, 2000, p. 47-48).

A alegria de Domingas tinha uma razão de ser. Afinal de contas, este era um dia em que ela poderia, finalmente, ser senhora de si e das suas vontades, não se sujeitando ao que os patrões queriam. Poderia rever os cenários de sua infância, os pássaros que cantavam quase a saudá-la. Conversaria com quem quisesse, e as pessoas poderiam finalmente ouvir a sua voz.

Na qualidade de narrador, Nael apresenta ao leitor uma Domingas que, já em tenra idade, se enxergava como ameaçada, o que permite ao leitor inferir castigos por ela sofridos dentro do orfanato. Tal situação se mostra nítida porque a irmã Damasceno deixa evidente uma ameaça à cunhantã: qualquer erro cometido na casa dos novos patrões

não seria tratado com brandura, e a palmatória voltaria a ser utilizada. (Hatoum, 2000, p. 49). Eis a descrição dos trabalhos realizados na casa de Zana e Halim:

Na casa da Zana o trabalho era parecido, mas tinha mais liberdade... Rezava quando queria, podia falar, discordar, e tinha o canto dela. Viu os gêmeos nascerem, cuidou do Yaqub, brincaram juntinhos... (Hatoum, 2000, p. 49-50).

No texto, fica claro que Domingas preza a liberdade, tanto na questão de espaço físico (o fato de ter um quartinho no fundo da residência dos patrões prova isso) quanto na possibilidade de poder expressar o que pensa, já que coisas tão simples não lhe eram permitidas quando ela morava no orfanato.

Sabemos que a obra *Relato de um Certo Oriente* apresenta uma personagem que, assim como Domingas, atua como uma “empregada indígena resgatada na infância”, também representando um trabalho adulto, especialmente pela função de doméstica. Trata-se de Anastácia Socorro, cuja escala de trabalho é de seis dias corridos, com um único dia de folga por semana, como se pode verificar da citação abaixo:

Por ser o único dia de folga de Anastácia Socorro, que saía de manhãzinha para visitar uns parentes e só retornava à noitinha, era Emilie que se empenhava na arrumação e limpeza, para que no fim da tarde A Parisiense voltasse a ser moradia e loja, e não um espaço caótico que confunde tanto o freguês como o visitante. (Hatoum, 1989, p. 48).

É interessante lembrar que, em nenhum momento, Emilie tentou demover Anastácia Socorro do seu direito à

folga, entendendo a necessidade que a empregada possuía de ter pelo menos um dia da semana para visitar sua parentela.

Ressalte-se também a pontualidade da serviçal, destacada pela passagem “só retornava à noitinha”, em que o adjunto adverbial de tempo *à noitinha* reforça a tese de Anastácia Socorro ser cumpridora de suas obrigações, por isso estava há tanto tempo a serviço de seus patrões.

Entretanto, tal discurso mantém um subentendido, facilmente perceptível pelo leitor, que gera um válido questionamento: a pontualidade de Anastácia era motivada pela abnegação ao serviço na casa dos patrões ou havia um mecanismo de coerção aplicado por Emilie que impedia, por exemplo, a serviçal de conservar-se fora de casa por dois dias seguidos? São várias as possibilidades de interpretação que o texto nos oferece, e essas possibilidades se materializam a depender dos aparelhos ideológicos do leitor.

Em contrapartida, a narrativa deixa claro que, assim como ocorria com a cunhantã de *Dois Irmãos*, não havia pagamento em espécie para os funcionários da casa de Emilie (dentre os quais podemos citar Anastácia Socorro), que recebiam seus ordenados sob a forma de alimentos:

Muito antes de eu viajar (e dizem que antes da morte de Emir) ela já distribuía alimentos aos filhos da lavadeira Anastácia Socorro. Eu procurava ver nesse gesto uma atitude generosa e espontânea da parte de Emilie; talvez existisse alguma espontaneidade, mas quanto à generosidade... devo dizer que as lavadeiras e empregadas da casa não recebiam um tostão para trabalhar, procedimento corriqueiro aqui no Norte. (Hatoum, 1989, p. 45-46).

Assim como ocorria em *Dois Irmãos*, há a figura da patroa benfeitora, do anjo que cai do céu, aquela que livra as pessoas que para ela trabalham de uma existência marcada pela miséria. Entretanto, quando as empregadas começam a trabalhar para esta classe de patrões, veem-se obrigadas a desempenhar suas funções em troca dos sagrados direitos de alimentação, moradia e roupas, ainda que tenham de se sujeitar às vontades de seus protetores.

Seria esta uma forma de escravidão moderna, considerando a assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888? Ou Emilie considerava suas funcionárias muito bem pagas, oferecendo-lhes alimentos para matar a fome, flagelo elementar de seus serviçais? Seria ela uma patroa generosa? Eis o que o narrador nos afirma:

Mas a generosidade revela-se ou se esconde no trato com o Outro, na aceitação ou recusa do Outro. Emilie sempre resmungava porque Anastácia Socorro comia “como uma anta” e abusava da paciência dela nos fins de semana em que a lavadeira chegava acompanhada por um séquito de afilhados e sobrinhos. (Hatoum, 1989, p. 46).

Este excerto mostra que Emilie apenas tolerava as empregadas, fechando os olhos para fatos extras que aconteciam a despeito da rotina e que, de alguma forma, a desagradavam, seja pela quantidade de pessoas que Anastácia Socorro trazia, seja pela quantidade de comida consumida por essas pessoas em uma única refeição.

O fato de fiscalizar o que os parentes de Anastácia Socorro (e outras serviçais) comiam denota avareza excessiva por parte da patroa, que não permitia sequer que as empregadas comessem outros alimentos além das refeições triviais:

As frutas e guloseimas eram proibidas às empregadas, e, cada vez que na minha presença Emilie flagrava Anastácia Socorro engolindo às pressas uma tâmara com caroço, ou mastigando um bombom de goma, eu me interpunha entre ambas e mentia à minha mãe, dizendo-lhe: fui eu que lhe ofereci o que sobrou da caixa de tâmaras que comi; assim, evitava um escândalo, uma punição ou uma advertência. (Hatoum, 1989, p. 47).

Como Emilie não acreditaria na palavra das empregadas (decerto por considerá-las indignas de confiança quando o assunto se restringia à alimentação, embora convivesse com elas há algum tempo), era necessário que algum parente da dona da casa intercedesse em favor delas, afirmando categoricamente ter oferecido os alimentos a elas restringidos. Este excerto confirma a tese da avareza de Emilie, mostrando que a matriarca pensava apenas em si e em seus, sem se preocupar efetivamente com seus subalternos.

Viotti (2019, p. 7), em seus estudos sobre o trabalho no período colonial brasileiro, menciona uma assertiva do padre jesuíta André João Antonil, segundo a qual “para o escravo, são necessários os PPP, a saber: pau, pão e pano.” Se considerarmos este excerto tendo em mente a realidade vivida por Anastácia Socorro em *Relato de um Certo Oriente*, entenderemos que as necessidades da tratativa de Emilie com a serviçal obedecem exatamente essa ordem preestabelecida.

Para a proprietária d’A Parisiense, era mais importante exemplar os empregados (seja por meio de agressões físicas ou verbais) do que lhes prover alimentação e vestuário. Era interessante, para os patrões da época, manter os trabalhadores amedrontados o máximo possível, a fim de evitar qualquer possibilidade de fuga de uma realidade que se lhes afigurava como sem qualquer chance de mudança.

Se compararmos as posturas de Emilie e Zana, perceberemos uma diferença significativa no tratamento que ambas dispensam aos seus serviçais. Enquanto Zana, com o passar dos anos, começou a ver em Domingas uma aliada (ainda que não a visse como uma amiga, pois mantinha uma distância necessária), a relação entre Emilie e Anastácia Socorro se restringia apenas ao tratamento entre patroa e empregada, além de severa vigilância sobre as ações dos colaboradores dos proprietários d'*A Parisiense*, considerando como semiescravos aderidos ao trabalho contratado os próprios sobrinhos da empregada supracitada, única remunerada (ainda que com donativos), sobre os quais falaremos adiante.

Também na obra *Cinzas do Norte* há significativo destaque para uma personagem que desempenha funções serviçais na residência dos Mattoso. Trata-se da indígena Naiá, cuja identidade se mantém inacessível ao leitor, possivelmente com vistas a expressar a anulação da indígena frente aos padrões brancos e civilizados.

Naiá era a empregada por excelência da mansão dos Mattoso. Ela fazia todas as tarefas necessárias, sendo instada, inclusive, a aplicar a insulina de Jano, quando este se olvidava de fazê-lo. (Hatoum, 2005, p. 34)⁴⁶ É possível especular que Naiá tenha aprendido a manusear apetrechos médicos devido a um possível medo de Jano em adentrar recintos hospitalares, o

⁴⁶ Isto fica muito claro no diálogo entre Jano Mattoso e o médico Kazuma-San. Ao perguntar se o pai de Mundo toma insulina todos os dias, o médico recebe a seguinte resposta: “Quando esqueço, Naiá lembra. Cuida bem de mim, aprendeu a aplicar injeção e encontra o músculo até de olhos fechados. O problema, doutor Kazuma... não sei dizer... mas, cada dia que passa, fico mais enervado. Minha vida...” Nesta passagem, o leitor percebe que as resoluções de trabalho de Jano Mattoso estavam lhe roubando a saúde, sendo possível especular sobre a ciência que possuía da brevidade de sua existência.

que o fazia preferir ser tratado em casa, ainda que (normalmente) sem um profissional adequado para fazê-lo.

TRABALHO INDÍGENA E TRABALHO RIBEIRINHO

Há em *Dois Irmãos* um exemplo claro de uma modalidade de trabalho efetivamente ligada ao contexto indígena, rememorada pela personagem Domingas ao realizar um passeio com seu filho Nael. Neste passeio, ela acaba chegando ao local onde nasceu, nas proximidades do povoado de São João, às margens do rio Jurubaxi. (Hatoum, 2000, p. 48).

O local proporciona a Domingas a sensação de pertencimento, principalmente devido ao convívio com o pai e o irmão (únicos entes de cuja existência ela se lembra), assim como com os demais membros de seu grupo indígena, como podemos ver na passagem abaixo:

Minha mãe não se esquecera desses pássaros: reconhecia os sons e os nomes, e mirava, ansiosa, o vasto horizonte rio acima, relembando o lugar onde nascera, perto do povoado de São João, na margem do Jurubaxi, braço do Negro, muito longe dali. “O meu lugar”, lembrou Domingas. Não queria sair de São João, não queria se afastar do pai e do irmão; ajudava as mulheres da vila a ralar mandioca e a fazer farinha, cuidava do irmão menor enquanto o pai trabalhava na roça. (Hatoum, 2000, p. 48).

Fica bastante evidente que essa sociedade indígena operava sob um regime de divisão sexual do trabalho. Enquanto os homens ficavam responsáveis pela caça, pesca e agricultura, às mulheres eram delegadas as funções de cuidar das crianças, preparar a farinha de mandioca e os quitutes desta oriundos, que seriam consumidos dentro da própria comunidade.

A obra *Cinzas do Norte* também apresenta um exemplo do trabalho indígena feminino, por meio da personagem Ozélia, cujo trabalho é assim descrito pelo autor:

Ela plantou mandioca e abacaxi atrás da casa, onde também construiu com a menina mais velha um forno de barro para torrar farinha. Eu e uns amigos entrávamos no matagal dos fundos só para vê-las ralar e espremer mandioca e depois fazer farinha. (Hatoum, 2005, p. 68).

Ozélia representa muito bem o que a sociedade da época considerava como participação feminina dentro do contexto indígena, já que dominava o processo de preparação da farinha de mandioca, chegando até mesmo a construir um forno de barro para realizar essa tarefa de forma mais adequada. O texto deixa claro que Ozélia preparava uma sucessora para suas funções, haja vista sua filha mais velha dominar as mesmas tarefas.

É interessante verificar o que diz Araújo (2010, p. 21) em sua tese doutoral sobre a inserção de indígenas Sateré-Mawé no trabalho urbano doméstico na cidade de Manaus, especialmente no capítulo introdutório, que trata dos hábitos culturais dos indígenas dessa etnia:

Os Sateré-Mawé em território tradicional preservam os hábitos culturais. O trabalho nos roçados é praticado à moda puxirum, neles plantando a mandioca para a farinha e para o preparo do tarubá. Plantam milho e arroz, cará, batata-doce, favas, fumo e algodão. (Araújo, 2010, p. 21).

Além da variedade de produtos plantados em roçados, convém destacar nesta passagem o emprego do termo *puxirum*, cuja definição é apontada pelo próprio autor, em nota de rodapé na mesma página, como “um termo indígena que

designa mutirão, cooperação e união de pessoas para planejar e realizar ações coletivas, como o preparo da terra para o plantio da roça, a realização da colheita, entre outros.” Isto reforça a ideia de que os indígenas, em suas atividades laborais, trabalham unidos em prol de um bem comum à comunidade: neste contexto, a alimentação de todos.

Ao analisar a passagem que trata do trabalho indígena na obra *Dois Irmãos*, torna-se interessante ressaltar, ao conjugar um referencial teórico voltado à análise da canção *Saga da Amazônia*, que os indígenas buscavam alternativas possíveis para proporcionar às gerações futuras meios necessários para uma subsistência digna, como podemos ver abaixo:

Para o índio mais vale garantir viveres às gerações futuras por meio da preservação do ambiente e do uso sustentável de seus recursos, do que caçar e pescar indiscriminadamente, correndo o risco de acabar com a fauna e a flora. (Lira *et al.*, 2020, p. 178).

Os autores mostram a consciência dos povos originários em conservar limpos rios e igarapés, para que se possa pescar com qualidade e bem cuidadas as terras, para que os produtos plantados sejam de boa qualidade e mantenham os indígenas bem alimentados. Se se proceder a uma análise entre a postura do povo nativo, muitas vezes vista como bruta, bárbara, aculturada, e a adotada pelo homem dito civilizado, culto, posto ser branco, perceber-se-á que os primeiros possuem, numa perspectiva geral, um maior cuidado com o meio ambiente.

O trabalho ribeirinho pode ser definido como a atividade laboral realizada por indivíduos que residem nas proximidades

dos rios. Como exemplo principal desta atividade, podemos citar o personagem Ranulfo, da obra *Cinzas do Norte*, que desempenhava os seguintes trabalhos:

Ele passava muito tempo fora de Manaus; subia o rio Negro até Barcelos e, na época da cheia, visitava povoados no rio Branco. Viagens longas, de seis a sete semanas; quando voltava a Manaus, a barba folhuda, com raros fios pretos, e os cachos de cabelo grisalho caindo nos ombros como réstias de cebola lhe apequenavam os olhos e escondiam o rosto. Trazia objetos de artesanato indígena, escovas e vassouras de piaçaba e sacos de castanha para serem vendidos na tenda do Américo. (Hatoum, 2005, p. 118).

Uma boa parte do lucro de Ranulfo advinha do artesanato indígena, que ele comprova na beira dos rios e logo repassava a Américo, o que caracterizava Ranulfo como um atravessador. Entretanto, outro método complementava a renda do irmão de Ramira:

Um dos amigos, o Corel, agora exportava peixes ornamentais. Tio Ran era pago para fazer contatos e negociar com os piabeiros do Negro: 'Peixinhos coloridos, Lavo', dizia. 'Ganho uma gaita viajando de barco e trazendo para Manaus milhares de cardinais e acarás-disco. É uma boa diversão, rapaz'. (Hatoum, 2005, p. 118).

Analisando esta passagem, é possível perceber que Ranulfo considera mais vantajoso vender peixinhos coloridos (que podem ser comercializados por unidade) do que continuar trabalhando com a pesca convencional, cuja precificação é baseada no peso do produto. Como o próprio Ranulfo afirma, ele consegue ganhar muito dinheiro com os

peixinhos diminutos em tamanho, que até hoje enfeitam aquários pelo Brasil afora, o que permite supor que, ainda nos tempos atuais, o comércio desses peixes continue altamente vantajoso para quem o pratica.

Esta rentabilidade fica evidente ao analisarmos os escritos de Zuanon *et al.* referentes aos dados quantitativos de produção e valores aferidos das vendas de peixes ornamentais, tanto no mercado brasileiro quanto no exterior:

Aproximadamente um bilhão de peixes ornamentais são comercializados anualmente, envolvendo mais de 100 países, compreendendo cerca de 4.000 espécies de água doce e 1.400 espécies marinhas. Os valores alcançados com as vendas no varejo de peixes ornamentais, salários e materiais associados com o aquarismo rendem cerca de 15 bilhões de dólares ao ano. (Zuanon *et al.*, 2011, p. 165).

Há pelo menos uma década e meia existem pesquisas sobre a produção de peixes ornamentais na Amazônia brasileira, seu faturamento e o impacto no Produto Interno Bruto. Esta afirmação baseia-se nos dados apresentados por Ribeiro *et al.*:

Em 2007, o Brasil foi considerado o 18º exportador mundial de peixes ornamentais, com US\$ 5.051.895,00. Dos nove estados brasileiros, Amazonas e Pará exportaram mais de 95%, sendo o restante das exportações composto por peixes amazônicos enviados por outros estados, peixes de água doce do Pantanal e peixes marinhos. (Ribeiro *et al.*, 2008, p. 54).

Os mesmos autores analisam a produção de peixes ornamentais sob o prisma da sustentabilidade, comparando-os

com outros métodos extrativistas, levando em conta a alta mortalidade de peixes, considerando os poucos que sobrevivem até a fase final do comércio (aquisição pelo consumidor):

Apesar da pesca de peixes ornamentais ser considerada uma das atividades extrativistas mais ambientalmente sustentáveis, se comparada com a extração de madeira ou mineração, por exemplo, ela corre um sério risco de “extinção”. A alta mortalidade dos peixes desde a captura até o destino final e a competição com peixes produzidos pela aqüicultura são os principais fatores para a diminuição do comércio de peixes capturados. (Ribeiro *et al.*, 2008, p. 54).

Evidentemente, existem outras formas de trabalho ribeirinho que não foram enfocadas por Hatoum na obra em análise, pois o autor decidiu levar em consideração o contexto amazônico, em que a pesca e o artesanato permanecem muito fortes, mesmo ao longo das décadas.

TRABALHOS SETORIAIS

Antes de abordar a questão do trabalho segmentado nos setores primário, secundário e terciário, há algumas explicações prévias que serão importantes para compreender a segmentação realizada nesta obra, especialmente no que diz respeito às cenas de trabalho analisadas.

Cada país possui uma População Economicamente Ativa (PEA) e uma População Economicamente Inativa (PEI). A PEA é caracterizada pelos trabalhadores que possuem vínculo empregatício ou que estão à procura de trabalho. Em contrapartida, a PEI pode ser entendida como os trabalhadores

inseridos no mercado informal, os desempregados há mais de doze meses, os aposentados, as donas de casa, bem como aquelas pessoas com idade imprópria para o trabalho (no Brasil, com idades entre zero e catorze anos).

Ditas essas coisas, parta-se agora para a conceituação e exemplificação dos setores econômicos, dentro do contexto das obras de Milton Hatoum. O setor primário compreende as atividades produtivas relacionadas à agricultura, à pecuária e ao extrativismo.

Como exemplo deste setor, podemos citar a obra *Cinzas do Norte*, na qual os trabalhadores de Okayama-ken plantavam e colhiam a juta, que posteriormente era recolhida ao armazém para passar pela prensa mecânica. Após a passagem pela prensa, seria disposta em fardos e transportada para o batelão Santa Maria, que levaria esses fardos a outras cidades amazônicas. (Hatoum, 2005, p. 33). Hatoum resolve mostrar o passo a passo deste processo para que os leitores que não residem na Amazônia entendam como ocorre a trajetória da juta, desde sua colheita até a etapa (quase) definitiva: o embarque para o destino final.

Interessante lembrar que a juta também é mencionada noutra obra. Em *Órfãos do Eldorado*, também há menção a trabalhadores japoneses, por meio do personagem Oyama, que trava um diálogo um tanto canhestro com o narrador da história, devido à dificuldade de compreensão, já que

Eu não falava japonês, nem ele português. Ele perguntava alguma coisa, e eu dizia sim: eu perguntava, e ele ria e balançava a cabeça. Às vezes, eu tagarelava e ele tatalava. No fim era bom, porque um não entendia nada do que o outro dizia. Muito

amável, o Oyama. Trouxe um peixe preparado à moda japonesa, e eu me fartei. Depois ele curvou a cabeça, se despediu e nunca mais apareceu. (Hatoum, 2008, p. 42).

Mesmo com a dificuldade de comunicação devido aos idiomas, percebe-se que ambos ficam satisfeitos com a recepção do outro. O narrador evoca a amabilidade de Oyama, que reconhece no brasileiro a educação ao provar um prato da culinária nipônica.

O setor secundário é composto por atividades voltadas para a indústria, a produção de bens de consumo, a construção civil e a geração de energia. Como exemplo de atividade industrial, e utilizando o exemplo do setor primário, a juta pode, a depender do processo de beneficiamento, ser utilizada no desenvolvimento de corantes básicos e diretos, assim como na fabricação de tapetes e de tecidos para carpetes.

Para concluir esta subseção, é importante destacar o setor terciário, exemplificado pelas atividades relacionadas à prestação de serviços e ao comércio. Como exemplo principal, podemos citar o restaurante de Halim, personagem da obra *Dois Irmãos*, e os pratos ali preparados, servidos e consumidos, como os diversos tipos de peixe e a macaxeira, produtos tipicamente amazônicos que, originalmente, faziam parte de tarefas prévias de pesca e plantio do setor primário.

TRABALHO URBANO E TRABALHO RURAL

Conforme citado anteriormente, no subitem “Uma Questão de Tipologia”, a definição de trabalho urbano ou rural passa diretamente pelo perímetro de um município. Se a atividade trabalhista ocorrer dentro do perímetro urbano, com

atividades relacionadas ao comércio ou prestação de serviços, trata-se de trabalho urbano. Se remontar às atividades ligadas à agricultura, pecuária ou outras atividades prioritariamente relacionadas ao campo, tem-se o trabalho rural.

Como exemplo de trabalho urbano, pode-se citar a atuação de Galib como proprietário primeiro do restaurante Biblos, inaugurado por ele em 1914, durante o auge da produção gomífera na região amazônica. O pai de Zana logo passou a usar os temperos brasileiros em harmonia com o conhecimento gastronômico adquirido em terras árabes, como se vê abaixo:

Galib inaugurou o restaurante Biblos no térreo da casa. O almoço era servido às onze, comida simples, mas de sabor raro. Ele mesmo, o viúvo Galib, cozinhava, ajudava a servir e cultivava a horta, cobrindo-a com um véu de tule para evitar o sol abrasador. No Mercado Municipal, escolhia uma pescada, um tucunaré ou um matrinxã, recheava-o com farofa e azeitonas, assava-o no forno de lenha e servia-o com molho de gergelim. (Hatoum, 2000, p. 31).

Nesta passagem, percebe-se que Galib buscava agradar seus fregueses oferecendo-lhes peixes locais, cuja onomástica é tipicamente amazônica (os exemplos citados – matrinxã e tucunaré – não deixam dúvida disso). Como forma de recordar suas origens, entretanto, o proprietário do Biblos também utilizava elementos que recordavam sua ancestralidade árabe, como as azeitonas e o gergelim, este último bastante utilizado na elaboração de uma pasta denominada tahine, altamente cremosa, aromática e saborosa, podendo ser consumida como tempero e acompanhamento de pães e biscoitos salgados.

Estudiosos mostram o quão importante acabou se mostrando a influência árabe na cultura brasileira, principalmente no campo culinário. Neste momento, será citada Hadjab, cuja obra revela hábitos substanciais que este povo trouxe para a cultura brasileira:

Imagens revelam presenças árabes em diferentes nuances em nosso dia-a-dia, por meio de hábitos e costumes já incorporados na vida do brasileiro. Essa influência não está ligada necessariamente (e apenas) aos deslocamentos e processos migratórios, mas sim à ocupação muçulmana na Europa por quase 800 anos, a qual deixou, para portugueses e espanhóis, marcas profundas em sua culinária, tais como o gosto pelo café, o sabor marcante de suas especiarias, a variedade de carnes, grãos e nozes. (Hadjab, 2014, p. 22).

Quando um brasileiro usa temperos como alho e cebola para preparar seu almoço ou jantar, muito provavelmente ignora que esses temperos, assim como gengibre, cravo-da-índia e noz-moscada, têm origem na Península Arábica e já eram utilizados antes mesmo da colonização brasileira, sendo incorporados à nossa cultura e utilizados em todas as regiões do País.

Guajará-Mirim, no Estado de Rondônia, é um exemplo de cidade onde a cultura árabe apresentou força significativa, principalmente nos campos político, social e culinário. Como forma de lembrar as origens e reforçar os laços de amizade entre Líbano e Grécia, em 28 de abril de 1962, foi inaugurada a Sociedade Helênico-Libanesa⁴⁷.

⁴⁷ Em sua obra *O Presente do Grego*, o escritor guajaramirense Paulo Saldanha narra todo o processo para a construção do Prédio onde a

É interessante lembrar que a culinária greco-libanesa continua presente nos dias atuais na Pérola do Mamoré. Ainda hoje é possível passear pelas praças da cidade saboreando um bom quibe, charuto ou tabule, delícias de um povo que enriqueceu bastante a cultura local por meio de sua história e trabalho.

Nunca é demais lembrar que alguns dos empreendimentos comerciais mais prósperos e consolidados de Guajará-Mirim pertencem a famílias árabes, com mais de meio século de fundação, como a Sapataria Melhem e a Móveis Ferro Fórmica Bouchabki (MOFFOB), apenas para citar alguns exemplos.

Ao se falar em trabalho rural na narrativa de Milton Hatoum, o exemplo mais claro para identificá-lo é a obra *Cinzas do Norte*. Em determinado momento da narrativa, Hatoum decide trazer à baila, ainda que de forma resumida, a trajetória de Ryota Oyama, pioneiro na produção de juta na região amazônica, conforme vemos na citação abaixo:

Oyama, o pioneiro, homem lembrado por todos, trouxera da Índia sementes de juta. Viera com a família em 1934; mais tarde chegaram dezenas de jovens agrônomos de Tóquio, passaram uns dias na Vila Amazônia e viajaram para o rio Andirá, onde fundaram uma colônia. (Hatoum, 2005, p. 33).

Nascido na cidade japonesa de Okayama em 1882, já aos 51 anos, Oyama deixou o Japão e rumou para o Brasil. Segundo

Sociedade Helênico-Libanesa se constituiu como ente social e cultural para a cidade de Guajará-Mirim, além – evidentemente – de ser um elo entre gregos e libaneses, povos que muito contribuíram para o desenvolvimento da Pérola do Mamoré.

informações da página de Facebook *Projeto Koutaku*, a atuação de Oyama com a juta alteraria o destino dos imigrantes koutakuseis, por meio da implantação do projeto Koutaku, cujo principal objetivo era o desenvolvimento e a aclimação da cultura da juta em solo amazônico, que já haviam sido tentados antes, com resultados insatisfatórios, já que a fibra não alcançava tamanho ideal para comercialização.

Em outubro de 1933, Oyama desembarcou em Parintins, seguindo para a Vila Amazônia. Ali chegando, trabalhou no cultivo da juta, principalmente na Ilha Formosa. Devido ao seu trabalho na região, recebeu inúmeras condecorações, inclusive sendo homenageado com o nome de uma escola estadual localizada no centro parintinense. Em quinze de maio de 1972, faleceu vítima de um colapso cardíaco.

A chegada dos primeiros japoneses à região retratada no romance ocorre anteriormente à Segunda Guerra Mundial, e o trabalho deles aqui desenvolvido obedecia a um propósito: a disseminação dos ideais de vida japoneses (incluindo o trabalho eficiente) numa nova região, até então desconhecida. É interessante ressaltar que, assim que chegaram ao território amazônico, logo trataram de se ambientar à nova realidade:

Tinham construído um pequeno hospital, uma escola agrícola e Okayama Ken: uma vila onde até hoje moravam os trabalhadores mais antigos. Durante a Segunda Guerra foram perseguidos e presos; alguns conseguiram fugir e outros voltaram. Tiveram filhos com mulheres daqui: jovens mestiços, metade índios, metade orientais, trabalhadores e forçados. (Hatoum, 2005, p. 33).

O autor destaca a imigração nipônica, especialmente sua natureza agrícola, enfatizando a profissão daqueles que aqui

chegavam (incluindo uma considerável quantidade de agrônomos envolvidos), além, é claro, da construção da escola agrícola. Entretanto, um ponto gera dúvida nos leitores que não conhecem a história integral: como as primeiras sementes de juta chegaram ao Amazonas?

Existem duas versões para este fato, apresentadas por Wilson Nogueira⁴⁸, jornalista, escritor e sociólogo amazonense. A primeira delas, que caiu no gosto popular (tanto que passou a ser mencionada nas escolas amazonenses durante as aulas de História do Amazonas), buscava enaltecer a perspicácia de Ryota Oyama para adentrar em território brasileiro com esses insumos agrícolas. Sabendo que a alfândega indiana estava de prontidão, ele colocou as sementes na bainha da calça que usava, para conseguir passar pelos agentes.

Entretanto, esta versão, na ótica dos japoneses, maculava-os, pois enaltecia a ação de enganar o próximo – e isto é considerado deplorável na cultura nipônica. Por conta disso, o filho de Oyama, chamado Tamon, tratou de desmentir a narrativa apresentando a versão de que o pai trouxe legalmente as sementes de juta para nossa região; também lamentou que tenham sido acrescentados à memória de seu pai e à história da produção de juta na Amazônia fatos completamente inverídicos.

Segundo Tamon Oyama, as sementes cultivadas experimentalmente em Vila Amazônia passavam normalmente

⁴⁸ NOGUEIRA, Wilson. **Ryota Oyama, o pai da juta amazônica, nos tempos da guerra.** Disponível em: <https://www.amazonamazonia.com.br/2020/06/18/ryota-oyama-o-pai-da-juta-amazonica-nos-tempos-da-guerra-por-wilson-nogueira/>. Texto publicado em: 18 jun. 2020. Acesso em 30 jan. 2021.

pela alfândega indiana. Após mencionar a chegada de Ryota Oyama na região, Hatoum enaltece o método de trabalho dos orientais:

Os filhos dos japoneses davam um duro danado, em poucos anos tinham feito muitas coisas, trabalho de um século. Na roça deles tinha tudo: milho, mandioca, feijão, guaraná, cacau... Entravam na água e cortavam a juta, eram corajosos e disciplinados. (Hatoum, 2005, p. 34).

Os japoneses conseguiram desenvolver o plantio de diversas culturas na região, sem perder de vista a juta, cuja exploração gerava um lucro bastante acessível, além dos múltiplos usos da juta dentro da propriedade rural, como podemos ver abaixo:

Vi vários deles, magros e tristes, na ilha das Ciganas, em Saracura, Arari, Itaboraí, e até no paraná do Limão. Cortavam juta com um terçado, secavam as fibras num varal e depois as carregavam para a propriedade, onde eram prensadas e enfardadas; na época da cheia, o bagaço da juta alimentava os porcos e o gado. (Hatoum, 2005, p. 34).

Ryota Oyama se tornou uma figura tão importante na história da região de Parintins, que recebeu a homenagem de dar nome a uma escola da Rede Pública Estadual de Ensino do Amazonas, localizada no centro de Parintins.

A juta tinha várias utilidades, entre as quais a alimentação dos animais criados na região, especialmente nos tempos de cheia, quando não se podia buscar outros alimentos para satisfazer a fome dos animais, funcionando como um tipo de ração. Entretanto, Denison Silvan (2018, p. 47) deixa claro que o cultivo da juta não servia apenas para isso, sendo

utilizado na indústria, envolvendo trabalhadores fabris (em sua maioria mulheres) que atuavam nessas fábricas desempenhando a função de costureiras das sacas de juta. Essas mulheres recebiam como quinhão problemas de saúde de toda espécie, principalmente complicações respiratórias que resultavam em patologias como o enfisema pulmonar.

Segundo a Análise do Discurso, a situação dos(as) trabalhadores(as) da juta na região amazônica pode ser interpretada de duas formas distintas, como Eni Orlandi esclarece em sua obra *Análise do Discurso*, da qual se retira a citação abaixo:

Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como estrutura, mas sobretudo como acontecimentos. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. (Orlandi, 2009, p. 19).

Os acontecimentos narrados tanto na obra *Órfãos do Eldorado* quanto no excerto de Denison Silvan podem ser interpretados de formas distintas, mediante o uso de discursos cristalizados, que podem ser definidos como discursos já consolidados pelo uso costumeiro em diferentes gêneros discursivos, por meio de palavras, expressões e frases fixas.

A cristalização de tais discursos, conforme a vemos nos textos em análise, pode servir a dois propósitos distintos. Isto quer dizer que um mesmo texto pode ser interpretado de formas completamente distintas, dependendo das análises que se façam. Se a leitura for feita por um empresário, por exemplo, que não simpatize com a causa dos trabalhadores, a menção às

operárias que desenvolvem problemas respiratórios por conta do contato com a juta ou ao trabalho excessivo dos juteiros de Hatoum no processo de secagem e beneficiamento da juta não provocará qualquer empatia. Se, em contrapartida, o texto for lido por um trabalhador rural que desenvolve suas atividades laborais de sol a sol, a interpretação do texto será bem diferente, podendo até mesmo gerar indignação pelos acontecimentos narrados.

Dessa forma, o entendimento discursivo está ligado aos parâmetros ideológicos estabelecidos por quem se propõe a analisar o texto e compreender o discurso nele contido. Sobre a questão dos profissionais de saúde, também contemplados na obra, Hatoum apresenta informações sobre a moradia dos trabalhadores, bem como a rotina de Kazuma San, o único médico da região:

A maioria dos empregados morava em casebres espalhados em redor de Okayama Ken; quando adoeciam, eram tratados por um dos poucos médicos de Parintins: doutor Kazuma. Único japonês que não fora perseguido durante a guerra, seu nome era pronunciado com veneração: Kazuma San. Uma vez por semana visitava os trabalhadores da propriedade, e um dia almoçou conosco. Era um homem de uns setenta e cinco anos, alto e muito magro, o rosto acobreado de tanto sol, e olhos vivos atrás de lentes espessas. Agradeceu, quase sem sotaque, os medicamentos que Jano trouxera. (Hatoum, 2005, p. 34).

Os medicamentos trazidos por Jano podem servir como base para o atendimento médico realizado por Kazuma San, devido à difícil realidade daquela região. A dificuldade pode ser explicada pela considerável distância de Okayama Ken até a cidade mais próxima, o que justificava a necessidade do

transporte de Jano para que os medicamentos pudessem chegar à vila japonesa em condições de serem utilizados.

É interessante verificar como o método de atendimento daquela época possui relativa semelhança com o cenário atual, pois o fato de Kazuma San atender seus pacientes durante um único dia por semana ilustra bem isso, já que é uma prática que ainda persiste, principalmente em lugares mais afastados, especialmente na região amazônica.

Engana-se quem pensa que os trabalhadores de juta dedicavam-se apenas ao trato desta variedade agrícola. Denison Silvan (2018, p. 75), em sua tese *Trabalhadores da Juta na Amazônia*, mostra como os juteiros (conforme sua definição) precisavam desdobrar-se para conseguir sobreviver:

No entanto, em sua propriedade rural, o juteiro e sua família se desdobram em inúmeros afazeres, desde a pesca artesanal, passando pela agricultura de subsistência; pecuária extensiva; criação de animais de pequeno e médio portes; regateio no comércio varejista; até o extrativismo de origem animal e vegetal. Por suas atividades produtivas, ele poderia ser referenciado profissionalmente como pescador, agricultor, fazendeiro, comerciante, caçador e coletor extrativista, mas quem trabalhou nos tempos áureos da economia da juta prefere, entre as opções existentes, ser identificado como juteiro, o trabalhador da juta na Amazônia. (Silvan, 2018, p. 75).

Este desdobramento ocorria por algumas razões específicas. A primeira delas era a necessidade de não depender exclusivamente dos proventos relacionados à juta, pois esse produto poderia sofrer uma drástica desvalorização, o que acarretaria consequências diretas, como a miséria dessa

classe de trabalhadores, que não contava com os mecanismos de defesa existentes atualmente.

A necessidade de não depender exclusivamente dos ganhos da juta fazia com que os juteiros se vissem obrigados a buscar outras formas de aferimento de renda, como a pesca, agricultura, pecuária e coleta extrativista, que apareciam como alternativas para evitar a pobreza em sua forma mais severa.

Como se pode perceber, embora o trabalho rural retratado na obra de Milton Hatoum esteja relacionado ao tempo cronológico da narrativa, algumas dessas situações ainda persistem atualmente. Esse fato pressupõe uma correlação entre os fatos narrados na obra e o que, ainda, ocorre nos interiores da Região Norte, bastante afastados dos centros urbanos. Nestes locais, para que o trabalho ocorra de forma plena, faz-se necessário o transporte de materiais, já que os trabalhadores não possuem condições de se deslocar aos grandes centros urbanos.

A próxima seção, que ora se avizinha, abordará o funcionamento das relações de trabalho entre os personagens de Hatoum, como os trabalhos em tempo parcial e integral, e o desenvolvimento laboral de profissionais liberais. Outro aspecto a ser desenvolvido é o funcionamento trabalhista, no qual serão analisadas as relações entre patrões e empregados ao longo das narrativas, bem como o cruzamento entre os fatos narrados pelo autor e as normas vigentes no País, como a Constituição Federal de 1988 e a Declaração dos Direitos da Criança, considerando a evidente presença do trabalho infantojuvenil nos escritos de Hatoum.

RELAÇÕES DE TRABALHO E LEGISLAÇÕES

Só o que podem fazer os animais é utilizar a natureza e modifica-la pelo mero fato de sua presença nela. O homem, ao contrário, modifica a natureza e a obriga a servir-lhe, domina-a. E aí está, em última análise, a diferença essencial entre os homens e os demais animais, diferença que, mais uma vez, resulta do trabalho.

(Friedrich Engels)

Como se sabe, todo este levantamento tem por finalidade debater a discursividade de Milton Hatoum, por meio da análise detalhada de suas principais obras (como ponto final – temporariamente – de um processo iniciado com a leitura dos escritos do autor e a localização de passagens que enfocam a categoria Trabalho), com vistas a compreender a cultura amazônica, bem como as ideias políticas que podem ser depreendidas da narrativa por meio da referida categoria.

O discurso de Hatoum nasce com o objetivo de contar uma história de famílias que se entrecruzam, com destinos diferentes, mas semelhantes, o que nos leva a supor haver um interesse da parte do autor em realizar diversas críticas sociais, embora centralize-as nos modos de produção, organização e exploração do trabalho na região, conforme as posses das pessoas demandem a capacidade de mando.

Se, por um lado, emprega-se uma postura político-cultural, caracterizada ideologicamente como visibilizadora de um ponto de vista crítico acerca dos modos de trabalho e de produção na Amazônia; por outro lado, deve o levantamento ser capaz de se abrir à esfera analítica que perceba os Direitos Humanos centralizados nesse interesse do autor, como método

de entendimento para as realidades vividas pelos personagens do projeto literário de Milton Hatoum.

A caracterização dos tipos de trabalho e de produção na/da Amazônia permite definir a cultura das épocas e das frações sociais da região. Debater o Trabalho como critério de leitura preferencial torna-se importante porque, na época em que esta obra foi escrita, questionavam-se os modos de trabalhar (diferentes tecnologias) e as diversas formas de produzir. A dimensão dos serviços passou a superar a oferta de trabalho no campo e na indústria, embora esta ainda seja essencial à manutenção da vida na sociedade. No entanto, essa mudança coloca em risco a estabilidade laboral, especialmente entre os que descem na escala social.

NORMAS DE RELACIONAMENTO TRABALHISTA NAS OBRAS DE MILTON HATOUM

Trata-se agora de expor o autor como cidadão que se utiliza do seu texto com fito ideológico. Embora tenha residido fora da Amazônia por mais de uma década, Hatoum sempre manifestou o desejo de escrever sobre a região de onde se originara. Após inúmeras pesquisas, decidiu abordar um período em que muitas famílias fizeram fortunas para depois perdê-las: a *belle époque* amazônica, época de profundo desenvolvimento da nossa região, na qual se buscou imitar o modo de vida existente em território francês, o que explica o uso da nomenclatura francófona para se referir ao período.

Outra fonte de coleta de dados para as obras de Milton Hatoum é a profunda observação dos ambientes onde ele esteve inserido, seja em caráter provisório ou mesmo

definitivo. Sobre estes ambientes, convém observar o que diz Moreira:

O autor conviveu desde a infância com um horizonte multicultural. Além da cultura oriental, presente no seu círculo familiar, a cultura indígena também se impunha por meio dos nativos manauaras que frequentavam sua casa. (Moreira, 2007, p. 13).

Esta citação nos faz perceber que a diversidade cultural se tornou elemento preponderante nos escritos de Hatoum, principalmente ao considerarmos a presença dos mais diversos tipos humanos em seu projeto literário.

Outro artifício utilizado por Hatoum na construção dos fatos da Manaus de sua infância e adolescência é a memória. Para o autor, as ações vividas e rememoradas repercutem no presente. Isto fica muito claro ao analisar a entrevista⁴⁹ do autor, concedida quando do encerramento da Festa Literária de Santa Maria (FLISM):

Porque a memória de um passado distante – e isso sempre trabalhei nos meus livros, por isso levo tanto tempo para escrevê-los, às vezes dez anos como aconteceu com *Dois Irmãos* ou com a trilogia *O Lugar Mais Sombrio* –; a memória, eu penso como um movimento do passado que chega ao presente. Não é algo cristalizado no passado, ela repercute no presente. Portanto, todo esse movimento é construído pela linguagem, pela forma mais importante na literatura. Como que você constrói a sua narrativa?, de qual ponto de vista?, questões

⁴⁹ Informação disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/arco-entrevista-escritor-milton-Hatoum/>

técnicas de estrutura de personagem, de conflitos de tempo e de espaço. E tudo isso, relacionado com a minha experiência de vida e de leitura, tem a ver com uma reflexão sobre a minha cidade ou sobre as cidades onde vivi. De alguma forma, todos os meus romances possuem a vontade de dialogar com o presente. Quando escrevo sobre a Amazônia no *Dois Irmãos* ou no *Cinzas do Norte*, estou relatando um tempo desses conflitos humanos, de um quadro histórico. A memória assume um papel importantíssimo, daquelas passagens da vida um pouco ofuscadas ou nebulosas, que constrói, através da imaginação, o pilar mais importante de uma obra de arte. A questão é transformar a imaginação em linguagem. (Paz, 2021, online).

Fica bastante clara, pelo caráter do autor, a atemporalidade de seus textos, produzidos ao longo de mais de três décadas de percurso literário. O emprego de um estilo de escrita que tem como consequência a atemporalidade literária possui um propósito claro: levar o leitor a refletir sobre as ações narradas e em que medida elas continuam ocorrendo nos tempos atuais.

Quando o autor afirma que “a memória não é algo cristalizado no passado, repercutindo no presente”, esse discurso abre margem para compreender o que ocorre, por exemplo, com o narrador de *Dois Irmãos*. Filho da empregada com um dos herdeiros do patrão, o jovem Nael busca a todo custo conhecer sua história e suas origens. Trazendo essa situação para o presente, podemos nos perguntar quantas empregadas domésticas são estupradas em seus locais de trabalho, engravidam e se veem na situação de criar um filho sem a possibilidade de poder parar de trabalhar, perpetuando assim o ciclo da pobreza.

Um exemplo da observação feita por Hatoum pode ser mencionado ao analisar a postura subserviente das empregadas domésticas de seus romances, como Anastácia Socorro (*Relato de um Certo Oriente*) ou mesmo Domingas (*Dois Irmãos*), situação facilmente detectável nos tempos antigos.

No exemplo da primeira obra, havia uma surda concordância de Emilie com a presença de Anastácia Socorro e seus sobrinhos, quando a empregada resolvia levá-los para a casa da patroa. Entretanto, Emilie utilizava diversos métodos para humilhá-la, assim como às crianças que a acompanhavam.

Em *Dois Irmãos*, Domingas é adquirida ainda na infância para trabalhar na residência de Zana, mediante um adjutório concedido à religiosa que a resgatou quando a família da cunhantã se desfez. É interessante lembrar que Domingas, embora tenha presenciado todas as fases da união entre Zana e Halim (casamento sem filhos, nascimento dos gêmeos e de Rânia, os filhos que ficam adultos, o casamento de Yaqub, dentre outras), jamais foi vista como uma pessoa da família, embora de quase tudo ali ocorrido soubesse. Sobre a questão do local de trabalho e sua relação com a classe social da menina trabalhadora, é interessante verificar o que dizem Philippe Ariès e Georges Duby (1985, p. 18):

No se presta demasiada atención a los lugares de trabajo. Trabajar en casa o trabajar en el establecimiento de otros era sin embargo a comienzos de siglo la diferencia por antonomasia. Para una muchacha lo ideal era permanecer en la casa de sus padres sin trabajar. Si debe trabajar, lo mejor es hacerlo permaneciendo en casa de sus padres, como costurera de confección, por ejemplo. Solamente las

muchachas de las clases sociales inferiores van a trabajar fuera: a la fábrica, al taller o, como criada, a casa de un particular. (Ariès; Duby, 1985, p. 18).

Os autores distinguem as jovens trabalhadoras pela classe a que pertenciam. As jovens das classes sociais superiores tinham como modelo ideal de vida, seguindo a ótica da sociedade do início do século passado, a permanência em casa, desempenhando ou não funções laborais. Para as meninas de classes inferiores, restavam os empregos fora de seus ambientes residenciais. Dentre esses trabalhos, havia o de criada, totalmente impensável e descabido para uma garota com boas condições financeiras, mas perfeitamente adequado para alguém cuja única possibilidade de trabalho se desenhava nesta configuração, como ocorria com a empregada por excelência de *Dois Irmãos*.

Nunca é demais lembrar que, ao colocar Domingas aos cuidados de Zana, estava ocorrendo, diante dos olhos da cunhantã (embora ela mesma não percebesse), uma troca em que nenhuma das partes interessadas saía perdendo. A esposa de Halim ficava com a menina, enquanto a religiosa levava para seu convento um conjunto de mesas e cadeiras velhas, que já não teriam mais serventia na residência da rua dos Barés, mas que poderiam ser utilizadas na formação escolar e moral de outras Domingas.

Dentre as inúmeras obras da literatura brasileira, uma em especial retrata o processo de uma negra africana que, assim como Domingas e Anastácia Socorro, se tornou importante dentro da família em que fora inserida. Trata-se de Odete, personagem de *A República dos Sonhos*, de Nélida Piñon, cuja quarta edição foi publicada em 2004. Por meio do

diário de Venâncio, amigo dos protagonistas Madruga e Eulália, o leitor toma consciência do que acontece num mercado de aquisição de escravos localizado defronte à Igreja de São Francisco da Prainha, na então capital federal, a cidade do Rio de Janeiro.

Havia na praça um torvelinho de vozes e corpos. Finalmente vimos de cerca os escravos expostos, de pé, como estátuas arfantes. Haviam chegado ao Brasil naqueles dias. Sem terem podido apreciar o litoral da nova terra à medida que a falua aproximava-se do cais. Do porão, onde foram confinados por toda a travessia, apenas enxergaram a água e nesgas de terra através de frestas minúsculas. Tomados todos de um invencível medo, que lhes vinha por razão do desesperado cativo. Não lhes sobrara naquela travessia atlântica um minuto livre para averiguarem o que lhes passava de fato. Ou sequer para descobrirem que terra seria aquela que, de saída, privava-os da liberdade, do solo africano, da vida tribal, onde cultivaram sempre seus mitos e totens. (Piñon, 2004, p. 401).

O medo e a incerteza da nova vida, do que lhes esperava num território desconhecido, acometiam tanto Odete e seus companheiros de viagem quanto Domingas e Anastácia Socorro. Todos esses personagens, em meio às suas travessias, também percebiam que, assim que chegassem ao seu destino, haveria um aumento exponencial na carga de trabalho, aliado à restrição de liberdade.

Outro ponto que também assemelha Odete às personagens de Milton Hatoum é a separação dos entes familiares. Se, nas obras do escritor amazonense, temos Anastácia, que se separa do tio para trabalhar na casa de

Emilie, e Domingas, que, após ficar órfã, é recolhida para posteriormente trabalhar na residência de Zana e Halim, temos em Nélide Piñon a separação de Odete, seu marido e o filho do casal:

Odete despediu-se de seu homem com o olhar incendiado pela febre. Teve ainda tempo de roçar levemente a cabeça do filho. A vida ficou lhe devendo este abraço. Não se lhe viram lágrimas nos olhos, nem quando os brutais feitores esfregaram-lhe o corpo com sabão. A alguns escravos cobrindo as feridas com unguentos, para escondê-las. Um gesto jamais movido pela piedade, mas temendo a desvalorização da mercadoria. (Piñon, 2004, p. 402).

Na narrativa de Nélide Piñon, fica muito claro que os africanos desembarcados no Brasil eram descaracterizados como pessoas, passando a ser tratados como meras mercadorias, pois eram comprados e vendidos conforme a vontade e a conveniência de seus patrões. Corroborando essas informações, há as pesquisas de Laird Bergard (2004, p. 357), que indicam que o valor médio de um cativo crioulo do sexo masculino, com idade entre quinze e quarenta anos, em 1789, era de 105 mil réis. Em contrapartida, se a peça fosse do sexo feminino, do mesmo grupo de idade, valeria 88 mil réis. Um escravizado de origem africana, do sexo masculino, nesta mesma faixa etária, estava avaliado em 110 mil réis. Se fosse do sexo feminino, custaria 85 mil réis.

Com esses dados, percebe-se que a força de trabalho masculina era mais elevada do que a feminina, o que pode ser justificado, por exemplo, na divisão sexual do trabalho escravo. Marquese discute o trabalho escravo masculino:

No decorrer da Baixa Idade Média, a escravidão como sistema de trabalho deixou de existir no Ocidente europeu, excetuando-se os países do

Mediterrâneo, isto é, das penínsulas Ibérica e Itálica. Mesmo aí, ela foi, nos séculos XIV e XV, tão-somente uma instituição urbana, com importância limitada no conjunto da economia; o emprego em larga escala de cativos na produção agrícola havia se tornado residual nestas últimas regiões. A recriação do escravismo, com o emprego massivo de escravos nas tarefas agrícolas, seria realizada por portugueses e espanhóis só após a segunda metade do século XV, com a introdução da produção açucareira nas ilhas atlânticas orientais (Canárias, Madeira, São Tomé) e, no século XVI, com a colonização da América. (Marquese, 2006, p. 110).

É interessante lembrar que o trabalho dos escravizados que atuavam na então colônia lusitana teve como principal diretriz os períodos econômicos (cana-de-açúcar e café podem servir como exemplos), para os quais eram recrutados contingentes significativos de africanos. Simas (2017, p. 37) ilustra a participação da mulher escrava durante o século XIX:

Em regiões do Agreste e Sertão, o trabalho das escravizadas era apreciado pelos pequenos e médios proprietários de terra, pois elas eram empregadas em vários serviços. As escravizadas que desembarcavam em Pernambuco eram normalmente empregadas nos serviços domésticos, mas também eram escravas de ganho e estavam presentes no trabalho das lavouras. (Simas, 2017, p. 37).

A autora destaca a participação feminina tanto nas lides dentro da casa-grande quanto nas atividades nas lavouras que sustentavam o luxo dos grandes fazendeiros. Outra atuação das negras africanas é a de ama-de-leite, responsável por amamentar os filhos das sinhazinhas, quando as mães biológicas estavam impossibilitadas de exercer tal função.

Na terceira obra de Milton Hatoum, pode-se perceber uma diferenciação evidente entre os trabalhadores e os patrões. Em determinado momento da narrativa de *Cinzas do Norte*, pode-se perceber claramente como ocorre o processo de secagem das fibras de juta, sob o olhar fiscalizador dos patrões:

Quatro vira-latas amarrados em correias latiam na proa. Navegamos. Primeiro no Paranapanema: Jano queria ver as fibras longas, com mais de três metros, amolecidas e descascadas, secando nos varais. Os cães saltaram e correram para a várzea, farejando bichos. “Camaleões, uma praga. Acabam com a plantação”, dissera Jano, segurando a coleira de Fogo, que estava perturbado com a cachorrada solta. Mais tarde, na Ilha do Vale, uma plantação extensa e uniforme parecia uma serra coberta de flores amarelas. (Hatoum, 2005, p. 39).

Ainda assim, camaleões apareciam nas plantações de Vila Amazônia, pois, numa véspera de Natal, ao conversar com Lavo sobre o andamento do curso de Direito, Ramira percebe a presença de um camaleão a devorar insetos numa trepadeira da cerca (Hatoum, 2005, p. 86) e demonstra nojo ao presenciar a cena.

Segundo os escritos de Denison Silvan, o processo de corte da juta era altamente demorado, levando em consideração, além das dez fases, o período de cheia dos rios. Tais fases são assim elencadas por este autor:

Com cerca de sete meses a cada ano, o processo de cultivo e beneficiamento da fibra da juta na várzea amazônica, aqui descritas em ordem cronológica:

- 1 - Limpeza e adequação do terreno varzeano;
- 2 - Plantio da semente, com máquina tico-tico ou a lanço;

- 3 - Tratos culturais, como a retirada de plantas invasoras;
- 4 - Corte das hastes rés ao chão, com o nível das águas do rio abaixo ou mesmo acima do ponto de corte;
- 5 - Afogamento dos feixes com 20 a 30 hastes de juta, sobre os quais se coloca peso para que se possa mantê-los submersos;
- 6 - Desfibramento, separação manual entre a fibra e a casca da planta;
- 7 - Lavagem manual das fibras, para retirada de resíduos de casca e impurezas;
- 8 - Secagem das fibras em varais expostos ao sol;
- 9 - Seleção e enfardamento das fibras;
- 10 - Despacho dos fardos para os comerciantes. (Silvan, 2018, p. 102-103).

Além de todas essas etapas, o produtor de juta deve preocupar-se também com possíveis pragas que possam atacar a plantação. Nos tempos atuais, foram descobertas outras pragas que prejudicam o desenvolvimento da *Corchorus Capsularis*, como a *Anomis editrix* e o besourinho *Systema s-littera*, conforme o Comunicado Técnico nº 65, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), datado de dezembro de 2008.

É interessante lembrar que, na obra, Jano se mostra preocupado com os camaleões, definindo-os como uma praga que deve ser combatida a todo o custo, evitando assim que se percam a produção de juta e, por consequência, os recursos auferidos pela propriedade. Para isso, os trabalhadores de Vila Amazônia deveriam ser persistentes em suas ações de prevenção, a fim de manter sob controle esta e outras pragas, bastante comuns na região.

DISTINÇÕES CULTURAIS E TRABALHO

No decurso da análise das obras do escritor amazonense Milton Hatoum, é possível perceber diferenças culturais entre as categorias de patrão e empregado, bem como uma subjugação dos últimos em favor dos primeiros.

Em *Órfãos do Eldorado*, Emilie efetivamente considera a si e à sua família como dignos de gratidão por conta dos empregados da casa. Esse sentimento se mistura ao senso de obrigação de fazer com que os parentes infantes de Anastácia Socorro trabalhem, independentemente de quão jovens sejam:

Aos mais encorpados, com mais de seis anos, Emilie arranjava uma ocupação qualquer: limpar os lustres e espelhos venezianos, dar de comer aos animais, tosquear e escovar o pelo dos carneiros e catar as folhas que cobriam o quintal. (Hatoum, 1989, p. 46).

Nos tempos atuais, convencionou-se, conforme pode-se verificar no *Marco Legal da Primeira Infância*⁵⁰, denominar a idade de zero a seis anos como primeira infância. Esse período é essencial na formação da pessoa, assim como na construção da subjetividade e das relações sociais. Mustard afirma que fatores externos podem interferir significativamente no desenvolvimento físico, social e psíquico das crianças:

As crianças de todas as classes sociais estão sujeitas a fatores ambientais que afetam a saúde, o comportamento e a aprendizagem no início da vida, e que a proporção de crianças afetadas é maior nas classes inferiores. (Mustard, 2010, p. 42).

⁵⁰ Este Marco foi definido pela Lei Federal n. 13.257, de 8 de março de 2016, que, em seu artigo segundo, estabelece como idade vinculada à primeira infância o período compreendido entre zero e seis anos de idade.

Com base nesta afirmação, é possível compreender que, quando uma criança é inserida em relações de trabalho, há grandes possibilidades de ela não se desenvolver adequadamente na esfera educacional, devido à falta de tempo de que disporá para os estudos.

Como contraponto a esta definição de pleno desenvolvimento infantil, temos os estudos de Nadma Azevedo, segundo os quais o trabalho infantil não é exclusividade dos tempos atuais, mas situação que se atualiza com o avançar das décadas e com a atualização dos sistemas de produção de riquezas:

Não muito diferente da infância, o trabalho infantil é algo que vem desde as sociedades mais antigas, mas somente ganhou grandes proporções com o advento da industrialização, quando as crianças foram inseridas nas fábricas, que juntamente com as mulheres realizavam árdua jornada de trabalho. (Azevedo, 2017, p. 23).

Ainda nestes primeiros anos do século XXI, podem-se encontrar ocasiões em que crianças e adolescentes desenvolvam funções laborais, conciliadas ou não com as atividades escolares, situação que contribui para os índices de evasão discente, já que as atividades aulísticas são relegadas a segundo plano (exatamente como ocorre com Nael em *Dois Irmãos*).

Partindo desta premissa e levando em conta o contexto da obra, podemos perceber que as relações sociais construídas por Anastácia Socorro e seus sobrinhos e afilhados em relação à casta dos patrões têm por base a subserviência, sem qualquer contestação. Isto fica evidente quando analisamos a citação abaixo:

Eu presenciava tudo calado, moído de dor na consciência, ao perceber que os fâmulos não

comiam a mesma comida da família, e escondiam-se nas edículas ao lado do galinheiro, nas horas da refeição. (Hatoum, 1989, p. 46).

Há muito a ser dito sobre esta citação. Primeiramente, é interessante notar o quão próximos da escravidão estavam os parentes de Anastácia Socorro, por trabalharem muito (quando estavam ali presentes) e não poderem sequer comer o que era servido na mesa da casa-grande, tendo que se recolher à insignificância de dividir o aposento onde se alimentavam com os galináceos que certamente fugiam do poleiro.

Em segundo lugar, destaca-se o fato de esconderem as crianças no galinheiro. Este fato revela que elas não eram bem-vindas à mesa da casa principal, nem mesmo na ausência de visitas, e demonstra a profunda malquerença com que Emilie tratava a parentela da empregada, comparando-as aos animais que costumavam ser servidos na panela. Eram claramente força de trabalho potencial, lúmpens à disposição do futuro interesse por mão de obra barata.

O terceiro ponto a ser abordado refere-se ao uso do adjetivo *fâmulos* para caracterizar os parentes de Anastácia Socorro. Esta denominação suscita algumas análises bastante evidentes. A primeira delas supõe o emprego da privação de comida (ou o uso de alimentos de péssima qualidade) a estas crianças como forma de castigo por alguma desobediência ou por um trabalho malfeito. Tal situação mantinha as crianças permanentemente com fome, o que sugere que o roubo de frutas e doces era uma forma de saciar o organismo, que se encontrava debilitado devido ao longo tempo sem alimentos.

Destaque-se, em quarto lugar, que o narrador fala de dor na consciência. Este sentimento parece fazer sentido quando o

indivíduo, que poderia agir para mudar um panorama estabelecido, nada se faz. O que se pode inferir da fala do narrador é que ele, enquanto personagem, poderia, de alguma forma, confrontar Emilie para evitar tratar as crianças de modo tão desigual, mas nem isso foi feito.

As ações de controle dessa prole marginal, engendradas por Emilie (separação por idade, preparação de cardápio inferior para as crianças, colocá-las para trabalhar), mostram que ela se comprazia em tratar pessoas que ela considerava inferiores de forma semelhante à dispensada aos escravizados na época do Brasil Colônia, com o atenuante de não aplicar nelas os castigos físicos costumeiramente trabalhados nos séculos anteriores.

Isto também demonstra a existência de uma distinção cultural proeminente nas ações da protagonista, que considerava os Outros (travestidos aqui na figura das crianças que acompanhavam Anastácia Socorro) como indignos de sentar à mesa, sendo (na ótica da patroa) inferiores socialmente, justificando assim a utilização das práticas empregadas para fazê-los aprender a trabalhar desde cedo.

Algo semelhante acontece na obra *Cinzas do Norte*, na qual as filhas da indígena Ozélia eram vistas como bárbaras, seres sem cultura, que precisavam mesmo aprender coisas básicas, como, por exemplo, se portar à mesa. O exemplo abaixo ilustra esta afirmação:

A professora também ensinava as duas irmãs a comer com talher: punha pratos de lata na mesa, pegava na mão de uma menina e fazia de conta que cortava alguma coisa com a faca, e com a outra mão o garfo subia até a boca, e ela mandava a menina mastigar devagar, sem fazer barulho, empinar o corpo, e assim elas cortavam, mastigavam e engoliam vento sem abrir a boca, como se fossem

bonecas vigiadas por um manequim com uma palmatória que pendia do pulso por um pedaço de barbante. (Hatoum, 2005, p. 68-69).

A visão da professora sobre o método de aprendizado utilizado com as filhas de Ozélia era muito clara: o uso de violência era necessário para punir quaisquer erros ou falhas, ainda que pequenas, que porventura viessem a ocorrer durante o aprendizado das lições. É interessante que, além da prática das *boas maneiras*, as meninas também recebiam lições escolares, com a palmatória aparecendo em destaque, como no trecho abaixo:

Lembro que na manhã de uma segunda-feira o homem voltou, e passou a visitá-las três vezes por semana. Trazia pacotes de macarrão, bolacha, café e açúcar, e vinha acompanhado por uma mulher bem-vestida, alinhada mesmo, as faces cintilando de tanto ruge, os lábios tão finos e vermelhos que pareciam uma fresta de sangue, o cabelo enrolado e preso num coque, onde duas mechas grisalhas brilhavam que nem zinco. Ela caminhava com passos de seriema na rua de terra, equilibrada em salto alto, os braços tesos mal se moviam, passava o dia dando aula para as duas meninas no pequeno pátio ao ar livre, entre a cerca e a porta da sala. O quadro-negro, um mapa do Brasil e uma palmatória ficavam pendurados no tabique ao lado da porta, e as meninas sentavam nos tamboretas e escreviam num caderno sobre uma tábua apoiada nas coxas. Durante as lições, um grupinho de homens subia num caixote para ver a professora falar e depois escrever números e letras com um pedaço de giz no quadro-negro e esperar as meninas responderem às perguntas. Quando elas se distraíam ou ficavam caladas por muito tempo, a professora pegava a palmatória e rondava a mesa, dando umas batidinhas nas próprias coxas ou na

bunda. Meu cunhado contou como a menina mais velha tremia de medo e chorava antes até de sentir a primeira pancada, e gritava e se contorcia depois do estalo, e a mulher abria e segurava com força a mão da menina até o fim do castigo. Depois fazia a mesma coisa na outra mão. Uma poça de urina crescia no chão de terra, e a professora interrompia a aula e mandava a menina ir trocar de roupa e limpar o tamborete. A outra, a mais nova, não chorava nem gritava, o corpo estremecia e dava um solavanco, o olhar fixo na palmatória que caía na mão aberta. (Hatoum, 2005, p. 68).

Ao verificar esta passagem, algumas informações ficam muito claras ao leitor atento. A primeira delas - e talvez a que mais salte aos olhos - é o prazer da professora em castigar duas crianças⁵¹, apenas pelo fato de não dominarem a lição. Tal comportamento pressupõe um preconceito por parte da professora, ao considerá-las como sem inteligência e inaptas para o aprendizado, havendo como única forma de correção o castigo físico.

O segundo ponto é a reação das crianças à tratativa da professora. A mais velha sentia tanto medo da professora que chegava mesmo a se urinar quando era por ela castigada. O medo sentido pela mais nova foi potencializado por tremores involuntários à simples visão dos instrumentos de correção.

Os exemplos aqui apresentados evidenciam que a comunidade indígena de relações privadas - para utilizar, aqui, a denominação do professor Júlio Rocha - trabalhada na obra de Milton Hatoum sofria consideravelmente com maus-tratos

⁵¹ “Ainda eram duas meninas - a mais velha tinha onze anos, a outra oito - quando vieram morar numa casa de madeira caiada, coberta de telhas, bem mais ajeitada e segura que as taperas com teto de palha, erguidas por nordestinos fugidos dos seringais.” (Hatoum, 2005, p. 68).

de toda ordem, orquestrados por pessoas que se prontificavam a “ensiná-los” ou a “conduzi-los ao conhecimento”. O uso de castigos físicos (como no caso das filhas de Ozélia) e o tratamento diferenciado oferecido aos parentes de Anastácia Socorro (com o uso, inclusive, de utensílios de cozinha diferenciados para alimentação) denotam, no discurso de Hatoum, a presença de cenas de inferiorização indígena, como espelho de uma sociedade que ainda hoje, passados quinhentos anos da “colonização” brasileira, que resultou num sistemático extermínio indígena, conta com representantes de um pensamento segundo o qual os filhos de Tupã sequer são considerados como seres humanos.

AS DIFERENTES RELAÇÕES DE TRABALHO

Com os dados coletados após a leitura das obras, podemos afirmar que existem diversas relações trabalhistas no projeto literário de Milton Hatoum. Falemos um pouco sobre cada uma delas.

A situação de Domingas, em *Dois Irmãos*, e Anastácia Socorro, em *Relato de um Certo Oriente*, pode ser classificada como *trabalho em tempo integral*, como podemos verificar na citação abaixo, referente à situação de Domingas:

Um pequeno milagre, desses que servem para a família e as gerações vindouras, pensei. Domingas serviu; e só não serviu mais porque a vi morrer, quase tão mirrada como no dia em que chegou à casa e, quem sabe, ao mundo. (Hatoum, 2000, p. 43).

Como já se sabe, Domingas chega ainda criança à casa dos patrões e permanece nela por quase toda a vida, sendo participante e testemunha ocular dos fatos ocorridos com Zana

e sua família. Algo semelhante ocorre com Anastácia Socorro, que ingressou ainda jovem na casa de Emilie, pelas mãos de seu tio Lobato, como se pode ver abaixo:

Lobato aconselhara a sobrinha a procurar um emprego no sobrado, por alguma razão ele sabia que Emilie precisava de uma lavadeira e que iria com a cara de Anastácia. Os dois só conversavam com o olhar, e imaginávamos que o interesse de ambos por plantas medicinais fosse apenas uma coincidência banal. (Hatoum, 1989, p. 51).

E Lobato estava certo. Mesmo com todas as adversidades nas relações com a família do Sobrado, mesmo tendo sofrido inúmeras agressões ao longo de sua história, Anastácia permaneceu por um tempo considerável na casa dos patrões, chegando a adquirir uma importância significativa no enredo de *Relato de um Certo Oriente*.

A situação de trabalho integral está definida pelo artigo 58 da Consolidação das Leis do Trabalho como aquela em que o trabalhador exerce suas atividades laborais por período superior a trinta horas semanais, em clara contraposição ao trabalho em regime de tempo parcial, adotado, por exemplo, em repartições públicas cujo funcionamento ocorre em regime de horário corrido (das oito às quatorze horas).

Existe uma clara distinção entre as situações vividas por Anastácia Socorro e Domingas. A primeira tinha um dia de folga por semana, enquanto o relato feito sobre a segunda menciona uma única saída com o filho Nael, para visitar o local onde sua parentela se concentrava.

Esta contraposição leva à conclusão de que, do ponto de vista do trabalho, Domingas poderia ser considerada até

mesmo mais indispensável ao trabalho do que Anastácia Socorro, devido à maior quantidade de empregados na casa de Emilie (que pressupunha uma rotatividade significativa entre os serviçais), onde a empregada de *Relato de um Certo Oriente* desenvolvia suas atividades laborais.

Lavo, personagem de *Cinzas do Norte*, pode ser visto como um *profissional liberal*, posto que se tornou advogado e prestava consultoria para empresas estrangeiras⁵², mantendo laços estreitos com burocratas, o que lhe colocava, por exemplo, numa posição superior a Mundo Mattoso (se focarmos apenas na questão da sociedade da época), que insistia em se manter como artista, mesmo sem o aval do pai.

Os *professores* também estão representados nas obras do projeto literário de Milton Hatoum. Em *Dois Irmãos*, temos Bolislau, o docente de Matemática, cujo papel na formação profissional de Yaqub deve ser reconhecido, pois o pupilo decidiu seguir os passos do mentor. Além disso, Bolislau aconselha Yaqub a, após receber uma bolsa de estudos, deixar Manaus, para não ser derrotado pelo irmão.

Já Arminto Cordovil, personagem da obra *Órfãos do Eldorado*, importante empresário do setor de transportes e proprietário de um cargueiro cujo nome está presente no título da obra, pode ser considerado um membro do *empresariado*,

⁵² “Virei o corpo para a ilha: Arana continuava na beira do rio, olhando para a canoa, como se adivinhasse minha reação. Talvez quisesse pagar a passagem de Mundo para Manaus, ou pagar dívidas que eu desconhecia. O fedor da água e das latrinas dos casebres era insuportável, e aquela quantia, uma aberração na paisagem devastada. O que Mundo ia pensar? O órfão se tornara advogado de empresas estrangeiras que mantêm laços estreitos com burocratas do governo. Mais que um julgamento moral do meu amigo, eu temia um golpe insidioso de Arana.” (Hatoum, 2005, p. 102).

por ser o detentor dos recursos que pagam, por exemplo, os proventos dos trabalhadores da borracha.

Outra categoria que se faz presente nos escritos de Hatoum é a dos *militares*, destacando-se Aquiles Zanda, de *Cinzas do Norte*. A exemplo do cenário nacional, quando, em 31 de março de 1964, teve início uma ditadura militar (que, para uma parcela da sociedade, se configurou como intervenção), no cenário onde se ambienta esta obra de Hatoum, o militar acima citado tornou-se prefeito, participando ativamente, inclusive, na defesa da criação do Colégio Militar do Amazonas.

É interessante verificar que os discursos daqueles que afirmam que houve golpe ou ditadura militar estão atravessados por outros discursos, igualmente teorizados de acordo com seu propósito. Sobre isto, Lampoglia *et al.* afirmam:

A AD não se propõe a investigar o “indivíduo”, noção da qual se distancia; ou seja, o sujeito não é quantificável, categorizante ou mensurável como é o indivíduo. O indivíduo não se apropria da linguagem; uma vez que ela é social, sua apropriação também o é. É a questão do assujeitamento, conforme palavras do próprio Pêcheux (2011), em que o sujeito deixa de ser visto como o “eu-consciência”, mestre dos sentidos e passa a ser encarado como assujeitado ao discurso. (Lampoglia *et al.*, 2016, p. 28-29).

Retornando à obra *Cinzas do Norte*, é possível verificar que Jano Mattoso desejava que seu filho Mundo estudasse no Colégio Militar. O discurso sobre a obrigatoriedade de o filho dos Mattoso ingressar nesse ambiente escolar desencadeou

dois efeitos de sentido diametralmente opostos. Para Jano, fazer Mundo estudar num local com disciplina e rigidez o afastaria das “más companhias”, quais sejam: os artistas que cruzavam Manaus mostrando o que sabiam fazer. E, como consequência desse distanciamento, tornou-se bem-sucedido.

Em contrapartida, Mundo não via necessidade nesta empreitada, pois acreditava que tudo o que podia aprender viria da convivência com os artistas e das leituras dos livros. Por conta desse desentendimento, Jano chega a agredir o filho, pois as posições exacerbadas de ambos não permitiam um diálogo respeitoso.

FUNCIONAMENTO TRABALHISTA NAS OBRAS DE HATOUM

Alguns vieses (pelo menos dois) podem ser verificados nas obras de Milton Hatoum. De um lado, temos os patrões, que podem ser simbolizados por Emilie e sua família (personagens de *Relato de um Certo Oriente*), Zana e Halim (representantes de *Dois Irmãos*), Trajano Mattoso (que simboliza a obra *Cinzas do Norte*) e Arminto Cordovil (inserido em *Órfãos do Eldorado*).

Em comum, esses personagens possuem o poder econômico em suas mãos, pois pertencem a famílias que, em algum momento das narrativas, detinham o controle da produção de recursos, representando a riqueza que, em diferentes épocas, contribuiu para o desenvolvimento da Amazônia. Por conta disso, também contavam com trabalhadores *subservientes*, que pertenciam a uma classe vista como *inferior*.

Esta classe subserviente contava com profissionais que, evidentemente, reagiam de formas diferentes às situações que

lhes eram impostas. De um lado, contamos com Domingas, que tencionava lutar por sua liberdade (embora não tivesse para onde ir após, teoricamente, sair da casa da patroa), mas que, em alguns momentos, ansiava pela liberdade, como podemos ver abaixo:

Domingas, a cunhantã mirrada, meio escrava, meio ama, “louca para ser livre”, como ela me disse certa vez, cansada, derrotada, entregue ao feitiço da família, não muito diferente das outras empregadas da vizinhança, alfabetizadas, educadas pelas religiosas das missões, mas todas vivendo nos fundos da casa, muito perto da cerca ou do muro, onde dormiam com seus sonhos de liberdade. (Hatoum, 2000, p. 43).

Essa vontade de fugir não era exclusiva de Domingas, como o próprio excerto deixa muito claro. Outras empregadas de famílias influentes que moravam nos arredores da residência de Zana e Halim compartilhavam o mesmo desejo, pois percebiam que, se permanecessem exatamente onde estavam, nada de novo aconteceria em suas vidas.

Dias se sucederiam, e o trabalho dessas mulheres permaneceria rigorosamente o mesmo: lavar, passar, engomar, cozinhar e outras tantas atividades aprendidas em orfanatos e institutos para meninas, atividades essas que não as engrandeceriam em nada; ao contrário, mostrariam sua condição inferior em relação aos seus patrões – sem qualquer perspectiva de mudança.

De outro lado, temos Anastácia Socorro (que parecia ter-se conformado à mera situação de *escrava moderna*, aquela que, embora vivesse na casa da patroa, sofrendo agressões verbais por parte da família a que servia, não encontrava forças

para abandonar essa condição, permanecendo ali apenas por moradia e alimento), ainda que percebesse que outras serviçais, mais jovens e certamente mais bonitas, duravam pouquíssimo tempo na casa dos patrões. As agressões seguiam um roteiro preestabelecido, como podemos ver abaixo:

A única que durou foi Anastácia Socorro, porque suportava tudo e fisicamente era pouco atraente. Quantas vezes ela ouvia, resignada, as agressões de uns e de outros, só pelo fato de reclamar, entre murmúrios, que não tinha paciência para preparar o café da manhã cada vez que alguém acordava, já no meio do dia. Vozes ríspidas, injúrias e bofetadas também participavam deste teatro cruel no interior do sobrado. (Hatoum, 1989, p. 46).

Esse excerto deixa claro que o desrespeito à pessoa de Anastácia Socorro não se limitava às ameaças verbais, às quais, por vezes, se seguia um ato físico. O narrador menciona, inclusive, o emprego de bofetadas para fazer com que Anastácia silenciasse e não fizesse qualquer espécie de denúncia às autoridades competentes.

É importante também focar na passagem “e fisicamente era pouco atraente”. Este discurso, no qual é empregado um eufemismo – definido por Cipro Neto & Infante (1998, p. 533) como um “atenuamento intencional de uma expressão utilizada em certas situações” – deixa muito claro que, além dos castigos físicos e psicológicos aplicados às empregadas da casa de Emilie, ainda havia abusos sexuais cometidos contra as serviçais, e que Anastácia “escapava” de ser violentada justamente por ser considerada “feia”.

Ademais, que efeitos poderia gerar a denúncia de uma simples empregada contra os membros de uma família

influyente como a de Emilie? Certamente, nada seria levado a efeito, e a serviçal sofreria ainda mais represálias, podendo até mesmo perder o adjutório para os cuidados de sua família. Por conta disso, torna-se compreensível o mutismo de Anastácia em relação às situações acima narradas.

Como se sabe, a literatura espelha a sociedade em que o autor de determinada obra vive, conforme podemos depreender da lição de Antonio Candido (2006, p. 21) em *Literatura e Sociedade*, segundo a qual: “A literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se construir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais.” Dentre esses fatores sociais, podem ser verificadas e analisadas (como ocorre nesta obra) as relações de trabalho dentro de determinada obra ou conjunto de obras, considerando-as ou com o período cronológico em estudo, ou mesmo com o período atual, como se verá a seguir.

Ainda nos tempos atuais, podem ser encontradas, nos registros policiais brasileiros, referências a casos de violações dos direitos de crianças e adolescentes, prevenindo-nos de um possível anacronismo entre os dados das obras em análise - pertencentes a um período cronológico anterior ao atual -, pela promessa de trabalharmos a categoria trabalho, objeto deste estudo.

O exemplo a ser citado neste momento trata da prisão da (à época) empresária Sílvia Calabresi Lima⁵³, então com 46 anos, radicada no Estado de Goiás, condenada, em 2008, a 12 anos e 11 meses de prisão pelos maus-tratos cometidos à

⁵³ Este caso foi amplamente divulgado à época, mas não foi o único envolvendo a empresária Sílvia Calabresi. Na mesma época, surgiram outros cinco casos, num intervalo de seis anos de ocorrência (2002 a 2008), sempre com a mesma temática.

menor⁵⁴ L.R.S., então com doze anos de idade. Eis o relato de Lílian Bento de Souza sobre a diligência realizada pela Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente de Goiânia na residência dos patrões:

Movidos por uma denúncia, até então anônima, policiais da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), de Goiânia, acompanhados da delegada titular, Adriana Sauthier Accorsi, foram até o apartamento da empresária Sílvia Calabresi Lima, de 42 anos. A denúncia, recebida às 9h40 do dia 17 de março de 2008, dava conta de que uma criança estava sendo mantida em cárcere privado e estava acorrentada. De acordo com o inquérito policial número 075/08, arquivado na DPCA, em que o caso é relatado, por volta das 10h30, a equipe chegou ao local do fato, o apartamento da mulher apontada como autora da agressão.

Ao chegarem ao edifício da empresária, os policiais foram conduzidos por dois moradores do prédio e pelo porteiro até o apartamento 401, onde ocorria a sessão de tortura. Ali encontraram a criança acorrentada pelas mãos e pendurada, sem apoio para os pés, com a boca amordaçada. (Souza, 2009, p. 18).

Fica muito claro, após a atenta análise do excerto, que as mesmas situações de agressões físicas ocorridas em *Relato de um Certo Oriente* estão presentes na convivência da infante L. com a patroa (guardadas as devidas proporções). É inconcebível aceitar que uma criança tenha de passar por tantos maus-tratos, principalmente considerando os elementos utilizados para intimidar a menor (correntes e mordaca), que indicam a impossibilidade de L. buscar socorro.

⁵⁴ Embora o caso tenha alcançado projeção nacional, por ser menor de idade, optou-se por identificá-la apenas com as iniciais de seu nome.

Também se pode entender os anseios de fuga da menor L. como muito semelhantes aos que ocorriam com Domingas em *Dois Irmãos*. Ambas estavam insatisfeitas com suas reais situações, embora por motivos diferentes. Enquanto L. sofria com as agressões físicas da patroa Sílvia Calabresi, a situação de Domingas apresentava sua complexidade, entre outros aspectos, na quantidade de trabalho a ela imposta, além de um estupro cometido por Omar. Entretanto, apenas uma das duas consegue ser libertada: L., mediante ação policial, que ocasionou a prisão de sua patroa.

DESCRIÇÕES LITERÁRIAS E NORMAS VIGENTES

Embora se possa, num primeiro momento, falar em anacronismo, haja vista analisarmos uma obra ambientada em um tempo antigo à luz de uma legislação atual, ao avançar na análise dos dados, logo percebemos que essa abordagem é perfeitamente viável e nos ajuda a entender como Milton Hatoum conseguiu criar personagens atemporais, uma vez que as ações evidenciadas no período retratado no romance ainda ocorrem nos dias atuais.

Pode-se citar, por exemplo, a convenção nº 138, da Organização Internacional do Trabalho, que foi aprovada na 58ª reunião da Conferência Internacional do Trabalho, ocorrida em Genebra, na Suíça, em 1973. Esta convenção, em seu artigo primeiro, estabelece que todo país-membro deve adotar uma política nacional que vise à abolição efetiva do trabalho infantil. Este mesmo artigo sugere a elevação progressiva da idade mínima de admissão ao emprego ou a redução a um nível que torne possível a eles o desenvolvimento físico e mental completo.

Com a Constituição Federal de 1988, o Brasil estabeleceu como idade mínima para acesso ao trabalho os dezesseis anos. Entretanto, a mesma lei afirma que adolescentes com idade mínima de catorze anos podem iniciar o trabalho, desde que na condição de aprendizes. Há um discurso perceptível ao conjugar tais informações: é interessante que, para um bom aproveitamento de ambas as atividades, o trabalho não inviabilize a participação nas aulas, nem a resolução das atividades aplicadas no contexto escolar.

O próprio autor desta obra ingressou no mercado de trabalho aos quinze anos de idade, após ser selecionado mediante avaliação escolar, com outras três jovens de igual idade, para atuar como estagiário no Banco da Amazônia, na cidade de Guajará-Mirim, onde permaneceu pelo tempo mínimo de atuação. Quatro anos depois, já cursando Letras no *campus* da Universidade Federal de Rondônia em Guajará-Mirim, foi aprovado em concurso público para exercer a função de agente administrativo na Secretaria Municipal de Educação da referida cidade.

Conforme já mencionado anteriormente, as obras de Hatoum nos mostram casos em que crianças que acabaram de sair da primeira infância eram obrigadas a trabalhar. Os exemplos mais evidentes dentro do projeto literário em estudo são os parentes de Anastácia Socorro, em *Relato de um Certo Oriente* (1989), e Domingas e Nael, em *Dois Irmãos* (2000). Para esses personagens, não houve qualquer respaldo legal que os impedisse de desempenhar suas funções laborais.

Além de Anastácia Socorro, a obra *Relato de um Certo Oriente* também apresenta um personagem anônimo, que desempenha uma função ainda hoje muito comum nas cidades

brasileiras, principalmente nos dias de calor intenso, como ocorre costumeiramente na região amazônica:

Estás vendo aquele menino pedalando um triciclo? Um picolezeiro. Assobiando, o sonso. Vai se aproximar de mansinho da sombra do jatobá. Antes, eu podia comprar a caixa de picolés e até o triciclo. Agora ele sabe que eu não posso comprar nada. Aí, só de pirraça, vai me encarar com olhos de coruja. Depois dá uns risinhos, sai pedalando, e lá perto da igreja do Carmo ele grita: Arminto Cordovil é doido. Só porque passo a tarde de frente para o rio. (Hatoum, 1989, p. 8).

Nesta cena, o discurso empregado por Hatoum nos ajuda a perceber o quanto a derrocada da família Cordovil impactou as relações de Arminto com as pessoas ao seu redor. Como narrador, Arminto permite que o leitor vislumbre dois momentos de convivência com o menino que vendia picolé. No primeiro, Arminto relata que “podia comprar a caixa de picolés e até o triciclo”, o que demonstrava, num cenário hipotético, uma situação vantajosa para ambos e a tácita aceitação do vendedor, que ganharia uma soma considerável pelos seus produtos e seu meio de transporte (com a possibilidade de comprar uma bicicleta, se assim o desejasse).

O segundo momento ocorre quando Arminto não pode comprar mais nada, e então o pequeno vendedor dirige-se até ele, com olhos graúdos. O narrador até mesmo utiliza a expressão metafórica “olhos de coruja” para reforçar sua ideia. O rapazinho, então, de forma triunfante, sai gritando que o filho de Amando Cordovil perdeu a razão, apenas por estar observando o rio em vez de fazer outras coisas. Este triunfo se dá, na ótica do adversário de Arminto, na ideia de que ficar

parado detidamente observando uma paisagem é um “indicativo” de perda da razão.

Infelizmente, essa não é uma situação exclusiva das obras literárias, embora seja bastante explorada nesse campo, funcionando como espelho da sociedade em que o autor está inserido, conforme podemos verificar nos escritos de Júlio Rocha *et al.* (2020):

O fenômeno da exploração do trabalho infanto-juvenil possui denúncia ficcional clássica, tal como prolatada em escritos famosos e formosos de Charles Dickens, ou se quisermos citar literatura nacional amplamente reconhecida no exterior, podemos encontrar exemplo na obra de Jorge Amado. (Rocha *et al.*, 2020, p. 165).

Se observarmos apenas a obra do escritor itabunense de nascimento e soteropolitano de vivência, perceberemos inúmeros exemplos de personagens cujo protagonismo se dá na infância, muito em função de suas atividades laborais, como representado na obra *Jubiabá*:

Muitos dos garotos trabalhavam também. Eram engraxates, levavam recados, vendiam jornais. Alguns iam para casas bonitas e eram crias de famílias de dinheiro. Os mais se estendiam pelas ladeiras do morro em brigas, correrias, brincadeiras. Esses eram os mais novinhos. (Amado, 1995, p. 26).

Jorge Amado deixa claro que, desde cedo, as crianças do morro onde se passa a história desenvolviam atividades laborais, havendo as que recebiam um ordenado (ainda que mirrado) e aquelas a quem até esse pouco de dinheiro era

negado, atuando apenas como subservientes de quem lhes explorava:

Já sabiam do seu destino desde cedo: cresceriam e iriam para o cais onde ficavam curvos sob o peso dos sacos cheios de cacau, ou ganhariam a vida nas fábricas enormes. E não se revoltavam porque desde há muitos anos vinha sendo assim: os meninos das ruas bonitas e arborizadas iam ser médicos, advogados, engenheiros, comerciantes, homens ricos. E eles iam ser criados destes homens. Para isto é que existia o morro e os moradores do morro. (Amado, 1995, p. 26).

Esta característica assemelha-se bastante ao que encontramos nos escritos de Milton Hatoum, especialmente nas vivências de Domingas e Nael (*Dois Irmãos*) e dos afilhados e sobrinhos de Anastácia Socorro (*Relato de um Certo Oriente*).

Ainda hoje, nestes tempos de pandemia, podem ser encontradas crianças trabalhando nos semáforos das capitais ou mesmo em casas de famílias, seja em regime de *apadrinhamento* ou de *subemprego*, recebendo um valor muito abaixo do salário mínimo vigente (e tudo isso para ajudar na renda da família). Voltemo-nos aos escritos de Júlio Rocha *et al.*, que citam um exemplo claro de subemprego infantojuvenil na Manaus contemporânea:

Na leitura de jornais da cidade de Manaus, obtidos na internet, verificamos que o menor “G.S.C., de 16 anos”, trabalhava nas ruas de Manaus (final de 2018) vendendo camarão em semáforos da Zona Leste para ajudar no sustento da família. (Rocha *et al.*, 2020, p. 177).

Abaixo, perceber-se-á que a jornada diária de G.S.C. em muito se assemelhava ao que ocorria no cotidiano de Nael, filho de Domingas, uma das protagonistas de *Dois Irmãos*:

Diariamente ele se levantava antes do sol nascer, iniciando uma rotina diária que comprometia seu rendimento escolar, já que ele só terminava a jornada de trabalho depois de vender todos os camarões, o que, dependendo do dia, avançava pelo período da tarde, forçando-o a perder aulas, conteúdos, provas, continuidade e relacionamento social profícuo. (Rocha *et al.*, 2020, p. 177).

Como podemos verificar na análise da obra, essas semelhanças levam em consideração o fato de ambos realizarem tarefas que consumiam boa parte de seus dias, o que, de certa maneira, inviabilizava sua participação nas atividades escolares. No caso de Nael, isso resultava em comentários jocosos por parte das professoras:

Eu atrasava as lições de casa, era repreendido pelas professoras, me chamavam de cabeça de pastel, relapso, o diabo a quatro. Fazia tudo às pressas, e até hoje me vejo correndo da manhã à noite, louco para descansar, sentar no meu quarto, longe das vozes, das ameaças, das ordens. (Rocha *et al.*, 2020, p. 177).

O discurso utilizado pelas professoras, ao invés de acolher o jovem trabalhador e estimulá-lo a continuar o seu aprendizado, o mantinha cada vez mais reprimido. Ao utilizar apodos como *cabeça de pastel*, *relapso* e tantos outros termos pejorativos, as docentes deixavam clara a relação de poder existente entre elas e o educando, minimizando os estímulos que Nael fazia para continuar frequentando as aulas. Esta situação poderia fazer com que o filho de Domingas

abandonasse a escola; entretanto, ele se mostrava indiferente às depreciações.

O discurso das professoras de Nael é um exemplo claro de que nada tem sido feito em relação à resolução de um dos maiores problemas do Brasil atual: a desigualdade entre os ricos e os pobres. Ainda hoje percebemos, e talvez de forma mais intensa, o abismo que os separa no cenário econômico e social brasileiro, causado pela desigualdade de renda. É esta diferenciação, que parece ter caído no gosto dos poderosos que dela se beneficiam, seja para se perpetuar no poder, seja para conseguir altos lucros por meio dela, a força motriz da manutenção do trabalho infantojuvenil em território brasileiro.

Welen Vasconcelos faz o seguinte comentário sobre a Declaração dos Direitos da Criança, efetivada em 20 de novembro de 1959 pela Assembleia Geral das Nações Unidas:

A declaração acima estabeleceu uma enumeração de direitos e liberdades essenciais para a proteção da criança, pois afirmou os seus direitos com proteção especial e que lhes sejam favoráveis oportunidades e facilidades para permitir o seu desenvolvimento de modo sadio e normal e em condições de liberdade e dignidade; direito à educação e os cuidados especiais exigidos por sua condição peculiar. (Vasconcelos, 2018, p. 69).

Entretanto, ainda hoje, podemos encontrar, nas ruas de cidades brasileiras, crianças cujos direitos não são respeitados em sua plenitude. A própria Welen Vasconcelos dá exemplos de como esse desrespeito acontece:

Muitas crianças e adolescentes ainda sofrem maus tratos e negligência, pois são abandonados nas ruas e acabam adentrando no trabalho infantil, e acarreta consequências, como o comprometimento físico,

psíquico e mental, deixam de lado um nível de vida apropriado a sua idade, caindo por terra garantias e proteções descritas na Convenção acima mencionada. (Vasconcelos, 2018, p. 75).

A falta de estímulo dentro do ambiente escolar, assim como ocorre com Nael em *Dois Irmãos*; o trabalho conjuminado a agressões físicas de toda espécie, como ocorreu com a jovem L.R.S.; a necessidade de levar o sustento para o lar, como ocorre com G.S.C.; todos são exemplos cabais de uma sociedade que muito precisa evoluir para oferecer a todos, sem distinção, condições dignas de subsistência, desde os primeiros anos de vida.

Ainda nos tempos atuais, é possível encontrar ocorrências de trabalho análogo à escravidão, assim como acontecia nas obras de Milton Hatoum. No começo do mês de agosto de 2021⁵⁵, três líderes religiosos ligados à Igreja das Nações da Poderosa Mão de Deus⁵⁶ foram indiciados por tráfico de pessoas com a finalidade de utilizá-las em trabalho análogo à escravidão. Os trabalhadores explorados tinham sua força de trabalho utilizada na produção de pizzas, que eram vendidas, supostamente, para ajudar pacientes em tratamento de câncer. Entretanto, o dinheiro ficava com os líderes da denominação religiosa.

Na quinta e última seção, busca-se mostrar como ocorre a divisão de classes entre os patrões e os empregados,

⁵⁵ Informação disponível em: <https://g1.globo.com/pr/norteenoroeste/noticia/2021/08/03/lideres-religiosos-alvos-de-operacao-em-maringa-sao-indiciados-por-trafico-de-pessoas-diz-policia.ghtml>. Acesso em: 3 ago. 2021.

⁵⁶ Esta denominação religiosa foi criada em janeiro de 2011, na cidade de Maringá.

primeiramente fazendo uma reminiscência histórica que evidencia o silenciamento de negros e indígenas no processo de evolução histórica brasileira e suas consequências nos tempos atuais (e como estas relações influenciam os acontecimentos narrados por Milton Hatoum). Também trabalha-se as relações entre os migrantes e os nativos, bem como os motivos que potencializam o processo migratório na região amazônica.

Outros pontos a serem abordados na parte final da obra tratam da presença de inconsistências envolvendo benfeitores e trabalhadores nas obras de Hatoum, além de possíveis contradições nas relações entre patrões e empregados, evidenciadas pelo autor. Também serão citados fatos que, nalguma medida, alteraram as relações de trabalho na Amazônia, respeitando o recorte histórico que contempla a década de 2010.

UMA SOCIEDADE DE CLASSES

Se foram necessários milhares de anos para que o homem aprendesse, em certo grau, a prever as remotas consequências naturais no sentido da produção, muito mais lhe custou aprender a calcular as remotas consequências sociais desses mesmos atos.

(Friedrich Engels)

É importante destacar a nuclearização, nesta obra, de uma tipologia que, ao efetuar-se, contempla tanto o trabalho infantil como o trabalho adulto – claro – além de dividir o trabalho indígena em relação ao trabalho do ribeirinho no seio da população colonizadora.

Trabalhos setoriais, rurais e urbanos também são bastante caracterizados pelo autor, com base na realidade efetivamente vivida. Percebe-se que a obra do autor amazonense é culturalmente relevante como *exemplarium* de fatores sociais amazônicos, por abordar diferentes relações de trabalho e inserir os grupos sociais existentes na região, além de caracterizar um possível conflito entre o conteúdo da obra e a legislação vigente, evidenciando as inconsistências legais de uma sociedade cujas falhas são destacadas a cada menção.

O COLONIZADOR E O COLONIZADO

A esfera literária possui uma forma bastante limitada nas descrições de fatos coincidentes com a realidade histórica e factual, sobre a qual cada autor se baseará para contar a sua história. Um contexto de análise que considere realidades não ficcionais que sejam semelhantes ao processo descritivo da narrativa utilizada, por exemplo, para se verificar a situação indígena brasileira em 1500, quando ocorreu o processo

exploratório do Brasil, não apresentaria distâncias em termos de direitos sociais relativos à longa duração do tempo.

Já naquela época, o indígena era visto como uma *folha em branco*, ou mesmo um *ser sem alma*, a quem deveriam inserir os valores cristãos, objetivando torná-los pessoas aptas a viver em sociedade. Isto pode ser percebido na carta do frei espanhol Bartolomé de las Casas⁵⁷ ao rei Carlos I, datada de 1548, de onde é retirado o seguinte trecho:

Nossa principal conclusão é provada principalmente pelo fato de que não compete à Igreja punir os adoradores de ídolos [os índios] por causa de sua idolatria sempre que não for de sua competência punir a descrença, porque a descrença dos judeus e dos sarracenos é muito mais grave e condenável do que a descrença dos idólatras [os índios]. No primeiro caso, a definição de descrença e a gravidade do pecado são realmente comprovadas, enquanto no último há o obstáculo da ignorância e da privação com referência a ouvir a palavra de Deus (como já explicamos).

Num primeiro momento, o discurso utilizado pelo frei não permite que os índios sofram uma primeira punição, pautando-se na premissa de considerar os primeiros habitantes do Brasil como ignorantes, reforçando a tese da falta de inteligência dos índios. Entretanto, caso houvesse resistência à doutrina cristã por parte dos filhos de Tupã, estes sofreriam reprimendas futuras de seus colonizadores.

Passados alguns séculos, com o objetivo de garantir que os primeiros habitantes do Brasil tivessem pleno conhecimento

⁵⁷ Conforme citado na obra **Direitos humanos**: uma antologia, de Micheline Ishay, publicada pela EDUSP em 2006.

da doutrina cristã e de seus benefícios⁵⁸, os portugueses passaram a defender a ideia do *apagamento* da história indígena, enquanto conjunto de povos ancestrais, como nos mostra Barbosa:

Com base nesse pensamento (centralização e unidade da monarquia brasileira) o Regente Pedro de Araújo Lima, em 1838, criou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) – que tinha por objetivo explicar a história do Brasil e suas origens, além de controlar a produção científica e a memória nacional – e o Arquivo Nacional, com a finalidade de guardar para o futuro documentos produzidos. (Barbosa, 2011, p. 70).

O discurso engendrado pela Coroa Portuguesa evidencia a exacerbação do nacionalismo lusitano em terras tupiniquins, especialmente ao considerarmos que a produção de itens literários e históricos para estudos da elite brasileira prioriza apenas a atuação do colonizador nas terras a oeste do Tratado de Tordesilhas⁵⁹, enaltecendo suas virtudes e considerando os colonizados (tanto indígenas quanto negros) seres inferiores.

Nessa linha de ação, Francisco Adolfo Varnhagen, membro fundador do IHGB, reuniu uma vasta documentação sobre a América portuguesa e escreveu a obra *História Geral do Brazil* (1854-1857), livro que tratava da história do país, do descobrimento à independência, cuja preocupação

⁵⁸ Nunca é demais lembrar que tais benefícios existiriam apenas para os portugueses. Para indígenas e africanos, restavam apenas os ônus do processo.

⁵⁹ Cintra (2012, p. 422) deixa claro que a principal finalidade do Tratado de Tordesilhas era a divisão das terras entre Portugal e Espanha, expoentes marítimos no século XX, período das Grandes Navegações.

principal foi mostrar as origens do Brasil. Nela o autor deixa claro que os índios *selvagens* não poderiam ser considerados raízes dignas de um país que pretendia ingressar no mundo civilizado, pois representavam o atraso e a barbárie, além de não terem o sentimento necessário de um verdadeiro nacional. Nela não se percebe a presença da escravidão africana. É como se o historiador quisesse apagar do nosso passado o que Rui Barbosa chamava de *mancha negra*. Na história escrita por Varnhagen, a base da nossa evolução foi o português: branco, europeu e cristão, que introduziu a superioridade e a civilidade sobre a barbárie. (Barbosa, 2011, p. 70-71).

A postura profundamente excludente de Varnhagen em relação aos indígenas e negros, mesmo após três séculos de dominação lusitana no Brasil, ainda se faz presente. Não raro se encontram discursos que defendam a escravidão (e, por conseguinte, todas as práticas abjetas na tratativa dos descendentes de povos d'África), como o episódio com o ex-presidente da Fundação Palmares⁶⁰ nos mostra; o referido utilizou suas redes sociais para afirmar que o processo escravagista foi benéfico para os descendentes de civilizações africanas.

Também merece destaque nesta análise o discurso destacado no texto de Andreson Barbosa. Ao rememorar a fala de Rui Barbosa que caracterizava como *mancha negra* o processo de escravização, torturas e mortes de membros de civilizações africanas no Brasil Colônia (e podemos trazer esse

⁶⁰ Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/presidente-da-fundacao-palmares-diz-que-escravidao-foi-benefica-27112019>. Acesso em 19.jun.2021.

mesmo termo para os tempos atuais, levando em consideração a expressiva quantidade de mortes de negros em território nacional, sob as mais diversas circunstâncias), ainda hoje há discursos que atribuem características negativas⁶¹ à condição do ser negro ou negra.

Pode-se perceber, na postura da freira que “resgatou” Domingas de seu povo, uma postura análoga à dos religiosos jesuítas que consideravam os primeiros indígenas (bem como os negros escravizados d’África) deviam ser catequizados. Esta freira também considerava que Domingas deveria receber conhecimentos ocidentais dos mais diversos, em detrimento do saber adquirido ancestralmente. Entre esses conhecimentos ditos *ocidentais*, estava a questão da imediata inserção dessa cunhantã, como representante de uma classe social considerada inferior, no trabalho doméstico, aplicada na obra *Dois Irmãos* como um pré-requisito para que a futura mãe de Nael fosse efetivamente inserida na sociedade, mesmo que essa inserção ocorresse no âmbito trabalhista, sem destaque noutros contextos.

Entretanto, se se observar o contexto social, a inserção no trabalho não coloca os indígenas e negros, tanto os retratados nas obras de Hatoum quanto os que (sobre)viveram no percurso histórico brasileiro, em condições de competir com o colonizador branco.

Se procedermos à análise de indicadores sociais sobre a inserção de indígenas e negros no Ensino Superior,

⁶¹ Isto fica evidente quando analisamos a frase “Célia é uma boa pessoa, apesar de ser negra”. A afirmativa mostra uma discrepância entre a cor da pele de Célia e suas virtudes morais. Tais qualidades não seriam condizentes com a cor da pele dela.

perceberemos uma evidente discrepância em relação aos declarados brancos, conforme dados da Síntese de Indicadores Sociais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁶² (IBGE), referente ao ano de 2018.

Este documento aponta que, no ano em que a pesquisa foi realizada, 25,2% dos jovens com idades entre 18 e 24 anos estavam cursando ou haviam concluído o Ensino Superior. Se considerarmos apenas a taxa de matrículas de jovens brancos, esse número sobe para 36,1%, enquanto o índice de jovens negros é pouco mais da metade: 18,3%.

Em relação ao ingresso de indígenas nas instituições de ensino superior, em 2017 eles eram apenas 56.700 universitários, conforme o Censo da Educação Superior realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), realizado em 2017. Este quantitativo representava apenas 0,68% dos alunos do Ensino Superior na época.

O artigo segundo da Convenção n. 107 da Organização Internacional do Trabalho, datado de 5 de junho de 1957, trata, na alínea a do parágrafo segundo, dos programas de proteção às populações interessadas, que devem permitir que seus membros tenham condições de igualdade para usufruir dos direitos e garantias que a legislação atual assegura aos demais povos. Os números apresentados anteriormente mostram que ainda há um longo caminho a percorrer, pois um número

⁶²Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/11/06/taxa-de-jovens-negros-no-ensino-superior-avanca-mas-ainda-e-metade-da-taxa-dos-brancos.ghtml>. Acesso em: 21 mar. 2021.

sobremaneira baixo de indígenas consegue, ainda nos dias atuais, acesso ao ensino de nível superior.

Sobre a temática da presença de jovens indígenas e negros no Ensino Superior, é relevante mencionar a fala de frei David Santos, fundador da ONG Educafro⁶³, para a reportagem do site *g1.globo.com*:

Para passar a cota para negros tivemos que aceitar a cota para a rede pública. E, no Brasil, quem termina prioritariamente o Ensino Médio são os brancos. Entre os pobres, quem termina prioritariamente o Ensino Médio são os brancos. (Santos *apud* Moreno, 2019, online).

A fala de David Santos mostra que, mesmo que indígenas, negros e brancos sejam colocados em condições de igualdade na rede pública, ainda assim os brancos se sobressaem no ingresso ao Ensino Superior, mesmo numa nação em que a maior parte da população se declara preta ou parda⁶⁴.

Embora tenha havido considerável avanço no número de indígenas, pretos e pardos que ingressam na universidade, esses grupos ainda não alcançaram o protagonismo necessário em diversas áreas do mercado de trabalho, pois continuam

⁶³ O objetivo geral da EDUCAFRO é reunir pessoas voluntárias, solidárias e beneficiárias desta causa, que lutam pela inclusão de negros, em especial, e pobres em geral, nas universidades públicas, prioritariamente, ou em universidade particular, com bolsa de estudo, com a finalidade de possibilitar empoderamento e mobilidade social para a população pobre e afro-brasileira.

⁶⁴ A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua do IBGE mostrou, em 2019, que 56,10% da população brasileira se declararam pretos ou pardos.

minoritários em posições de liderança. Também representam uma parte ínfima, se analisada a magistratura brasileira.

Esta questão do protagonismo preto e indígena, ainda incipiente, aparece como uma herança dos tempos coloniais, tendo correlação direta com as obras de Milton Hatoum, pois a estas raças era vedado qualquer questionamento ou tentativa de mudança do panorama então vigente (o fim do Quilombo dos Palmares mostra exatamente como os colonizadores agiam).

Tanto *Relato de um Certo Oriente* quanto *Dois Irmãos* apresentam personagens que representam negros e indígenas. Entretanto, apesar de desempenharem o papel de trabalhadoras, Anastácia Socorro e Domingas apresentam visões próprias e, conseqüentemente, comportamentos diferentes. Enquanto a segunda alimentava o desejo de fugir da casa de Zana e Halim, por não concordar com a posição de mera serviçal, a primeira parecia ter-se conformado com a situação.

Os padrões agiam de forma diferente no tratamento de ambas as personagens. Enquanto Zana, em alguns momentos da narrativa, demonstrava brandura para com a sua empregada indígena, chegando até mesmo a conversar com ela sobre suas inquietações de mãe e esposa⁶⁵, Emilie pode ser vista como o

⁶⁵ Um exemplo que pode ser citado vem da incompreensão de Zana sobre a relação entre Yaqub e Livia. O narrador deixa isto muito claro no trecho: “Zana atribuía a cicatriz no rosto de Yaqub ao demônio da sedução daquela menina a loirada. Mesmo quando o filho estava no Líbano, ela dizia a Domingas: ‘Não entendo como a tal grandalhona pôde enfeitiçar meu filho’. Às vezes refazia a frase e dizia: ‘Não entendo como o meu Yaqub se deixou enfeitiçar por aquela osga.’” (Hatoum, 2000, p. 29).

extremo oposto, pelo tratamento dispensado às empregadas. Inclusive, há um exemplo que ilustra bem essa situação.

Por pertencer a uma família efetivamente próspera no ramo do comércio (considerada rica para os padrões da época), é até compreensível que Emilie tivesse algumas excentricidades. Uma delas tinha relação com Laure, seu papagaio, que tinha forte sotaque do Midi⁶⁶ e falava frases esparsas em francês. Esta ave implicou com uma das empregadas da casa, como veremos abaixo:

Emilie sabia que Laure, ao emitir cânticos com vozes de brinquedo de dar corda, irritava o marido a ponto de mantê-lo sempre afastado do pátio. No entanto, ela só começou a desencantar-se com a ave quando esta embirrou com uma das empregadas que serviu à família, antes da chegada definitiva de Anastácia Socorro. Era uma negra órfã que Emilie escolhera entre a enxurrada de meninas abandonadas nas salas da Legião Brasileira de Assistência; estava tão faminta e triste que havia esquecido seu nome e sobrenome e só se comunicava através de gestos e suspiros. Laure, no primeiro contato com a novata, antipatizou com ela: recusava-se a bicar as bananas e os mamões, a ingerir a tapioca com leite servida pela doméstica e interrompia uma canção ou uma reza ao notar a presença da menina no pátio. Emilie tolerou essa birra por algum tempo, mas dispensou a empregada no dia em que Laure amanheceu com o bico coberto por uma pasta que era a mistura de uma baba gosmenta com sal. (Hatoum, 1989, p. 14-15).

⁶⁶ Midi é a designação genérica para o sul da França mediterrânea e atlântica, englobando as regiões da Aquitânia, Languedoc-Roussillon, Midi-Pirenéus, o sul do Poiteau-Charentes e do Rhône-Alpes, além da Provença-Alpes-Costa-Azul.

O texto faz um *flashback* ao momento anterior à contratação de Anastácia Socorro. Emilie havia escolhido uma órfã que estava, junto com muitas outras, numa sala da Legião Brasileira de Assistência, em Manaus. Para entendermos o contexto da participação da LBA na recolha de crianças abandonadas, é interessante resgatar o que diz:

A LBA surgiu em 28 de agosto de 1942 no contexto de recrutamento de homens para comporem a Força Expedicionária Brasileira (FEB) que lutaria na Europa, representando o Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial, e trazia como missão primaz, num primeiro momento, amparar as famílias dos soldados que estavam em combate na Europa. A instituição originou-se da ação da primeira-dama do país, Darcy Vargas, que trouxe para junto de si o círculo de mulheres influentes na sociedade carioca e brasileira, assim como conclamou a todas as primeiras-damas dos estados e territórios brasileiros a se envolverem na causa, como voluntárias. O fato é que a iniciativa vigorou frutífera, posto que a instituição atuou no país até 1º de janeiro de 1995, mesmo que entre transformações profundas em seu escopo e ameaças de extinção. (Silva, 2018, p. 15).

Ressaltando a importância da LBA em seu contexto de atuação na Segunda Guerra Mundial, Silva lembra que, assim como se deve resgatar a memória dos bravos guerreiros cujas vidas foram ceifadas neste conflito, convém rememorar as pessoas que, por meio de iniciativas filantrópicas, passaram a atender à população menos favorecida:

Grandes conflitos bélicos envolvem toda a população das nações beligerantes em disputa, tanto homens e mulheres, crianças e idosos; seja pela

participação belicosa ativa - em sua maioria reservada aos homens - ou pela atuação na retaguarda da guerra, isto é, junto à população nacional, muitas vezes no sentido de proteger o país e mitigar os danos e sofrimentos acarretados pela guerra. (Silva, 2018, p. 32-33).

Após seu surgimento, a partir de um fim específico (o atendimento às famílias dos pracinhas brasileiros), a LBA, num contexto geral, passou a atender, ao longo das décadas, pessoas oriundas de classes sociais menos favorecidas, como a órfã escolhida por Emilie para desenvolver atividades domésticas.

Ao ser inserida no contexto trabalhista desta família, a garota (cujo nome não é revelado, tendo apenas como descrição os adjetivos *negra* e *órfã*) tem por função alimentar o papagaio Laure, um animal cuja principal característica é reproduzir palavras aprendidas em francês.

Laure não comia a refeição oferecida pela criada. Isso causou em Emilie a sensação de que a menina era preguiçosa, incapaz de realizar o serviço e que, por isso, precisava ser demitida sem demora. O estopim foi o dia em que o pássaro apareceu com uma mistura de baba gosmenta e sal no bico. Ao ver essa situação, a dona da casa decide demitir a menina, sem ao menos querer saber o que aconteceu. Isso mostra que a decisão de Emilie já estava tomada e nada mudaria o destino final da empregada.

O MIGRANTE E OS NATIVOS

Para compreender efetivamente o tema da migração, é necessário consultar pesquisas que abordem essa temática. Durante o levantamento do *corpus*, acessamos o trabalho de

Gottardi, que apresenta da seguinte forma o significado de migração:

O termo “migração” caracteriza o movimento ou a realocação de pessoas de uma região para outra, ou seja, o deslocamento de indivíduos num determinado espaço geográfico e que pode ocorrer de forma permanente ou temporária. Porém, mais importante que compreender o conceito da migração, é entender o processo pelo qual ela se dá. (Gottardi, 2015, p. 15).

As obras de Hatoum apresentam a marcante presença de dois exemplos de fluxos migratórios distintos. Os imigrantes são aqueles estrangeiros que deixaram seus países de origem para residir no Brasil, enquanto os migrantes são brasileiros nascidos em outros estados da federação que se deslocaram para a nossa região amazônica. Conforme Gottardi deixa claro, é necessário evidenciar o contexto em que tal processo migratório pode ocorrer. As pesquisas apontam alguns fatores motivacionais, quais sejam:

Políticos

Neste grupo, enquadram-se as pessoas que são perseguidas por questionarem (ou se sentirem vítimas) os regimes de governo de suas nações de origem. Como exemplo, podemos citar os venezuelanos que fugiram para escapar do governo de Nicolás Maduro e suas consequências diretas. Nos dias atuais, é comum encontrar, nas cidades amazônicas, venezuelanos que buscam trabalhar; eles estendem faixas, escritas numa mistura de português com espanhol, nas quais oferecem seus serviços. Chico Max mostra um exemplo dessa situação:

Outro exemplo é Gregório, que mora na carcaça de um carro abandonado na periferia de Boa Vista.

Encontrei-o em um posto de combustível de beira de estrada, com uma enxada na mão, sob o sol do meio-dia, oferecendo mão-de-obra para qualquer tipo de serviço. Deixou mulher e filhos na Venezuela e tem a missão de conseguir e enviar recursos para sua família. Durante nossa conversa mostrou preocupação em mostrar que não é um mendigo e muito menos um bandido, uma vez que sente que é percebido assim pela população local. E mesmo desamparado e vulnerável, se mostra uma figura firme e convicta. (Max *apud* Baeninger & Silva, 2018, p. 14).

Chamam a atenção alguns pontos abordados na citação. O primeiro deles refere-se à moradia de Gregório. Diante do alto fluxo migratório de venezuelanos nos últimos anos, principalmente na região de Roraima (considerada a porta de entrada, uma vez que faz fronteira com a cidade venezuelana de Santa Elena de Uairén), muitos dos migrantes precisavam encontrar maneiras de garantir seu abrigo noturno. Quando os albergues destinados a essas populações ficaram sem condições de receber novos viandantes, há relatos (como este) de pessoas que recorreram a extremos.

O segundo ponto refere-se ao deslocamento isolado de muitos imigrantes, que optaram por deixar suas famílias no país natal. Com isso, o principal objetivo, após conseguir uma ocupação, passa a ser a redução substancial de gastos, na nova pátria, de modo que as famílias possam ser atendidas como prioridade.

O terceiro ponto diz respeito à impressão que Gregório procura transmitir aos transeuntes que o abordam diariamente. O relato deixa claro que a percepção dele, enquanto imigrante, é de que, normalmente, ele é visto como bandido ou esmoler,

quando, na verdade, tudo o que ele precisa é de uma oportunidade para buscar sustento para si e sua família.

Econômicos

Aqueles que migram para fugir da pobreza. Para exemplificar esta categoria, temos os imigrantes do início do século, que vieram à Amazônia. Graças a eles, por exemplo, a cidade de Guajará-Mirim, no Estado de Rondônia, conta com uma considerável colônia helênico-libanesa.

É interessante lembrar, entretanto, que a imigração grega em território amazônico teve início há pelo menos um século e meio, conforme nos mostra Saldanha, em sua obra *O Presente do Grego*:

Na Amazônia, a imigração tem passado vencedor. Principalmente no Amazonas e em Rondônia, desde épocas remotas, posto que nos trouxe verdadeiros pioneiros que adotaram esta hileia como sua segunda Pátria.

Até onde se tem notícia, a imigração grega para a Amazônia teria sido iniciada com a chegada do grego David Tadros, que, saindo de Atenas, passou por Damasco. Notícias colhidas dão conta de que, em 1870, esse visionário cidadão iniciou seus negócios em Manaus, objetivando a atividade gomífera, abarcando o comércio da borracha, navegação, importação e exportação, saindo-se vitorioso. (Saldanha, 2020, p. 20).

Ao perceber os lucros obtidos com a exploração da *hevea brasiliensis*, Tadros se destaca como um dos primeiros comerciantes gregos e árabes a incursionar na Amazônia no último quadrante do século XIX e XX, impulsionado pelo

desenvolvimento regional decorrente da borracha, cujo legado ainda permanece em alguns empreendimentos atuais.

Climáticos

Esta categoria compreende os migrantes que precisaram sair de seus países/estados devido a secas, enchentes, terremotos e outras catástrofes naturais. Os haitianos que empreenderam uma verdadeira diáspora após o sismo de 2010, que alcançou sete pontos na escala Richter e deixou 250 mil mortos e 1,2 milhão de desabrigados, são exemplos dessa categoria.

Entretanto, é um erro acreditar que o sismo ocorrido no Haiti seja a única causa do caos que ali se instalou. Situações anteriores potencializaram os graves problemas sociais vividos na nação de Toussaint Louverture, como podemos ver abaixo:

A crise generalizada instalada na república haitiana não está associada apenas à ocorrência do terremoto em 2010, mas, na verdade remonta, ao início da sua formação. A divisão social estabelecida durante o período colonial acabou nunca sendo modificada verdadeiramente. Os negros continuam sendo a maioria mais pobre da população, enquanto os mulatos substituíram os brancos como elite no poder. As diversas intervenções externas presentes desde o período pós-colonial até o presente desfavoreceram o estabelecimento de um governo bem estruturado e autossuficiente, de tal modo que a corrupção se tornou uma variável constante na política haitiana. (Pereira, 2019, p. 39).

Como se pode perceber, a situação haitiana apresenta uma elite altamente endinheirada (e que ficou muito mais rica

nos governos de Jean-Claude e François Duvalier) e, como contraponto, uma legião de miseráveis que precisam lutar de todas as formas para sobreviver.

No contexto amazônico, considerando os diferentes períodos históricos de escassez de precipitação pluviométrica no Nordeste brasileiro e o consequente êxodo em massa dos sertanejos para a Amazônia, podemos citar os Soldados da Borracha, assim definidos por Solimaria Lima:

A região amazônica da época era ocupada tanto pelos índios locais, como por seringueiros, chamados Soldados da Borracha, nordestinos que ocuparam a região e que eram oriundos do Nordeste, região marcadamente atingida pelas secas. (Lima, 2016, p. 57).

Os soldados da borracha são mencionados nas obras de Milton Hatoum. Em *Dois Irmãos*, o narrador Nael conta, de forma breve, como Halim ascende socialmente após a Segunda Guerra Mundial, principalmente considerando a clientela dos bairros mais populosos de Manaus:

Halim havia melhorado de vida nos anos do pós-guerra. Vendia de tudo um pouco aos moradores dos Educandos, um dos bairros mais populosos de Manaus, que crescera muito com a chegada dos soldados da borracha, vindos dos rios mais distantes da Amazônia. Com o fim da guerra, migraram para Manaus, onde ergueram palafitas à beira dos igarapés, nos barrancos e nos clarões da cidade. Manaus cresceu assim: no tumulto de quem chega primeiro. (Hatoum, 2000, p. 28).

Interessante verificar o contexto do bairro onde Halim está inserido. Para tanto, convém analisar o que Oliveira

(2010) afirma, ao fazer, em sua obra, um estudo sobre a percepção e a apropriação do espaço num pequeno assentamento construído na orla portuária deste bairro. Sobre o histórico de ocupação do bairro, assim diz a autora:

A história da consolidação de Educandos enquanto bairro foi visivelmente marcada por: uma fase inicial, em que se destaca a criação do Estabelecimento dos Educandos Artífices em 21 de agosto de 1856, fase que se caracterizou pela necessidade local de integração à cidade; e uma outra fase cuja característica principal foi a segregação imposta às localidades afastadas do centro da cidade de Manaus. Esta problemática espacialização que vinha se concretizou na cidade no início dos anos 20, contribuiu de forma substancial para acentuar os conflitos no espaço do bairro. (Oliveira, 2010, p. 20).

Conforme o discurso de Oliveira, percebe-se que, desde o início de sua formação como bairro de uma metrópole em ascensão, Educandos já estava destinado a abrigar manauaras das classes mais populares. Evidentemente, com o aumento da população, derivado dos nascimentos de filhos dos que ali já residiam aliado à vinda de moradores doutros pontos de Manaus e doutras cidades, a desigualdade social tornou-se evidente. É nesse contexto social que Halim começa a trabalhar e a obter seu lucro.

O pano de fundo para a citação desses trabalhadores em *Órfãos do Eldorado* é a necessidade que os Aliados tinham da borracha. Para isso, era necessário que muitos brasileiros se deslocassem à Amazônia para o cultivo de *hevea brasiliensis* e o beneficiamento gomífero:

O presidente Vargas disse que os Aliados precisavam do nosso látex, e que ele e todos os brasileiros fariam tudo para derrotar os países do Eixo. Então milhares de nordestinos foram trabalhar nos seringais. Soldados da borracha. Os cargueiros voltaram a navegar nos rios da Amazônia; transportavam borracha para Manaus e Belém, e depois os hidroaviões levavam a carga para os Estados Unidos. Os sonhos e as promessas também voltaram. (Hatoum, 2000, p. 28).

O discurso empregado por Vargas era de que os trabalhadores da seringa eram coparticipantes do conflito bélico que, naquele momento, se intensificava em esfera global. Nesta narrativa, era necessário valorizar o nacionalismo brasileiro, por meio de ações que auxiliassem os Aliados a derrotar os países do Eixo.

Por conta disso, era necessário que, numa mesma medida, a produção gomífera na Amazônia se mantivesse elevada, como contribuição do povo amazônico e brasileiro no intuito de derrotar italianos, germânicos e japoneses.

Trabalhistas

Aqui, estão relacionados os migrantes que mudam de domicílio para desenvolver suas atividades laborais. Como exemplo, podemos citar as pessoas que se deslocaram até as usinas de Jirau, Santo Antônio e Belo Monte, durante o *boom* da atividade de produção de energia elétrica na Amazônia, em meados da década de 2010.

É interessante ressaltar que, com a quantidade elevada de migrantes e imigrantes em território brasileiro, também aumentou o número de trabalhadores atuando na esfera

informal. Sobre o tema, é interessante considerar as análises da Organização Internacional do Trabalho (OIT) para a América Latina, com base na definição de trabalho informal, conforme os dados apresentados por Duailibe:

As análises da OIT para a América Latina partiam da concepção anterior e delimitavam o segmento informal como o agrupamento de atividades de baixa produtividade – sejam os pequenos estabelecimentos com empregados familiares ou não, sejam os trabalhadores por conta própria – excetuando-se os profissionais liberais. O contingente de trabalhadores ocupados nesse segmento constituiria a força de trabalho não absorvida pelo segmento formal da economia. (Duailibe, 2010, p. 72).

Ao analisar esse excerto, alguns pontos chamam a atenção. O primeiro deles diz respeito à baixa produtividade – o que leva a pensar num valor mínimo que o trabalhador precisa auferir durante um período específico – dia, semana ou mês – para quitar suas dívidas, seja com fornecedores ou despesas diárias

O segundo ponto a ser destacado refere-se aos trabalhadores autônomos, uma situação que se intensificou com a pandemia do novo coronavírus. Com o desemprego se tornando uma realidade cada vez mais presente, muitas pessoas precisaram buscar novas alternativas para sustentar suas famílias.

Se utilizarmos como exemplo apenas os dados referentes aos motoristas de aplicativos (conhecidos popularmente como Uber), perceberemos, conforme exposto no *site Extraclasse* e considerando os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que houve um aumento de 138% no número de motoristas de aplicativos no período entre 2010 e

2019, com cerca de 4 milhões de brasileiros exercendo essa atividade. Se considerarmos a população brasileira no ano de 2019, que era de aproximadamente 211 milhões de habitantes, temos em média um motorista de aplicativo para cada 52 brasileiros.

É interessante lembrar também que esse número é muito maior, se considerarmos, por exemplo, os restaurantes caseiros, vendedores de artigos porta-a-porta e de itens os mais diversos, nos sinais e ruas das cidades brasileiras, e outras ocupações que configuram o painel de informalidade na economia brasileira. Sobre os possíveis motivos que levam um trabalhador a aderir ao regime informal de trabalho, convém verificar o que diz Sanches:

A economia informal, para algumas pessoas, é uma alternativa ao trabalho sob hierarquia opressora, uma espécie de rota de fuga rumo a uma maior liberdade, e em alguns casos até mesmo uma maneira de auferir rendimentos melhores do que na economia formal, porém há situações em que a economia informal não é uma opção, e sim uma das únicas alternativas para a sobrevivência. (Sanches, 2009, p. 14).

O autor apresenta três categorias distintas de profissionais informais. A primeira delas é a dos trabalhadores que não estão satisfeitos com os trabalhos que desenvolvem habitualmente, e então decidem migrar para outras regiões, buscando melhoria de vida (e, conseqüentemente, maior satisfação profissional e pessoal).

O segundo grupo contempla os profissionais que já possuem um emprego, mas buscam aumentar seus proventos por meio de uma atividade complementar, cujo horário de atuação não coincida com as atividades laborais principais.

O último grupo absorve os trabalhadores que perderam seus postos de trabalho e precisam buscar novas alternativas para conseguir, ao menos, o mínimo necessário para sustentar suas famílias. Neste grupo de profissionais, é possível encontrar crianças e adolescentes que, assim como neste período pandêmico, auxiliam os pais ou responsáveis nas lides, seja de forma parcial ou integral.

Esses profissionais exemplificam claramente o conceito de precariado, conforme Guy Standing (2014, p. 15), que se refere a uma grande quantidade de trabalhadores ao redor do mundo sem estabilidade no emprego, cujas alternativas de trabalho variam conforme os acontecimentos globais, evidenciando a ausência de um vínculo empregatício.

Um exemplo bastante atual dessas modificações advém da pandemia do novo coronavírus, que desencadeou o surgimento de uma categoria que tem ganhado as ruas do Brasil: criadores e vendedores de máscaras, as quais podem inclusive ser estilizadas, conforme o gosto do freguês.

Em Porto Velho, é comum encontrarmos pessoas vendendo e comprando máscaras nos mais diversos pontos da cidade, principalmente desempregados, que buscam uma chance de renda, amparados na ausência de máscaras cirúrgicas para toda a população⁶⁷ em boa parte das cidades brasileiras, na permissão da Sociedade Brasileira de Infectologia⁶⁸ para o uso de máscaras de pano em ambientes

⁶⁷Disponível em: www.rondonia.ro.gov.br/artesanato-de-mascaras-caseiras-prospera-e-atende-porto-velho-durante-a-pandemia/. Acesso em: 31 jul. 2021.

⁶⁸ O CDC (*Centers for Disease Control and Prevention*) sugeriu o uso de duas máscaras ao mesmo tempo – uma cirúrgica por baixo e outra de pano por cima – para aumentar a proteção contra o Sars-CoV 2. De

em geral, no fato de as máscaras de pano serem mais baratas e de fácil acesso à população e na necessidade dos munícipes auxiliarem no combate ao novo coronavírus, atendendo ao disposto no Decreto Estadual número 24.919, de 5 de abril de 2020⁶⁹. Esse dispositivo legal dispõe sobre o Estado de Calamidade Pública no território do Estado de Rondônia, considerando o término do prazo de vigência estabelecido em legislações anteriores que trataram do tema.

Ao analisar a atuação dos motoristas de aplicativo como categoria profissional, percebe-se que os repetidos aumentos nos combustíveis, ocorridos na atual gestão federal, têm impacto significativo na manutenção do número desses trabalhadores. Segundo dados anunciados⁷⁰ por Eduardo Lima de Souza, presidente da Amasp (Associação dos Motoristas de Aplicativo de São Paulo), entidade que representa até 62 mil profissionais, houve uma redução de 25% na quantidade de trabalhadores⁷¹ que desempenham essa função desde o início de 2020. Segundo Lima de Souza, tal reajuste, vinculado à falta

acordo com um estudo apresentado na ocasião, o uso duplo faria a eficiência para barrar esse e outros vírus ficar em torno de uns 95%, ou seja, aproximar-se do uso de uma máscara N95, usada por profissionais de saúde na linha de frente. Disponível em: www.uol.com.br/vivabem/colunas/lucia-helena/2021/02/23/com-as-variantes-do-coronavirus-sera-que-e-para-sair-usando-duas-mascaras.htm. Acesso em 31 jul. 2021.

⁶⁹ Disponível em: www.rondonia.ro.gov.br/publicacao/decreto-n-24-919-de-5-de-abril-de-2020-estado-de-calamidade-publica/. Acesso em: 31 jul. 2021.

⁷⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/08/18/se-aumentar-mais-profissao-acaba-alta-dos-combustiveis-ja-levou-25-dos-motoristas-de-apps-a-desistir.ghtml>. Acesso em: 23 ago. 2021.

⁷¹ Vinculados a aplicativos como Uber, 99, dentre outros.

de aumento nas tarifas dos aplicativos (que não ocorre desde 2015), tem causado a saída de motoristas em quantidade acelerada.

Dentre os exemplos constantes do projeto literário de Milton Hatoum que podem ser trazidos à baila, lançaremos mão de um personagem presente em sua primeira obra. Gustav Dorner, fotógrafo alemão bastante conceituado na cidade, é um imigrante motivado por razões trabalhistas para atuar na Amazônia. Ele tinha um projeto em mente: tirar o máximo de fotos possível, como um projeto pessoal. Enquanto isso não acontecia, ele também atuava fazendo retratos das famílias da cidade.

Uma das reminiscências de Dorner está ligada ao dia da morte de Emir, o irmão de Emilie, que se suicidou afogado. Neste dia, o fotógrafo dirigia-se à casa de uma influente família da cidade, “uma dessas famílias que no início do século eram capazes de alterar o humor e o destino de quase toda a população urbana e interiorana, porque controlavam a navegação fluvial e o comércio de alimentos.” (Hatoum, 1989, p. 33). Dorner deveria, ainda naquela manhã, revelar o álbum de fotos desta família, além de ampliar fotos que ele mesmo havia tirado numa de suas inúmeras viagens às cachoeiras do rio Branco, onde coletou espécies de flores preciosas.

Sem adentrar na morte de Emir, analisando apenas a passagem que antecede o suicídio, podemos perceber que Dorner possuía uma relação estritamente profissional com seus clientes. A única exceção era, realmente, a família de Emilie, pois ele passou a se envolver com o que acontecia naquela casa. Esse envolvimento fez com que ele,

efetivamente, participasse do enredo, havendo inclusive um capítulo em que o próprio Dorner é o narrador.

INCONSISTÊNCIAS LEGAIS DO TRABALHO PRODUTIVO LITERÁRIO

Por apresentar um contexto ficcional (embora, muitas vezes, baseado num evento histórico, como as obras de Milton Hatoum o são), as obras literárias podem possuir inconsistências no ponto de vista da lei, como eventos ocorridos que poderiam ser julgados como passíveis de punição e que, dadas as circunstâncias da obra, são mantidos, como exemplificação ao leitor de fatos ocorridos na época em que a história se passa.

Voltemos à obra *Relato de um Certo Oriente* e ao espantoso caso dos parentes de Anastácia Socorro, postos para trabalhar desde muito pequenos. A primeira legislação a tratar do trabalho de crianças e adolescentes foi o Decreto n. 17.943, de 12 de outubro de 1927, que, em seu artigo 101, vedava, em todo o território nacional, a oferta de trabalho a menores de doze anos. Os artigos seguintes (103 e 104) vedavam a permanência de crianças e adolescentes:

não podem ser admitidos nas usinas, manufacturas, estaleiros, minas ou qualquer trabalho subterraneo, pedreiras, officinas e suas dependências, de qualquer natureza que sejam, publicas ou privadas, ainda quando esses estabelecimentos tenham character profissional ou de beneficencia, antes da idade de 11 annos. (Brasil, 1927).

Por conta dessa “brecha” na lei, que considerava infantes de onze anos aptos para trabalhos muitas vezes insalubres, nos

quais os trabalhadores corriam riscos, muitas crianças eram colocadas para trabalhar desde muito cedo, seja como forma de auxílio à família ou como *dívida de gratidão* à família que adotara a criança.

A inconsistência está no fato de muitas pessoas influentes, como Emilie, que se utilizavam do trabalho infantil, serem vistas como *benfeitoras*. Como alguém que separa as refeições dos patrões e empregados pode ser visto como alguém que faz o bem ao próximo? Esse fato também evidencia a dualidade de Emilie enquanto personagem. Para as pessoas de fora do seu círculo familiar, ela era vista como a respeitável proprietária d'*A Parisiense*. Assim que se voltava para dentro de casa, seu *modus operandi* era outro, principalmente no trato com seus serviços.

Outra inconsistência que surge após análise metódica vemo-la na obra *Dois Irmãos*, estando ligada ao tratamento que Halim dispensa a Nael. Ter um parente bastardo na família, na época em que o romance está ambientado, parece ser algo extremamente comum, se analisarmos as inúmeras relações extraconjugais dos senhores de engenho e fazendas com suas escravas.

Como já mencionado anteriormente, Domingas foi estuprada por um dos gêmeos; dessa relação indesejada surge Nael, que, na visão de Zana, era apenas mais um empregado cuja única função seria servir aos patrões. Halim tratava o garoto de forma diferente, chegando mesmo a lhe confidenciar fatos de sua história. O questionamento que surge é: por que Halim, embora fosse o chefe da família, não instava Zana a tratar Nael de forma mais cordata?

A resposta está na utilidade de Nael para a realização dos serviços domésticos, não só na residência de Zana e Halim, como também nas residências adjacentes, conforme vemos na citação abaixo:

Além disso, havia os vizinhos. Eram uns folgadoes, pediam a Zana que eu lhes fizesse um favorzinho, e lá ia eu comprar flores numa chácara da Vila Municipal, uma peça de organza na Casa Colombo, ou entregar um bilhete do outro lado da cidade. Nunca davam dinheiro para o transporte, às vezes nem agradeciam. Estelita Reinoso, a única realmente rica, era a mais pão-dura. Seu casarão era um luxo, as salas cheias de tapetes persas, cadeiras e espelhos franceses; os copos e taças cintilavam na cristaleira, tudo devia ser limpo cem vezes ao dia. (Hatoum, 2000, p. 53).

Esse excerto apresenta as diferentes tarefas domésticas desempenhadas por Nael, que poderiam ser realizadas tanto dentro quanto fora de casa. E os vizinhos de Zana e Halim, ao perceberem que o então infante poderia realizá-los, não se furtavam a solicitar a Zana que enviasse o seu *menino* para atividades que, embora necessitassem de recursos, sequer eram remuneradas.

É interessante ressaltar que Nael dá ênfase à figura de Estelita Reinoso, como sendo aquela que, embora tivesse melhores condições financeiras, menos dinheiro lhe dava (daí o emprego do adjetivo *pão-dura*). Percebe-se no discurso de Nael a revolta do subalterno frente à postura empregada pelos patrões, revolta que se vai avolumando e atinge seu ápice quando o narrador se recusa, num dia específico, a ser mensageiro dos Reinoso.

Um dia encasquei: me recusei a ser mensageiro dos Reinoso. Minha mãe não tinha coragem de dizer a Zana que eu não era empregado dos outros. Eu mesmo disse, exagerando um pouco, contando que Estelita atrapalhava a minha vida, que eu não tinha tempo para trabalhar em casa. Halim concordou comigo. E muitos anos depois, quando Zana expulsou brutalmente Estelita de casa, dei umas gargalhadas na cara daquela megera. (Hatoum, 2000, p. 54).

Ao adotar essa postura, Nael imediatamente deixa claro que Domingas não teve coragem de confrontar a patroa e dizer que o filho não era empregado dos vizinhos. Domingas age assim, pois teme ser mandada embora e ter de procurar um lugar para viver e trabalhar na companhia do filho. Esse é um exemplo da subserviência à qual ela precisa se submeter para criar o neto de Halim na casa dos patrões.

A justificativa apresentada por Nael (de que os pedidos de Estelita a qualquer hora do dia atrapalhavam o seu trabalho na casa de Zana e do marido) é suficiente para conquistar o apoio de Halim na luta por não mais atender aos mandados de Estelita Reinoso. Certa feita, ela foi expulsa da casa dos patrões de Nael, fato que provocou uma gargalhada do narrador de *Dois Irmãos*. O fato demonstra que a inconveniência de Estelita chegou a tal ponto que nem mesmo Zana conseguiu conter os ímpetos de mandar a matriarca dos Reinoso embora.

A SOCIEDADE AMAZÔNICA HODIERNA

Nos tempos atuais, os estados que compõem a região amazônica enfrentam situações que alteram as relações de

trabalho, com a introdução de novos elementos na realidade existente. Podemos citar pelo menos dois nos últimos dez anos.

Em 12 de janeiro de 2010, conforme já citado anteriormente, ocorreu o Sismo do Haiti, com epicentro na parte oriental da península de Tiburon, que causou a morte de aproximadamente 200 mil pessoas e 1,5 milhão de flagelados, bem como o êxodo em massa para outras nações, inclusive o Brasil. Para fugir dos horrores pós-terremoto, os haitianos passaram por países como Equador, Peru e Bolívia, entrando em solo tupiniquim pela Região Norte, especialmente pelo Estado do Acre, afetando significativamente a cidade de Brasília.

Se pensarmos apenas em números absolutos e analisarmos os dados obtidos pela Polícia Federal, constatamos que 72 mil haitianos entraram no Brasil entre 2010 e 2015, sendo que 2,8 mil passaram a residir em Porto Velho. Aproximadamente 800 deles foram recrutados para trabalhar nas usinas do Rio Madeira, de acordo com dados da Secretaria de Estado de Assistência Social (SEAS).

O advento das usinas hidrelétricas no Estado de Rondônia compõe o segundo momento, não só pela questão ambiental, que sobremaneira atingiu a região (com consequências diretas após o período de maior intensidade no trabalho de construção das usinas), como também pelo quantitativo exacerbado de pessoas que vieram das mais diversas partes do Brasil e do mundo, não só objetivando contribuir para o desenvolvimento das regiões onde as usinas de Santo Antônio e Jirau estavam estabelecidas, mas também buscando melhoria de vida.

Essa situação é análoga à dos imigrantes retratados nas obras de Milton Hatoum. Podemos citar como exemplo Galib e seu restaurante Biblos, ambos presentes na obra *Dois Irmãos*, que se tornaram pontos de referência para reuniões entre os imigrantes que residiam na Manaus da obra em análise.

A questão migratória é preponderante em todos os conceitos apresentados acima. Na questão dos haitianos aqui residentes, temos uma colônia que se estabelece em Porto Velho, com um considerável número de membros que, embora atuem em postos de trabalho diferentes (é possível encontrar alguns deles como funcionários da empresa que administra a coleta de lixo na capital rondoniense), certamente utilizam a língua comum (o francês) para se comunicar entre si, assim como os imigrantes na obra de Hatoum se valiam do árabe para algaraviar entre si. O uso da língua comum funciona como um retorno às raízes e reforça a atuação deste agrupamento como uma comunidade de relações privadas dentro do contexto de Porto Velho. Sobre este tema, é interessante verificar o que diz Júlio Rocha:

Os agrupamentos tal como os definimos possuem as suas relações privadas, as suas histórias, os seus domínios ambientais, as suas propostas políticas, uma certa cadeia de fatos que os conformaram, no sentido de poder dispor das suas energias e das suas significações. (Rocha, 2013, p. 104).

Essas relações privadas são constituídas no intuito de um resgate das raízes de cada membro do grupo, ainda que estejam inseridos em um país com cultura totalmente diversificada (com um tempo maior ou menor de permanência) e necessitem adaptar-se a uma nova realidade, valendo-se do

idioma do país para onde se deslocam, doravante conhecido como *língua de acolhimento*. Sobre essa denominação, convém verificar o que dizem:

Para os imigrantes, a apropriação da língua do país de acolhimento não é meramente um fim em si, mas um meio de integração. (...) As urgências do cotidiano em termos de trabalho, transporte, consumo, saúde e relações interpessoais trazem uma orientação pragmática ao processo de aprendizagem da língua de acolhimento. (Barbosa & São Bernardo, 2015, p. 136).

Embora seja importante manter as suas comunidades de relações privadas como forma de resgate da cultura de sua pátria de origem, no contexto da imigração a agilidade na integração com a nova pátria desempenha papel preponderante na busca de melhores condições de vida e de trabalho.

AS CONTRADIÇÕES EVIDENCIADAS NAS OBRAS

Durante a leitura atenta de uma obra literária, podemos encontrar algumas inconsistências relacionadas ao enredo ou mesmo a algum fato que, à primeira vista, deveria se desenrolar de um modo, mas que ocorre de forma diferente por opção do autor, com o objetivo de prender a atenção do leitor e gerar múltiplas interpretações.

Um exemplo disso vemos na obra *Cinzas do Norte*. Era sabido que Jano Mattoso desejava um herdeiro capaz de sucedê-lo na administração de seus negócios. Partindo dessa premissa, cabe um questionamento: por qual motivo Jano insistia para que Mundo o sucedesse, se o rapaz efetivamente não queria e nem mesmo era filho legítimo do empresário?

Outro questionamento: por que simplesmente não ter um filho e prepará-lo para assumir os negócios no futuro? A resposta para ambas as perguntas está na baixa expectativa de vida da população brasileira na época em que o romance está ambientado. Segundo levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida do brasileiro nos anos 1940 era de 45,5 anos. Duas décadas depois (época em que o romance está ambientado), alcançou 52,5 anos. Nos anos 1980, subiu para 62,5 anos e, na virada do milênio, atingiu o patamar de 69,8 anos.

O aumento substancial da expectativa de vida do cidadão brasileiro pode ser explicado por diversos fatores, como a melhoria das redes de água e esgoto, a evolução das pesquisas na área da saúde (que propiciaram o desenvolvimento de vacinas e antibióticos), a redução da mortalidade infantil, o crescimento econômico do país, entre outros.

Com base nessas informações, seria bastante provável que ter um filho na fase da vida em que Jano se encontrava pudesse ser arriscado, se o plano fosse prepará-lo para o futuro, já que muito provavelmente Jano morreria sem ver o herdeiro vindouro plenamente preparado para sucedê-lo.

Outra contradição está presente na obra *Órfãos do Eldorado*. Em poucas páginas, o leitor conhece a relação conflituosa entre Amando Cordovil e seu filho Arminto, iniciada no nascimento deste último, com a morte de sua mãe Angelina, e potencializada ao longo da vida do herdeiro da principal família retratada na obra.

Quando Arminto consegue emprego no empório de um português, precisa conciliar o trabalho com os estudos na

Universidade Livre de Manaus (uma realidade comum a muitos jovens brasileiros). Na mesma época, deixa a Pensão Saturno a caminho de uma residência no alto da mercearia Cosmopolita, localizada na rua Marquês de Santa Cruz.

Fui embora da pensão quando entrei na Universidade Livre de Manaus. E na mesma semana Juvêncio também saiu da Saturno. Ele foi morar na calçada do High Life Bar, e eu, no alto da mercearia Cosmopolita, na rua Marquês de Santa Cruz. Era um quarto espaçoso, com uma janela que dava para os edifícios da alfândega e da guardamoria. Na Cosmopolita conheci a cidade. O coração e os olhos de Manaus estão nos portos e na beira do Negro. A grande área portuária fervilhava de comerciantes, peixeiros, carvoeiros, carregadores, marreteiros. (Hatoum, 1989, p. 10).

O texto deixa explícito o encantamento de Arminto Cordovil com a cidade que se desenha diante de seus olhos, além da intensa atividade laboral que ocorre na zona portuária e às margens do rio Negro. Com a ida à universidade e o aluguel de um quarto, Arminto mostra ao leitor que busca desvincular-se da figura paterna e de tudo o que ela representava (inclusive pagando, com módico ordenado, o aluguel do quarto em que estava). Entretanto... as coisas não saem da forma que nosso herói imagina, como se pode ver abaixo:

Eu ia passar na chácara para estender a mão ao orgulhoso, mas o acaso fez o encontro. Uma tarde tive que ir ao cais da Escadaria para carregar umas caixas para o empório. Amando estava lá, com o gerente da empresa. Esse gerente imitava tudo do meu pai, até o jeito de andar. Não bebia porque o

patrão era abastêmio, e comprava roupa na Mandarin, a loja preferida de Amando. Mas o que me irritava mesmo era o olhar dele. Rosto com olhos de vidro. O sujeito nunca me encarava. E o que no meu pai era verdadeiro, no gerente era quase cômico. Mostrei os documentos do frete ao guardam-mor. Estava a poucos metros de Amando Cordovil, esperei uma palavra, ele olhou meu avental e não falou comigo: caminhou até o quiosque do Mercado, o gerente atrás que nem um cachorro. Dois dias depois o dono do empório avisou que um sobrinho ia trabalhar com ele. Não precisava mais de mim. (Hatoum, 2008, p. 10).

A contradição presente nessa passagem está na falta de diálogo entre pai e filho, para que Amando explicasse os motivos que o levaram a falar com o dono do empório para demitir Arminto. Uma das possíveis razões é a de que Amando quisesse manter o filho sob sua responsabilidade, com o objetivo de cuidar dos negócios da própria família. Vendo essa situação, o dono do empório demite Arminto e, ao nomear seu próprio sobrinho, demonstra manter o vínculo familiar, sem que haja a possibilidade de um personagem qualquer, ligado a um núcleo diverso, conseguir o emprego.

Outra possibilidade de leitura é a de que Armando queria provar sua superioridade no trato com o filho; para tanto, decidiu que não havia necessidade de comunicar-lhe a decisão de pedir sua dispensa das obrigações no empório.

Como consequência de ter sido mandado embora do armazém, o protagonista da história passará a trabalhar no Roadway, auxiliando no embarque e desembarque de passageiros. O trabalho de Arminto ocorria como uma espécie

de permuta, pois, em troca de sua força de trabalho, ele recebia chapéus, roupas e livros.

Com o passar do tempo, Arminto se adapta à rotina de labor. Entretanto, essa situação não o impede de conhecer passageiros que se deslocavam para os mais diversos recantos do Brasil e do mundo, como fica claro nesta passagem:

Já me acostumava com o trabalho no Roadway . Conversava com jovens que iam estudar no Recife, em Salvador e no Rio de Janeiro. Outros iam para a Europa. Chegava gente de muitos países e de todos os cantos do Brasil. O problema eram os pobres, o governo não sabia o que fazer com eles. As praças amanheciam com famílias que dormiam sobre jornais velhos, e eu podia ler notícias sobre meu pai nessas folhas amassadas e sujas; a notícia mais importante era a concorrência de uma linha de carga de Manaus para Liverpool. (Hatoum, 2008, p. 11).

Se, de um lado, há os representantes de uma elite burguesa, de outro, há os miseráveis, que não fazem o menor esforço para se esconder, como forma de exemplificar uma sociedade altamente diversificada. Esse quadro representa as mazelas sociais de uma região que, ao menos no prólogo da contemporaneidade (final do século XIX e início do século XX), buscou seguir à perfeição o conceito da *belle époque* parisiense.

Ao narrar as condições do pobre nessa passagem específica da obra *Órfãos do Eldorado*, Hatoum evidencia no texto a evidência da antítese social que domina o país desde o período do “descobrimento” e colonização. Esse fenômeno é explicado por Jessé Souza como uma estratégia utilizada pelas classes mais ricas, como se pode ver abaixo:

Os filhos dos pobres vivem em uma fronteira cinzenta entre moralidade e imoralidade, legalidade e ilegalidade, submetidos por um padrão moral construído pelas classes superiores para melhor oprimi-los. Essas classes, destinadas a ser humilhadas por esse esquema de classificação moral, também têm as menores chances cognitivas e afetivas de se defender em relação à rigidez das regras que as condenam desde o berço. (Souza, 2020, p. 179).

Essa opressão se manifesta, tanto nas obras do projeto literário de Milton Hatoum quanto na sociedade amazônica e brasileira, nos subempregos oferecidos aos mais pobres (quando existem), que, como consequência, impedem que os membros da camada mais vulnerável da população tenham condições mínimas de sobrevivência, aumentando assim os índices de miséria no Brasil.

Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, que virou notícia do portal G1⁷², observou que o número de pobres quase triplicou num período de seis meses, passando de 9,5 milhões em agosto de 2020 para 27 milhões em fevereiro de 2021. Como agravante, os preços dos alimentos atingiram valores altíssimos, dificultando o poder de compra da classe mais vulnerável, que passou a conviver com um fantasma cada vez mais presente: a fome. Segundo Edu Lyra, presidente da Gerando Falcões⁷³, é necessário que o governo, a sociedade

⁷² Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/04/05/numero-de-brasileiros-que-vivem-na-pobreza-quase-triplicou-em-seis-meses-diz-fgv.ghtml>. Acesso em: 1 ago. 2021.

⁷³ Este é um programa de desenvolvimento social oriundo das classes mais populares de Poá, interior de São Paulo, que hoje atua em dezenas

civil e a iniciativa privada unam esforços para desenvolver soluções que ajudem os mais necessitados.

Durante a adaptação imediata à nova realidade em que se encontrava, Arminto passou a aproveitar a badalada vida noturna da metrópole manauara, valendo-se da posição de trabalho em que se encontrava, bem como dos presentes ofertados pelos passageiros que atendia:

O que fiz foi me atirar à vida noturna na vizinhança do porto. Com a roupa que ganhava dos passageiros, não era difícil conquistar mulheres dos cabarés famosos. Bebia de graça a bordo do *La Plata* e trabalhava como carregador e guia turístico. (Hatoum, 2008, p. 11).

O fato de desenvolver seu trabalho de forma satisfatória permitia a Arminto contar com algumas regalias, como os presentes dos passageiros. Além disso, os empregados tinham acesso gratuito às bebidas, uma prática considerada incomum, devido ao alto preço dos produtos destinados aos turistas endinheirados que embarcavam nos navios.

de comunidades ao redor do Brasil, entregando serviços de educação, desenvolvimento econômico e cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta obra, que ora se finda (com evidente possibilidade de abertura de tema para trabalhos futuros), tem como escopo principal a categoria Trabalho, analisada dentro do contexto amazônico, considerando os quatro romances que constituem o projeto literário de Milton Hatoum, nos quais foram abordados temas a partir de recortes sobre trabalho e produção na Amazônia.

Com isso, elucidaram-se modos de funcionamento produtivo e relações trabalhistas em termos discursivos, obtendo-se uma tipologia contrastiva entre formas e modos de trabalho dos povos da floresta, bem como do trabalho urbano, atualizando-se uma perspectiva histórica, tanto por meio das cenas recortadas da obra de Hatoum como pelo levantamento de normas trabalhistas correlatas.

Além disso, por meio de um extenso levantamento de exemplos, percebe-se claramente a divisão do trabalho nos três setores (primário, secundário e terciário), conforme os modos de produção nos espaços produtivos dos locais da Amazônia descritos discursivamente. Os recortes das obras de Hatoum permitiram vislumbrar uma postura crítica político-cultural do autor, caracterizando ideologicamente os diversos modos de trabalho e de produção na Amazônia ao longo do século XX.

A caracterização dos tipos de trabalho e de produção encontrados nas obras do projeto literário de Milton Hatoum permitiu definir a cultura das épocas e frações sociais envolvidas. Tal definição possibilitou a compreensão de ocorrências pertencentes a tempos contemporâneos, além do efetivo confronto dos fatos atuais com os eventos retratados

nas obras do escritor em análise. Este confronto resultou na compreensão do processo histórico do trabalho nas obras do autor, entrelaçado com a história amazônica e com fatos históricos, externos à realidade de nossa região, que influenciaram significativamente o percurso histórico em caráter amazônico e brasileiro.

O discurso em *Relato de um Certo Oriente* destaca as relações trabalhistas e sociais ocorridas no contexto da família proprietária d'*A Parisiense*, empresa estabelecida em Manaus com décadas de história. Na mesma cidade, desdobram-se discursos que, em *Dois Irmãos*, puderam retratar o comércio e os setores de prestação de serviços atuando como pano de fundo. Entretanto, o foco da análise volta-se, prioritariamente, para a relação da empregada Domingas (trazida ainda criança à casa de Zana e Halim) com os seus patrões e com os filhos deles, permanecendo ali por toda a vida e testemunhando os fatos ocorridos, conforme a narração de seu filho.

O discurso em *Órfãos do Eldorado* procura mostrar, com tintas fortes, a derrocada econômica tanto da família Cordovil, que coincide com a queda da produção gomífera na Amazônia, como a falência sistemática de todos os empreendimentos locais, enquanto que, em *Cinzas do Norte*, a temática acerca da categoria trabalho na Amazônia é exibida sobretudo na produção de juta, produto introduzido em solo amazônico pelos japoneses nas primeiras décadas do século XX.

Embora sejam ficcionados, os fatos, conforme apresentados discursivamente nas obras em análise, representam episódios pontuais e períodos históricos efetivamente ocorridos em um espaço ficcional amazônico concreto, em uma temporalidade, como a *belle époque*,

marcada economicamente por um momento do ciclo da borracha ou, posteriormente, em *Cinzas do Norte*, de modo particular, pela ditadura militar. O discurso sobre os fatos evidencia a existência de seis principais modalidades de trabalho, polarizadas entre seus pares (urbano/rural, indígena/ribeirinho, infantil/adulto), bem como sua setorização produtiva.

Ao dar voz às classes excluídas (como no caso particular de Nael, personagem construído como o narrador de *Dois Irmãos*), Hatoum mostra, de forma perceptível às pessoas que o leem, estar engajado com as causas dos menos afortunados. Outras classes excluídas também são, de alguma forma, trabalhadas discursivamente nos mesmos moldes ideológicos nos escritos do autor, como os ribeirinhos e os seringueiros.

Acredita-se, portanto, que as quatro principais obras de Milton Hatoum podem ser caracterizadas especialmente por retratar, discursivamente, situações em que se realiza uma crítica modalizadora da categoria trabalho na Amazônia, ao longo do século XX, também caracterizada pelo conteúdo de normas trabalhistas que se desenvolveram na época, com recortes de cada personagem introduzido nas obras, cujos tópicos parecem empenhados em revelar interesses em uma argumentação com determinado sentido crítico e engajado. Para comprovar essa situação de engajamento, o levantamento realizado permitiu destacar uma tipologia na categoria Trabalho, na Amazônia, nessas quatro obras, que, afinal, especificam descrições críticas de natureza socioeconômica e político-cultural, ressaltando o seu funcionamento, que permite encaixar de modo aparentemente inextricável realidade e ficção.

REFERÊNCIAS

A LITERATURA é uma forma de resistência: entrevista com Milton Hatoum. [S. l.: s. n.], 23 out. 2017. 1 vídeo (33 min). Publicado pelo canal **Nexo Jornal**. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=RpRrVL9MreA&t=1445s. Acesso em: 11 mar. 2021.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é o trabalho**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ALVARENGA, Darlan; SILVEIRA, Daniel. Norte e Nordeste puxam desemprego recorde no primeiro semestre. **G1**, 2021. Disponível em: g1.globo.com/economia/noticia/2021/05/27/norte-e-nordeste-puxam-desemprego-recorde-no-1o-trimestre.ghtml. Acesso em: 28 jun. 2021.

AMADO, Jorge. **Jubiabá**. 21. ed. São Paulo: Martins, 1995.

AMARAL, Maria Adelaide. **Dercy de Verdade**. São Paulo: Globo, 1994.

AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. **ABC...zônia**: dicionário zoocultural da Amazônia. Porto Velho: Temática Editora, 2021.

ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ARAÚJO, Wagner dos Reis Marques. **Das margens dos rios à margem da sociedade**: trajetórias de mulheres sateré-mawé no trabalho doméstico em Manaus (AM). 2010. Dissertação (Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

ARCO entrevista escritor Milton Hatoum. UFSM, 2021.
Disponível em: www.ufsm.br/midias/arco/arco-entrevista-escritor-milton-Hatoum. Acesso em: 8 ago. 2021.

ARIÈS, Philippe & DUBY, Georges. **Historia de la vida privada: de la Primera Guerra Mundial hasta nuestros Días**. Tradução de José Luis Checa Cremades. Madrid: Taurus Ediciones, 1985.

ARQUITETURA e literatura: Pontos de Fuga – Milton Hatoum. [S. l.: s. n.], 31 ago. 2020. 1 vídeo (135 min). Publicado pelo canal FAUUSP. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=Qxbq8siDAkI. Acesso em: 11 mar. 2021.

ASSIS BRASIL, Luís Antônio. Entrevista com Milton Hatoum. **Revista Navegações**, vol. 2, n. 2, p. 1-12, jul./dez. 2009.

AZEVEDO, Nadma Oliveira de. **Infância e trabalho na Amazônia: o paradoxo do cotidiano**. 2017. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia). – Universidade Federal do Amazonas, Parintins, 2017.

BARBOSA, Andreson Carlos Elias. **O Instituto Paraense de Educandos Artífices e a morigerância dos meninos desvalidos na Belém da Belle Époque**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2011.

BENCHIMOL, Samuel. Romanceiro da batalha da borracha; ilustrações de Jorge Palheta e Moacir Andrade. Manaus: Imprensa Oficial, 1992. Disponível em: <https://archive.org/details/sb-021-romanceiro-da-batalha-da-borracha/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 23 ago. 2021.

BERGAD, Laird W. **Escravidão e história econômica: demografia de Minas Gerais, 1720-1888**. Bauru: EDUSC, 2004.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BOSI, Alfredo. Caminhos entre a literatura e a história. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 19, n. 55, p. 7-22, 2005.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 3. ed. São Paulo: Schwarcz, 1996.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lília Moritz. **Cidadania, um projeto em construção**: minorias, justiça e direitos. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 3 mar. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 17.943-A, de 12 de outubro de 1927**. Consolida as leis de assistência e proteção a menores. Disponível em: www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-17943-a-12-outubro-1927-501820-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 8 ago. 2021.

BRASIL. **III Plano Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção ao Adolescente Trabalhador**. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016**. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13257.htm. Acesso em: 30 mai. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017**. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm. Acesso em: 3 jul. 2021.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 3 mar. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 4.ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020.

BUENO, Magali Franco. **O imaginário brasileiro sobre a Amazônia:** uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de geografia e da mídia impressa. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre Igualdade e Diferença. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, vol. 13, n. 37, p. 45-57, jan./abr. 2008.

CANDIDO. Antonio. **Literatura e sociedade.** 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CECCARELLO, Vera Helena Picolo. A alegoria do dualismo brasileiro na obra Dois Irmãos de Milton Hatoum. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo.** Tradução de Noémia de Souza. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1978.

CINTRA, Jorge Pimentel. O mapa das cortes e as fronteiras do Brasil. **Boletim de Ciências Geodésicas**, Curitiba, v. 18, n. 3, p.421-445, jul./set. 2012.

CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. **Gramática da língua portuguesa.** São Paulo: Scipione, 1998.

COMPARATO, Fábio Konder. **A afirmação histórica dos direitos humanos**. 3. Ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

CORRÊA, Rosimay. **Festa de santo**: o pagamento de promessas em Parintins. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

COSTA, Fabrício Veiga; *et al.* **Dialética de uma democracia construída a partir dos direitos fundamentais**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

CRUZ, Montezuma. Artesanato de máscaras caseiras prospera e atende Porto Velho durante pandemia. Governo do Estado de Rondônia, 2020. Disponível em: www.rondonia.ro.gov.br/artesanato-de-mascaras-caseiras-prospera-e-atende-porto-velho-durante-a-pandemia. Acesso em: 31 jul. 2021.

DAOU, Ana Maria. **A belle époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

DIAS, Maria Madalena da Silva. **Um estudo do discurso memorialístico em Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade do Estado do Mato Grosso, Tangará da Serra, 2017.

DOMINGUES, José Maurício. **Sociologia e modernidade**: para entender a sociedade contemporânea. 3. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DOWBOR, Ladislau. **A era do capital improdutivo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

DRAUZIO entrevista Milton Hatoum. [S. l.: s. n.], 23 jun. 2016. 1 vídeo (76 min). Publicado pelo canal Drauzio Varella. Disponível em:

www.youtube.com/watch?v=hc8CT4s7yJ0&t=4053s. Acesso em: 11 mar. 2021.

DUAILIBE, Mônica Damous. **A informalidade das relações de emprego e a atuação da inspeção do trabalho**: uma análise para o Maranhão Contemporâneo. 2010. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2010.

DUTRA, Cristiane Feldmann; PEREIRA, Gustavo de Lima (Orgs.). **Direitos humanos e migrações forçadas**: migrações, xenofobia e transnacionalidade. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

EAGLETON, Terry. **A Ideia de cultura**. Tradução Elisabeth Barbosa. Lisboa: Atividades Editoriais, 2000.

EAGLETON, Terry. **A Ideologia da estética**. Tradução Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Tradução Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2017.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EL-GEHALY, Maged. Entrevista com Milton Hatoum. **Revista Crioula**, Belo Horizonte, n. 7, p. 163-172, maio 2010.

EMBAIXADORA das Filipinas no Brasil foi filmada agredindo empregada, diz TV. UOL, 2020. Disponível em: noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/10/25/embaixadora-das-filipinas-no-brasil-foi-filmada-agredindo-empregada-diz-tv.htm. Acesso em: 24 jan. 2021.

ENCONTRO com autor. [S. l.: s. n.], 18 fev. 2021. 1 vídeo (60 min). Publicado pelo canal Câmara dos Deputados. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=szOZQEqOBsE&t=2240s. Acesso em: 10 mar. 2021.

ENGELS, Friedrich. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. São Paulo: Ridendo Castigat Mores, 1999.

ENTREVISTA com Milton Hatoum, escritor e professor. [S. l.: s. n.], 08 jul. 2020. 1 vídeo (58 min). Publicado pelo Canal 247. Disponível em: youtu.be/aoARVzg7ggE. Acesso em: 11 mar. 2021.

ENTREVISTA com Milton Hatoum: influências, novos escritores, poética de romances, Amazônia e mais. [S. l.: s. n.], 26 jul. 2020. 1 vídeo (80 min). Publicado pelo Canal Rocka Studios. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=qUrC-njetuU. Acesso em: 11 mar. 2021.

EPISÓDIO completo: Histórias de Família – Entrevista com Milton Hatoum. [S. l.: s. n.], 12 abr. 2016. 1 vídeo (28 min). Publicado pelo canal Sesc TV. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=MaDmyQJC1tk&t=49s. Acesso em: 27 jul. 2021.

ESTENSSORO, Luis. **Capitalismo, desigualdade e pobreza na América Latina**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2003.

EXPECTATIVA de vida do brasileiro atinge 76,3 anos, aponta IBGE. Folhapress, 2019. Disponível em: www.acidadeon.com/cotidiano/NOT,0,0,1466443,Expectativa-de-vida-do-brasileiro-atinge-763-anos-aponta-IBGE.aspx. Acesso em: 8 jan. 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EdUFBA, 2008.

FELICIANO, Danivia Cassiano; BARBOZA, Letícia. Entrevista com Milton Hatoum. **Clarabóia**, Jacarezinho, v. 5, p. 129-135, jan./jun. 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERST, Marklea da Cunha. **Exploração do trabalho infantil sob a ótica dos direitos humanos**. 2012. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A história da loucura na idade clássica**. São Paulo, Perspectiva, 1978.

FRANZIN, Sérgio Francisco Loss. A tela amazônica de Milton Hatoum em Órfãos do Eldorado: análise dos matizes de discurso. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2012.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Valer, 2007.

GOTTARDI, Ana Paula Pellegrino. **De Porto a Porto**: o Eldorado brasileiro na percepção dos imigrantes haitianos em Porto Velho. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

GUEDES, Simoni Lahud. **Jogo de corpo**: um estudo de construção social de trabalhadores. Niterói: EdUFF, 1997.

HADJAB, Patrícia Dario El-moor. **Alimentação, memória e identidades árabes no Brasil**. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

HATOUM, Milton. A igreja do diabo. São Paulo, 21 ago. 2020. Facebook: miltonHatoumescritor. Disponível em:

www.facebook.com/miltonHatoumescritor. Acesso em: 10 mar. 2021.

HATOUM, Milton. Cantada por poetas e cenário de batalhas, Beirute vai se reconstruir. São Paulo, 09 ago. 2020. Facebook: [miltonHatoumescritor](https://www.facebook.com/miltonHatoumescritor). Disponível em: www.facebook.com/miltonHatoumescritor. Acesso em: 10 mar. 2021.

HATOUM, Milton. **Cinzas do norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HATOUM, Milton. Da presença da ausência. São Paulo, 27 dez. 2020. Facebook: [miltonHatoumescritor](https://www.facebook.com/miltonHatoumescritor). Disponível em: www.facebook.com/miltonHatoumescritor. Acesso em: 10 mar. 2021.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HATOUM, Milton. É na confluência de incompetência, descaso e crueldade que reside a tragédia em Manaus. São Paulo, 17 jan. 2021. Facebook: [miltonHatoumescritor](https://www.facebook.com/miltonHatoumescritor). Disponível em: www.facebook.com/miltonHatoumescritor. Acesso em: 10 mar. 2021.

HATOUM, Milton. Entrevista: Milton Hatoum fala sobre carreira, literatura, política, pandemia e Minas Gerais. São Paulo, 8 ago. 2020. Facebook: [miltonHatoumescritor](https://www.facebook.com/miltonHatoumescritor). Disponível em: www.facebook.com/miltonHatoumescritor. Acesso em: 10 mar. 2021.

HATOUM, Milton. Escritor de Manaus, Milton Hatoum critica governo. São Paulo, 15 jan. 2021. Facebook: [miltonHatoumescritor](https://www.facebook.com/miltonHatoumescritor). Disponível em: www.facebook.com/miltonHatoumescritor. Acesso em: 10 mar. 2021.

HATOUM, Milton. Manaus, AM, Brasil: séculos de flagelos. São Paulo, 05 fev. 2021. Facebook: [miltonHatoumescritor](https://www.facebook.com/miltonHatoumescritor).

Disponível em: www.facebook.com/miltonHatoumescritor. Acesso em: 10 mar. 2021.

HATOUM, Milton. Natal de outro tempo. São Paulo, 24 dez. 2020. Facebook: [miltonHatoumescritor](http://www.facebook.com/miltonHatoumescritor). Disponível em: www.facebook.com/miltonHatoumescritor. Acesso em: 10 mar. 2021.

HATOUM, Milton. O futuro da literatura é o seu passado, afirma Milton Hatoum. São Paulo, 31 jan. 2021. Facebook: [miltonHatoumescritor](http://www.facebook.com/miltonHatoumescritor). Disponível em: www.facebook.com/miltonHatoumescritor. Acesso em: 10 mar. 2021.

HATOUM, Milton. O porto é um lugar uterino, onde abriga as nossas origens. São Paulo, 8 ago. 2020. Facebook: [miltonHatoumescritor](http://www.facebook.com/miltonHatoumescritor). Disponível em: www.facebook.com/miltonHatoumescritor. Acesso em: 10 mar. 2021.

HATOUM, Milton. O professor no porão. São Paulo, 18 set. 2020. Facebook: [miltonHatoumescritor](http://www.facebook.com/miltonHatoumescritor). Disponível em: www.facebook.com/miltonHatoumescritor. Acesso em: 10 mar. 2021.

HATOUM, Milton. O que salta aos olhos. São Paulo, 8 jan. 2021. Facebook: [miltonHatoumescritor](http://www.facebook.com/miltonHatoumescritor). Disponível em: www.facebook.com/miltonHatoumescritor. Acesso em: 10 mar. 2021.

HATOUM, Milton. **Órfãos do eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HATOUM, Milton. Pianistas na Infância. São Paulo, 11 dez. 2020. Facebook: [miltonHatoumescritor](http://www.facebook.com/miltonHatoumescritor). Disponível em: www.facebook.com/miltonHatoumescritor. Acesso em: 10 mar. 2021.

HATOUM, Milton. Psicanálise na pandemia. São Paulo, 8 ago. 2020. Facebook: [miltonHatoumescritor](http://www.facebook.com/miltonHatoumescritor). Disponível em:

www.facebook.com/miltonHatoumescritor. Acesso em: 10 mar. 2021.

HATOUM, Milton. **Relato de um certo oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HATOUM, Milton. Réquiem à cidade da infância. São Paulo, 8 ago. 2020. Facebook: [miltonHatoumescritor](https://www.facebook.com/miltonHatoumescritor). Disponível em: www.facebook.com/miltonHatoumescritor. Acesso em: 10 mar. 2021.

HATOUM, Milton. Um livreiro em Marrakech. São Paulo, 16 out. 2020. Facebook: [miltonHatoumescritor](https://www.facebook.com/miltonHatoumescritor). Disponível em: www.facebook.com/miltonHatoumescritor. Acesso em: 10 mar. 2021.

HELENA, Lúcia. Com as variantes do coronavírus, será que é pra sair usando duas máscaras? UOL, 2021. Disponível em: www.uol.com.br/vivabem/colunas/lucia-helena/2021/02/23/com-as-variantes-do-coronavirus-sera-que-e-para-sair-usando-duas-mascaras.htm. Acesso em: 31 jul. 2021.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Tradução Waltensir Dutra. 16. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos**: uma história. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HUNTINGTON, Samuel. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Tradução M. H. C. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

ISHAY, Micheline. **Direitos humanos**: uma antologia. São Paulo: EDUSP, 2006.

JAMESON, Frederic. **A cultura do dinheiro**. 2. ed. Tradução Maria Elisa Cevasco e Marcos César de Paula Soares. Petrópolis: Vozes, 2002.

JÚNIOR, Norival Bottos. **O ritornelo do horror em Milton Hatoum**. 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

KHALIL, Lucas Martins Gama. **Ethos, cenografia e voz “demoníacos”**: o funcionamento discursivo do death metal. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

KOPSCHITZ, Isabel. Um passeio pelo art déco em Copacabana. O Globo, 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/imoveis/um-passeio-pelo-art-deco-em-copacabana-2787586>. Acesso em: 24 jul. 2021.

KOUTAKU, Projeto. A imigração japonesa no Amazonas. Manaus, 01 dez. 2018. Facebook: projetokoutaku. Disponível em: www.facebook.com/projetokoutaku/posts/ryota-oyamao-pai-da-juta. Acesso em: 10 ago. 2021.

LAMPOGLIA, Francis; SILVA, Jonathan Raphael Bertassi da; BASTOS, Gustavo Grandini; SOUSA, Lucília Mara Abrahão e. Golpe ou revolução? Um jogo discursivo na mídia. **Revista de Estudos do Discurso** (Online), v. 12, p. 27-43, jan./jun. 2016.

LEAL, Bruno Avelino. **Nas trilhas de Milton Hatoum**: um breve estudo de uma trajetória intelectual. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

LÍDERES religiosos alvos de operação em Maringá são indiciados por tráfico de pessoas, diz polícia. G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2021/08/03/lideres-religiosos-alvos-de-operacao-em-maringa-sao-indiciados-por-trafico-de-pessoas-diz-policia.ghtml>. Acesso em: 1 ago. 2021.

LIMA, Solimaria Pereira. **A Amazônia na perspectiva de dois literatos**: Márcio Souza e Milton Hatoum, diferenças e

proximidades. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2016.

LIRA, Aldízio Francisco; SILVA, Laudence Freitas da; FLORENTINO, Nádia Nelziza Lovera de. A música como instrumento de protesto: uma leitura da canção Saga da Amazônia. **Línguas & Letras** (Online), v. 21, p. 169-184, 2021.

MALUF, Renato Sérgio Jamil (Org.). **Insegurança alimentar e covid-19 no brasil**. Rede Penssan, 2021.

MANGUEIRA, Anna Cecília Santos. **Bitcoin**: uma análise da trajetória do dinheiro – do escambo às criptomoedas: um estudo das legislações vanguardistas e suas influências sobre o projeto de lei n. 2.303/15. 2018. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2018.

MARQUES, Carlos Alexandre Michaello; CRISTIANETTI, Jéssica (Orgs.). **Direitos fundamentais e relações sociais em tempos hipercomplexos**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

MAX, Chico. La jornada: a resiliência do povo venezuelano em busca de refúgio no Brasil. *In*: BAENINGER, Rosana; SILVA, João Carlos Jarochinski (Orgs.). **Migrações venezuelanas**. Campinas: Grupo de Estudos Elisa Barquó – Nepo/UNICAMP, 2018. p. 109-129.

MILTON Hatoum: espaço e literatura. [S. l.: s. n.], 1 abr. 2016. 1 vídeo (100 min). Publicado pelo canal Escola da Cidade. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=q_7FVNu4ffa&t=3969s. Acesso em: 11 mar. 2021.

MOREIRA, Maria Luiza Almada. **Milton Hatoum e o exílio como metáfora para a condição do intelectual**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

MORENO, Ana Carolina. Taxa de jovens negros no ensino superior avança, mas ainda é metade da taxa dos brancos. **G1**, 06/11/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/11/06/taxa-de-jovens-negros-no-ensino-superior-avanca-mas-ainda-e-metade-da-taxa-dos-brancos.ghtml>. Acesso em: 21 mar. 2021.

MUSTARD, James Fraser. O desenvolvimento da primeira infância e o cérebro – a base para a saúde, o aprendizado e o comportamento durante a vida toda. *In*: YOUNG, Mary Eming. (org.) **Do desenvolvimento da primeira infância ao desenvolvimento humano**: investindo no futuro de nossas crianças. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2010. p. 31-59.

NASCIMENTO, Amauri Mascaro; FERRARI, Irany; MARTINS FILHO, Ives Gandra da Silva. **História do trabalho, do direito do trabalho e da justiça do trabalho**. 3. ed. São Paulo, LTr, 2011.

NOGUEIRA, Wilson. Ryota Oyama, o pai da juta amazônica, nos tempos da guerra. Disponível em: www.amazonamazonia.com.br/2020/06/18/ryota-oyama-o-pai-da-juta-amazonica-nos-tempos-da-guerra-por-wilson-nogueira/. Acesso em: 30 jan. 2021.

NÚMERO de brasileiros que vivem na pobreza quase triplicou em seis meses, diz FGV. **G1**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/04/05/numero-de-brasileiros-que-vivem-na-pobreza-quase-triplicou-em-seis-meses-diz-fgv.ghtml>. Acesso em: 1 ago. 2021.

O AUTO da compadecida. [S. l.: s. n.], 18 nov. 2020. 1 vídeo (157 min). Publicado pelo canal Stuff & stuff. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=EwfjBA6nSV8. Acesso em: 6 ago. 2021.

OKAMOTO, Monica Setuyo. A educação ultranacionalista japonesa no pensamento dos nipo-brasileiros. **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 55, p. 1-18, maio/ago. 2018.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. Violência, sociedade & escola: da recusa do diálogo à falência da palavra. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 90-98, jan./abr. 2007.

OLIVEIRA, Helen de Souza. **Vida e ambiente na Beira-Rio de Educandos, Manaus - AM**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007.

OLIVEIRA, Maria Rita Berto de. **Uma análise do espaço romanesco em Dois Irmãos, de Milton Hatoum**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2013.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Reflexões sobre escrita, educação e sociedade. *In*: ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 45-60.

PEREIRA, Carolina de Almeida. **Do Haiti ao Brasil: um olhar analítico sobre a constante reprodução do projeto migratório dos haitianos no Brasil**. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Latino-Americanos) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

PESSOA, Alba Barbosa. **Infância e trabalho: dimensões do trabalho infantil na cidade de Manaus (1890-1920)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

PINHEIRO, Lucília Lúbia de Souza. **Cinzas do Norte de Milton Hatoum**: um romance de formação. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

PIÑON, Nélida. **A república dos sonhos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

PRESIDENTE da Fundação Palmares diz que escravidão foi benéfica. R7, 2019. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/presidente-da-fundacao-palmares-diz-que-escravidao-foi-benefica-27112019>. Acesso em: 19 jun. 2021.

QUEIROZ, Rafael da Silva. **A Amazônia complexa e residual de Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. **História, verdade e tempo**. Tradução Marlon Salomon. Chapecó: Argos, 2011.

REDE Salesiana Brasil de Escolas. **Diretrizes pedagógico-evangelizadoras da Rede Salesiana Brasil de Escolas**. Brasília: Edebê Brasil, 2018.

RIBEIRO, Felipe de Azevedo Silva; CARVALHO JÚNIOR, Jaime Ribeiro; FERNANDES, João Batista Kochenborger; NAKAYAMA, Luiza. Comércio brasileiro de peixes ornamentais. **Panorama da Aquicultura** [online], nov./dez. 2008.

RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. **Tempo** [online], vol.11, n. 22, p.5-30, 2007.

ROCHA, Júlio Cesar Barreto. **Pressupostos a uma filologia política**. Porto Velho: EdUFRO, 2013.

ROCHA, Júlio Cesar Barreto; DÍAZ, José Carlos Quiroga. Análise intercultural de argumentos: considerações metodológicas para a interpretação comparativa de discursos parafilológicos de jornais (Galiza, Brasil e Portugal). Tese (Doutorado) – Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2003.

ROCHA, Júlio Cesar Barreto; FLORENTINO, Nádia Nelziza Lovera de; LIRA, Aldízio Francisco. Trabalho infantil: entre a obra Dois Irmãos de Milton Hatoum e a realidade amazônica. *In: DA SILVA, Francisco Bento; NASCIMENTO, Maria de Fátima, CAPAVERDE, Tatiana da Silva (Org.). Narrativas literárias: ensaios críticos e tradução cultural.* Rio Branco: Nepan, 2020. p. 203-220.

RONDÔNIA (Estado). **Decreto nº. 24.919, de 5 de abril de 2020.** Dispõe sobre o Estado de Calamidade Pública em todo o território do Estado de Rondônia. Disponível em: www.rondonia.ro.gov.br/publicacao/decreto-n-24-919-de-5-de-abril-de-2020-estado-de-calamidade-publica/. Acesso em: 31 jul. 2021.

SAKAMOTO, Leonardo. Trabalho escravo é usado no desmatamento da Amazônia, diz chefe do MPT. UOL, 2019. Disponível em: <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2019/09/01/trabalho-escravo-e-usado-no-desmatamento-da-amazonia-diz-chefe-do-mpt/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

SALATA, André Ricardo. Uma nova abordagem empírica para hierarquia de status no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 31, n. 92, p. 1-22, out. 2016.

SALDANHA, Paulo Cordeiro. **O presente do grego.** Porto Velho: Temática Editora, 2020.

SANCHES, Osmar. **A economia informal e seus determinantes:** uma análise comparativa entre as regiões metropolitanas de São Paulo e da Cidade do México. 2009.

Dissertação (Mestrado em Economia Política) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

SANTOS, Adriana de Oliveira Francisco. **Identidade e ficcionalização no espaço biográfico em Dois Irmãos de Milton Hatoum**. 2014. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

SARLET, Ingo Wolfgang. **Os direitos fundamentais num mundo em transformação**. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SE AUMENTAR mais, profissão acaba: alta dos combustíveis já levou 25% dos motoristas de apps a desistir. G1, 2021.

Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/08/18/se-aumentar-mais-profissao-acaba-alta-dos-combustiveis-ja-levou-25-dos-motoristas-de-apps-a-desistir.ghtml>. Acesso em: 23 ago. 2021.

SEMANA Raduan Nassar: entrevista com Milton Hatoum. [S. l.: s. n.], 23 nov. 2020. 1 vídeo (75 min). Publicado pelo canal Gustavo Conde. Disponível em:

www.youtube.com/watch?v=JujH4l7ys_k. Acesso em: 10 mar. 2020.

SILVA, Antônio Cândido da. **Vila Amazônia: os koutakuseis**. Salto: Schoba, 2012.

SILVA, Bruno Sanches Mariante da. **Assistência e modernidade nos boletins da Legião Brasileira de Assistência (1945 – 1964)**. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2018.

SILVA, Ênio Moraes da. O estado democrático de direito. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, ano 42, n. 167, p. 55-70, jul./set. 2005.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Victor Leandro da. **O Norte impossível**: ficção, memória e identidade em narrativas de Milton Hatoum. 2011. Dissertação (Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

SILVAN, Denison. **Trabalhadores da juta na Amazônia**: trajetórias de luta, suor e sofrimento. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

SIMAS, Tatiane. **Histórias de resistências de mulheres escravizadas em Pernambuco**. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

SOUZA, Jessé. **A guerra contra o brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira**: ou como o país se deixa manipular pela elite. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020.

SOUZA, Márcio. Amazônia e modernidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 215-228, 2002.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**: do período pré-cambriano aos desafios do século XXI. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2019.

SOUZA, Márcio. Literatura na Amazônia ou literatura amazônica? **Revista Sentidos da Cultura**, Belém, v. 1, n. 1, p. 45-52, jul./dez. 2014.

SOUZA, Márcio. **Mad Maria**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

STANDING, Guy. **O Precariado**: a nova classe perigosa. Tradução Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

STELMACH, Caroline Laís da Silva; PICUSSA, Denise Oliveira; IZUTA, Thierry Gihachi (Orgs.). **Reflexões sobre democracia e direitos fundamentais**: uma análise do atual ordenamento brasileiro. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

STURZA, Janaína Machado; MARQUES, Aline Damian. A importância do trabalho para a consolidação da dignidade do homem: apontamentos sob a perspectiva dos direitos sociais. **Revista Direito, Estado & Sociedade**, n. 50, p. 109-125, jan./jun. 2017.

TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira de. **Milton Hatoum**: itinerário para um certo relato. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

TRABALHO, Organização Internacional do. **Convenção nº 107**. Sobre a proteção e integração das populações indígenas e outras populações tribais e semitribais de países independentes. Disponível em: www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/indios/lex130a.htm. Acesso em: 24 jun. 2021.

TRABALHO, Organização Internacional do. **Convenção nº 138**. Sobre a Idade Mínima de Admissão ao Emprego. Disponível em: www.tst.jus.br/documents/2237892/0/Conven%C3%A7%C3%A3o+138+da+OIT++Idade+m%C3%ADnima+de+admiss%C3%A3o+ao+emprego. Acesso em: 24 jun. 2021.

UNIDAS, Organização das Nações. **Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU**. Disponível em: www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos. Acesso em: 4 mar. 2021.

VASCONCELOS, Welen Batalha Pereira de. **Redesenho do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI)**: as ações estratégicas municipais no enfrentamento à exploração do trabalho infantil em Manaus. 2018. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

VERSIGNASSI, Alexandre. **Crash**: uma breve história da economia: da Grécia Antiga ao século XXI. São Paulo: LeYa, 2011.

VIEIRA, Marcia Guedes. **Trabalho infantil no Brasil**: questões culturais e políticas públicas. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

VIOTTO, Estrela Dalva Amoedo. **Memórias de um norte em ruínas**: representações coloniais e descolonização em *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2013.

WEBER, Max. **Psicofísica do trabalho industrial**. Tradução Daniel Fanta. São Paulo: Alphagraphics, 2009.

ZUANON, Jener Alexandre Sampaio; SALARO, Ana Lúcia; FURUYA, Wilson Massamitu. Produção e nutrição de peixes ornamentais. **Revista Brasileira de Zootecnia** [online], v. 40, p.165-174, 2011.



Editora Associada



Obra Registrada



Publicando saberes,
capacitando pessoas